Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1972- N.º 17857-ANO 52.º-PREÇO 1$50

CHACINA DESENCADEIA CRISE POLÍTICA NA ALEMANHA

BRANDT INQUÉRITO À POLÍCIA

A dois meses das eleições legislativas que o deverão opôr ao Partido Cristão-Democrata — a que pertence o líder bávaro Frank-Joseph Strauss — o chanceler Willy Brandt enfrenta agora uma grave crise política desencadeada no interior do seu Gabinete pelos trágicos acontecimentos de Munique. Falando a um grupo de jornalistas alemães, Willy Brandt declarou ontem em Bona ter ordenado um rigoroso inquérito aos acontecimentos de Munique com o objectivo de apurar toda a verdade e expor os factos «por mais desagradáveis que eles possam ser». Segundo a versão transmitida pela rádio e televisão, o chanceler teria ameaçado nomear uma comissão de inquérito independente, caso as autoridades bávaras se recusassem a colaborar com o Governo federal. Um comunicado distribuido mais tarde pelo Gabinete do Ministério Federal do Interior, informava que «depois de ter sido consultado e em nome do chanceler Willy Brandt, o ministro do Interior Genschner declara que as informações sobre as críticas do chanceler acerca da acção da Polícia bávara eram «uma reprodução errada de uma conversa particular». O comunicado acrescentava serem falsas as informações de que o chanceler tinha oferecido os serviços da Polícia federal. (ANI, R. e DL)

PARIS TREMEU

Paris e toda a região ocidental da França registaram, à meia-noite de ontem, abalos sísmicos que fizeram sair a população em pânico para as ruas. Os primeiros abalos foram sentidos às 23 h e 30 m na região de Bordéus, sendo em seguida afectada a região de Paris e, por último, a Normandia. Em Espanha, nas regiões de San Sebastian e Bilbau, foram igualmente registados ligeiros abalos, entre as 23 e 30 e as 24 horas, com a duração de alguns segundos. Tanto em Espanha como na França, não há indicações de vítimas ou prejuízos materiais, para além das fendas abertas nas casas. (R./DL)

HOJE: 32 PÁGINAS

A dor explodiu dramàticamente quando os restos mortais dos reféns chegaram ontem a Israel. (UPI/Telimprensa/DL)

TELEX DE NEVES DE SOUSA

Enviado especial do "DL"

QUEM DEU AO GATILHO?

Todo o calendário de competições foi alterado: e algumas mudanças estão mesmo a processar-se apenas poucas horas antes. Com aquilo que restou da delegação israelita. a regressar ao seu país, com a polícia de Munique a tentar (em sucessivas conferências de Imprensa) justificar-se do tremendo e dramático desfecho da luta no aeroporto, com as pessoas muito tristes e já só desejosas de ver acabar esta ex-reunião da paz, os jogos vão desfilando sem o fulgor inicial.

Junto à estação de Caminho de Ferro, estão afixadas as fotos dos onze israelitas mortos (dois na aldeia e os restantes na luta entre a polícia e os terroristas). A s forças policiais

Continua na pág. 15

NA CADEIRA DE MACHADO

Ao ser empossado hoje como sócio honorário da Academia Brasileira de Letras, que lhe reservou, em deferência especial, a cadeira que foi ocupada pelo imortal Machado de Assis, o prof. Marcello Caetano (na telefoto a ser saudado por portugueses radicados no Rio) proferiu importante discurso político, cuja íntegra está na pág. 4.

HOJE:

MESA REDONDA

DL / VIDA NACIONAL

Marcello Caetano no Rio

RIO DE JANEIRO, (ANI), 8 — O único dia consagrado ao Rio de Janeiro pelo prof. Marcello Caetano na segunda visita que efectua ao Brasil depois de nomeado presidente do Conselho de Ministros de Portugal iniciou-se com a cerimónia do seu investimento como «Doctor Honoris Causa» da Universidade de Guanabara, cuja reitoria se encontra instalada no que foi o solar da marquesa de Santos, não longe do antigo Paço da Boa Vista.

Na qualidade de chanceler da Universidade, o governador do Estado da Guanabara, Chagas Freitas, entregou ao prof. Marcello Caetano o colar universitário e o respectivo diploma, na presença da assembleia dos professores na Sala dos Actos.

A seguir o prof. Marcello Caetano dirigiu-se para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A nova sede do Instituto ergue-se na Avenida Augusto Severo, próximo da Cinelândia, em pleno centro da cidade.

Às dezasseis horas, o prof. Marcello Caetano chegou à Academia Brasileira de Letras, onde tomou posse da sua cadeira de sócio correspondente.

A cada sócio da Academia cabe uma cadeira numerada, sendo distinta a numeração para os sócios efectivos (todos brasileiros) e para os correspondentes. Marcello Caetano foi eleito para a cadeira número um dos correspondentes, em que anteriormente se sentaram o filólogo Gonçalves Viana, o escritor e diplomata Alberto de Oliveira e o historiador rev. padre Serafim Leite.

Os sócios correspondentes da Academia Portuguesa são actualmente dez: além de Marcello Caetano, o cardeal Gonçalves Cerejeira, o dr. Nuno Simões, os profs. Amorim Ferreira, Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves e Vitorino Nemésio, e os escritores Joaquim Paço d'Arcos, Luís Forjaz Trigueiros e João Gaspar Simões.

Recebido à entrada da Academia pelo respectivo presidente, Austragesilo de Ataíde, dirigiu-se, depois, Marcello Caetano, acompanhado pelo presidente da Academia, para o salão de chá.

Pelas dezasseis horas e trinta, teve início, no salão nobre, a cerimónia solene da posse de Marcello Caetano como sócio correspondente da Academia, cerimónia durante a qual esteve sentado, por especialíssima deferência, não na cadeira que lhe cabe, mas naquela (de sócio efectivo) que foi de Machado de Assis, fundador da Academia — e tem o número 23.

Marcello Caetano entrou no salão acompanhado por três académicos efectivos. O prof. Luís Viana Filho saudou-o, em nome da Academia.

Luís Viana Filho, que foi ministro federal e governador do Estado da Baía, é uma figura ilustre da historiografia brasileira, sendo autor de obras valiosas em que se destacam as biografias de Machado de Assis, do barão do Rio Branco e de Rui Barbosa.

Na última cerimónia oficial da sua permanência no Brasil, o Presidente do Conselho português desloca-se ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde será recebido pelo prof. Hélio Tornaghi, e por outros catedráticos ao lado dos quais estará o embaixador de Portugal no Brasil, dr. José Manuel Fragoso.

Os hinos do Brasil e de Portugal foram executados pela banda de música dos Lanceiros da Polícia Militar, em uniforme de gala. O prof. Marcello Caetano dirige-se depois para a mesa de honra, presidida pelo governador Chagas Freitas, à direita de quem se senta o prof. Marcello Caetano. Na mesa da presidência tomam também lugar o ministro da Justiça, prof. Alfredo Buzaid, o director da Faculdade, prof. Hélio Tornaghi, e o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austragesilo de Ataíde, entre outras entidades.

Com a mesa de honra completa, foi lida a relação dos 346 bacharelandos e o orador da turma, Feliciano Gonçalves de Araújo, proferiu a saudação ao paraninfo, depois do que o prof. Marcello Caetano fala aos novos bacharéis.

Decorado especialmente para esta cerimónia, que se integra nas comemorações do sesquincentenário da independência do Brasil, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro apresentará o aspecto dos grandes dias festivos, com bandeiras e galhardetes no exterior do edifício, com as cores de Portugal e do Brasil.

Concluída a cerimónia do Teatro Municipal, o prof. Marcello Caetano sairá do edifício com cerimonial idêntico ao da chegada, dirigindo-se para a Embaixada de Portugal, onde se efectua uma rápida recepção para reduzido número de convidados, após o que segue para o aeroporto do Galeão, onde toma o «Jumbo» dos TAP que o trará de regresso a Portugal depois de três jornadas em que se proferiram afirmações das mais categóricas e significativas sobre o futuro da comunidade luso-brasileira e sobre a amizade cada vez mais estreita entre os dois países.

Marcello Caetano visitou a EXPO BRASIL 72 num mini-carro eléctrico conduzido pelo ministro Brasileiro da Indústria e Comércio

S. PAULO
O DIA DE ONTEM

Após ter assistido, ao lado do presidente Médici, ao desfile militar na Avenida Paulista com que encerraram as comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil, o prof. Marcello Caetano almoçou, no hotel em que esteve hospedado, com representantes da colónia portuguesa de S. Paulo. No final foi-lhe oferecido um quadro a óleo do pintor brasileiro Clóvis Graciano, intitulado «Músicos».

À tarde, o presidente do Conselho visitou a «Export 72», feira de produtos de exportação agora aberta na capital paulista, tendo assistido, mais tarde, ao espectáculo de som e luz «Quatro séculos de Brasil», que decorreu na colina do Ipiranga.

Terminado o espectáculo, o prof. Marcello Caetano dirigiu-se para o Palácio dos Bandeirantes, onde lhe foi oferecido pelo presidente Médici um jantar de gala, com recepção, a que estiveram presentes cerca de dois mil convidados.

aumento de capital

de 400 000 contos
para 550 000 contos

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Emissão de 300 000 acções do valor nominal de 500$00 cada, autorizada por portaria de 7 de Agosto de 1972, publicada no «Diário do Govêrno», III série, de 22 de Agosto de 1972.

Este aumento de capital social efectua-se nas seguintes condições:

1. Emissão de 200 000 acções por incorporação de 100 000 contos de reservas no capital social,

para serem distribuídas pelos accionistas. Por cada QUATRO acções que já possui, cada accionista receberá, gratuitamente, UMA nova acção, tendo apenas que pagar o imposto de Mais-Valias.

Estas novas acções serão entregues a partir de 2 de Janeiro de 1973 contra pagamento do imposto de Mais-Valias de 25$00 por cada acção sendo necessário apresentar o respectivo impresso, devidamente preenchido, assim como os coupons n.º 14 representativos de 4 acções ou os títulos de assentamento para serem carimbados. Antes desta data não é necessária qualquer iniciativa dos Senhores accionistas.

2. Emissão de 100 000 acções, destinadas à subscrição pública,

sujeita a rateio. O valor de cada uma destas acções é de 3500$00 e o seu pagamento será feito em duas prestações, a primeira de 2000$00, no acto da subscrição, e a segunda de 1500$00, até 15 de Dezembro de 1972.

A subscrição efectua-se nos dias, 11, 12 e 13 de Setembro de 1972, em todos os balcões do Crédito Predial Português.

As acções a emitir terão direito à totalidade do dividendo relativo ao exercício de 1973.

As importâncias correspondentes a acções não atribuídas no rateio serão devolvidas a partir de 2 de Outubro de 1972.

Prevê-se a substituição das cautelas representativas das acções atribuídas pelos títulos definitivos a partir de 15 de Dezembro de 1972.

Poderá ser obtido um prospecto elucidativo sobre este aumento de capital em todos os balcões do Crédito Predial Português.

Após esta emissão o Capital e Reservas do Crédito Predial Português ascenderão a 1 054 200 contos.

LISBOA, 7 de Setembro de 1972.
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DOS CAMPEONATOS NACIONAIS

EM SUPLEMENTO DESTACAVEL A CORES NO PRÓXIMO DOMINGO 10 DE SETEMBRO NO NOSSO JORNAL COM O PATROCÍNIO DA CERVEJA

SAGRES

DR. JOAQUIM MANSO

É celebrada amanhã, às 12 horas, na igreja dos Mártires, missa do 15.º aniversário (que ocorre no domingo), da morte do dr. Joaquim Manso, fundador deste jornal, onde se mantém a sua memória tutelar como exemplo e estímulo constante.

O dr. Joaquim Manso, rodeado de um grupo de jovens ousados e outros experimentados jornalistas, conseguiu fazer do «Diário de Lisboa» um jornal cujo espírito inovador e elevação de propósitos o ergueram a uma posição de relevo na Imprensa Portuguesa, criando uma tradição de prestígio que se tornou perdurável.

DR. FRANCISCO VIEIRA MACHADO

Mandada celebrar pelo conselho de administração do Banco Nacional Ultramarino, rezou-se ontem, na igreja de S. Domingos, missa do 7.º dia, por alma do sr. Francisco Vieira Machado, que foi governador daquele estabelecimento bancário e fugura de relevo na vida portuguesa.

Ao piedoso acto, assistiram o secretário de Estado do Fomento Ultramarino, dr. Rui Martins dos Santos; o subsecretário da Saúde e Assistência, dr.ª Maria Teresa Lobo; dr. Manuel Tarujo de Almeida, comissário do Governo junto do B. N. U. o vice-governador, D. Luis Pereira Coutinho; os administradores drs. Samuel Rodrigues Sanches, Pedro Gaivão, embaixador Luís Esteves Fernandes e dr. José Manuel Passeiro; Artur Santos Sena, presidente do Conselho Fiscal; eng.ºs Carlos Schmidt e João Barata Galbliandini Graça; e ainda os eng.ºs Francisco de Vasconcelos Melo e Carlos Marques de Sousa.

Opinião

HONRAR A PALAVRA DADA

A nossa posição perante os trágicos acontecimentos de Munique ficou perfeitamente definida no editorial que anteontem publicámos. Até mesmo os factos ocorridos subsequentemente encontram eco nos comentários que fizemos num momento em que parecia haver ainda esperanças de um desenlace menos desastroso. Mas a gravidade do que veio a acontecer impõe maior particularização.

Citar-se a si mesmo é considerado procedimento censurável, mas a ninguém parecerá, decerto, abusiva a transcrição de uma passagem daquele editorial, a qual, no novo contexto, vem a ganhar um sentido novo. Escrevemos nós: **«Penetrar na Aldeia Olímpica, de armas na mão, disparando à toa, é escolher um alvo fácil (...). Mesmo considerando que ninguém é totalmente inocente, há graus de culpabilidade: não parece curial que as retaliações escolham para vítimas pessoas que certamente não ocupam lugares de responsabilidade maior...»**

Estas palavras censuravam, evidentemente, a acção dos guerrilheiros, mas servem agora, com mínimas alterações, para censurar a atitude das autoridades alemãs: basta substituir «aldeia olímpica» por «aeroporto», e todo o trecho recupera a mais rigorosa actualidade. Ao determinarem, naquelas condições, numa acção de força, desencadeada com o aspecto de uma verdadeira operação de guerra, as autoridades alemãs adoptaram os meios e os processos que poucas horas antes haviam apontado à condenação mundial. E, neste ponto, é impossível não recordar uma vez mais o nosso editorial: **«Há tentações a que o género humano não pode ceder, sob pena de cair na animalidade cega, no gosto de uma destruição que acaba por perder de vista os objectivos iniciais, porventura respeitáveis...»** Nestas palavras não há que alterar uma vírgula.

Mas os acontecimentos do aeroporto, que ampliaram a tragédia a dimensões absurdas, trazem uma agravante ao complexo de violências iniciado com a acção dos guerrilheiros de «Setembro Negro»: ao intervirem do modo como o fizeram, as autoridades alemãs assumem não pequena responsabilidade na chacina. Morreu gente inocente em Munique, mas não apenas na Aldeia Olímpica: no deserto em que, para o bom desenrolar das operações, se transformara o aeroporto, a morte desses inocentes enche agora o silêncio de protestos e exige do mundo solícito uma outra condenação não menos veemente.

Diz o ministro do Interior alemão que a vida dos reféns estava irremediàvelmente condenada, uma vez que o Governo de Israel não aceitaria as condições apresentadas pelos guerrilheiros. Parece-nos incongruente a declaração, uma vez que, supomos, o Governo israelita não entregou às autoridades alemãs a sua representação. E mesmo que a tese com que se pretende justificar agora a acção, viesse a ser confirmada, parece evidente que a responsabilidade seria exclusivamente de Tel-Aviv. As autoridades alemãs decidiram ser mais papistas que o papa: o erro cometido não depõe a favor do seu tacto político.

Além de tudo, há outra questão que de modo algum devemos esquecer. E essa, por muito fora de moda que pareça a alusão, tem ainda algum peso: as autoridades alemãs faltaram, muito simplesmente, à palavra dada. Em circunstâncias semelhantes, outros Governos a honraram escrupulosamente e isso foi reconhecido pelos próprios adversários. Seria demasiado esperar que o exemplo se repetisse? Provou-se que sim. E Munique passou a ser uma vez mais (veja-se a história) um espinho na consciência dos alemães...

Automóveis internacionais

Após três dias de conversações com o ministro das Finanças sul-africano, um dos membros da administração da Alfa Romeo anunciou que a empresa italiana iria investir 13,3 milhões de dólares na Africa do Sul durante os próximos três anos. Metade daquele quantitativo destinar-se-ia aos edifícios da sede da sociedade e a outra metade à construção de uma fábrica de montagem de automóveis, nos arredores de Pretória, cuja produção deverá iniciar-se em fins do próximo ano.

Presentemente, os automóveis Alfa Romeo são montados na Africa do Sul, sob contrato, pela Datsun Nissan Investments, empresa subsidiária da produtora de cobre Messina Transvaal Industries.

A Alfa South Africa, da qual a Alfa Romeo é proprietária exclusiva, espera poder apoderar-se de 5 por cento do mercado automóvel sul-africano. Em 1971 vendeu 2492 unidades, o que correspondeu a 1,4 por cento do mercado local e representou um aumento de 18,5 por cento relativamente às vendas do ano anterior.

Crédito ao Brasil

O Brasil beneficiou recentemente de duas operações de crédito realizadas pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento.

A primeira de entre elas contemplou a empresa Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais, SA (USIMINAS), um dos três maiores produtores de chapa de aço do país; foi-lhe concedido um empréstimo de 42 milhões de dólares, que lhe permitirá aumentar a sua capacidade de produção de 1 milhão, actualmente, para 2,4 milhões de toneladas anuais em 1976. Este empréstimo, facultado através dos recursos ordinários do banco, é reembolsável em 15,5 anos e vence a taxa de juro anual de 8 por cento.

Por outro lado, o BID aprovou a abertura de uma linha de crédito do tipo «revolving», no valor de 5 milhões de dólares, ao Banco do Brasil SA, soma que esta instituição utilizará para auxiliar o financiamento da exportação de bens de capital para outros países de América Latina membros do BID. A taxa de juro cobrada é de 7 por cento.

Sociedade de Gestão

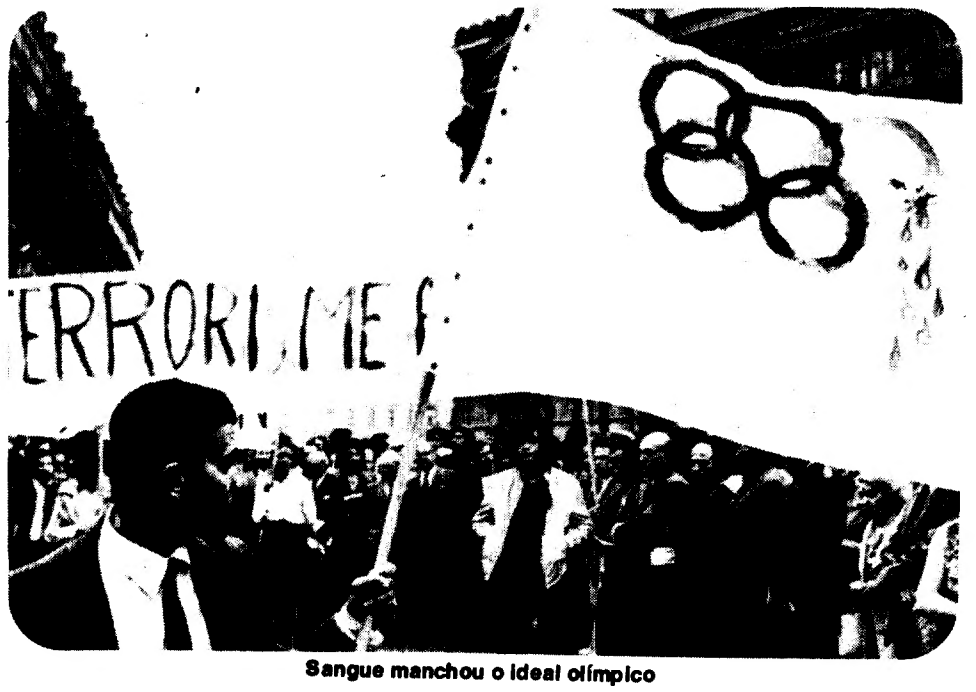
O Save and Prosper Group Ltd., o mais importante «unitrust» da Grã-Bretanha, anunciou a criação, por um consórcio bancário internacional, de uma nova sociedade de gestão de fundos mútuos denominada «Interselex SA», com sede no Luxemburgo e com um capital de 10 milhões de francos luxemburgueses.

A nova sociedade vai criar dois fundos mútuos: Interselex Capital Fund e Interselex General Fund. O primeiro constituirá uma carteira de valores internacionais com rendimento variável e o segundo será orientado para valores com um rendimento regular, com um crescimento a longo prazo apenas suficiente para preservar os investidores da deterioração do valor do seu capital.

Já foram obtidas as autorizações necessárias e as acções vão ser brevemente postas à subscrição ao preço de 100 francos luxemburgueses cada, passando a variar a sua cotação em função do valor dos activos em carteira.

Do consórcio bancário internacional fazem parte, além do Save And Prosper Group Ltd., os Banque Degroof, Banque Nagelmackers, Continental Bank, Crédit Industriel d'Alsace et de Lorraine, Phoenix Continental e Unibanque.

O "IMPASSE" ALEMÃO



Sangue manchou o ideal olímpico

A Olimpíada frustrada

Os Jogos Olímpicos da recuperação alemã ocidental, a XX Olimpíada, que deviam ser este ano o remate da obra de reconstrução da República Federal, e da política social-democrática de repúdio da herança nazi, simbolizada pelos Jogos de Berlim, de 1936, transformaram-se a poucos dias do fim numa tragédia sangrenta bem representativa da frustração alemã e do «impasse» em que se encontra uma nação que já procurou por duas vezes na História contemporânea ditar a sua vontade à Europa e ao mundo.

A grandiosidade e a sumptuosidade da nova Olimpíada alemã, realizada no cenário futurista expressamente montado em Munique, numa demonstração impressionante da capacidade técnica e de organização da Alemanha Ocidental, durante um ano crucial para o Governo do ex-fugitivo ao nazismo Willy Brandt, desabaram por não ter sido previsto aquilo que era afinal previsível: um ataque dos guerrilheiros palestinianos árabes aos atletas israelitas. E o erro atingiu ainda maiores proporções quando a Polícia alemã ocidental recebeu ordem para disparar, sem meios para impedir a chacina consequente.

Numa colossal manifestação de imprevidência, os responsáveis alemaes ocidentais não só não tomaram as medidas mínimas para evitar o incidente na Aldeia Olímpica, como também acabaram por precipitar um desfecho em que a ineficácia desempenhou um papel de relevo, tingindo com mais sangue judaico o solo da Alemanha, onde, sob o Terceiro Reich, os fieis seguidores de Adolfo Hitler massacraram muitos dos seis milhões de judeus sacrificados no altar do nacional-socialismo.

A escalada da acção palestiniana contra Israel atingiu assim um paroxismo que fez da República Federal Alemã um dos mais importantes campos de batalha centrada no Médio Oriente. Irònicamente, a Alemanha pós-nazi vê-se envolvida no vértice israelo-árabe, arrrastada por paixões que talvez não entusiasmem por aí além muitos dos seus cidadãos.

Com a sua lógica extremista implacável, os guerrilheiros palestinianos, não hesitaram em levar o seu combate até aos próprios Jogos Olímpcios, rompendo desta maneira uma tradição de tréguas inerente ao carácter das Olímpiadas e uma vez mais se provou que a violência política que caracteriza presentemente o nosso planeta. No entanto, se por um lado, o ataque dos guerrilheiros deparou com um eco favoravel, na maioria dos países árabes, por outro lado, suscitou uma vaga de protestos e de condenações à qual aderiram mesmo alguns Governos comunistas, e que foi imediatamente aproveitada pelos Estados Unidos e por Israel no sentido de mobilizarem a opinião pública e os esforços internacionais com vista à drástica liquidação das incómodas acções palestinianas.

Portanto, o massacre de Munique poderá vir ao encontro dos esforços empreendidos actualmente para neutralizar a causa palestiniana, a fim de facilitar uma solução do problema do Médio Oriente, ignorando os interesses dos árabes deslocados na Palestina pela criação do moderno Estado judaico, pouco depois da Segunda Guerra Mundial. A espectacular iniciativa dos «feddayin» poderá ser até certo ponto um tiro pela culatra.

Contudo, para efeitos imediatos, a sua acção afecta muito mais a Alemanha Ocidental, que tantas esperanças depositava na XX Olimpíada, em vésperas de acontecimentos decisivos para o Governo de Bonn: reconhecimento da República Democrática Alemã — a outra Alemanha, saída da derrota em 1945 — e ampliação do Mercado Comum Europeu, com a entrada da Inglaterra e de mais três países, que permitiria à República Federal enfrentar com maior sucesso os esforços da França para se garantir uma posição de hegemonia na Comunidade Económica. Além disso, o chanceler Willy Brandt deixará de poder agitar nas eleições antecipadas para este ano o trunfo olimpico, agora manchado de sangue.

Munique, que assistiu à ascensão de Hitler e que se tornou sinónimo do esquartejamento da Checoslováquia, identifica-se hoje finalmente com um traumatismo do qual o povo alemão terá dificuldade em desembaraçar-se depressa.

De NUNO VIEIRA, enviado especial

DL/NACIONAL

DISCURSO DE MARCELLO CAETANO NO RIO

"EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE AS INSTITUIÇÕES SÃO AS DE ESTADOS FEDERADOS AMPLAMENTE AUTÓNOMOS"

RIO DE JANEIRO, 8 (ANI) — Foi o seguinte o discurso que o prof. Marcello Caetano proferiu ao ser investido no grau de doutor "honoris causa" pela universidade da Guanabara:

"Pela mão do meu querido amigo e colega prof. Caio Tacito vim a primeira vez, há anos, a esta universidade onde carinhosamente fui saudado pelo conselho universitário em cerimónia para mim inesquecível.

"Quisestes depois chamar-me à vossa congregação. E mais uma vez fico devendo a Caio Tacito o relatório com que o conselho apoiou a proposta do magnífico reitor, insigne magistrado e mestre eminente, que é o professor Oscar Tenório, e, agora, a oração com que sou acolhido entre os doutores da universidade do estado da Guanabara.

"Não escondo quanto me tocam o coração as distinções universitárias. Primeiro porque me evocam o esforço que fiz, na juventude, para conquistar as primeiras. Depois, porque tendo abraçado a carreira do ensino por vocação e consagrado ao estudo a maior e melhor parte da minha vida, é sempre nas escolas que encontro o meu meio próprio, é entre escolares que me sinto à vontade.

Verificar que os meus pares reconhecem ter feito alguma coisa como universitário e ao serviço do ramo de saber a que me devotei é uma consolação que paga largamente trabalhos e penas. E mesmo retribuição generosa para o que não passou, afinal, do cumprimento de um dever.

"Não nego que, ao publicar em 1932 a minha primeira monografia sobre direito administrativo, a disciplina tinha poucos cultores em Portugal e gozava de fama pouco agradável nos meios científicos. Tinham-na na conta de fastidiosa selva de leis e regulamentos onde raros se aventuravam à falta da luz de princípios que permitissem descortinar a ordem e o método de um sistema. E o meu mestre na universidade, que a doença implacável desde a juventude confinara a reduzidas possibilidades de produção, falecera justamente tempo antes e cabia-me suceder-lhe.

"E pouco estimulante trabalhar num meio assim. Falta o prazer do diálogo, a correcção de uma crítica autorizada e desinteressada, a possibilidade de confrontar e de integrar estudos alheios.

"Recordo, por isso, com saudade e gratidão, os interlocutores que logo me apareceram desta banda do Atlântico, de entre uma pleiade de jovens administrativistas que despontava nas faculdades de direito ou terçava as suas primeiras armas no departamento administrativo de serviço público, o famoso DASP, cuja acção acompanhei com vivo interesse e de cuja experiência colhi proveito.

Era no DASP que Caio Tacito se revelava jurista de primeira água, e foi nos anais da instituição que encontrei as primeiras vezes o seu nome.

"E já que falo nessa época de renovação administrativa no Brasil, não quero esquecer, ao lado do departamento federal, o DASP paulista, onde igualmente tive correspondentes cheios de interesse e vivamente empenhados em abrir novos rumos à administração pública e ao direito que a rege.

"Se a bondade do prof. Caio Tacito me atribui alguma influência no Brasil não quero, pois, deixar no escuro o estímulo que brasileiros desempenharam na minha obra. Leitor que fui desde novo da vossa Imprensa jurídica, de entre a qual destaco a revista forense, acompanho desde o início a excelente revista de direito administrativo editada pela Fundação Getulio Vargas. E nela não só os doutrinários, da autoria, em grande parte, dos mestres universitários, que me prendem a atenção: é sempre com verdadeiro interesse que leio a jurisprudência dos tribunais superiores do Brasil e admiro na emissão dos votos dos seus miniutros a largueza de conhecimentos, o rigor das deduções, a segurança do critério jurídico.

«Tornou-se nos últimos anos importantíssima a vossa literatura sobre matérias do direito público. E nela conquistou posição de relevo o direito administrativo. Apesar de nesses domínios a legislação brasileira ter seguido caminhos diferentes da portuguesa, já por causa da estrutura federal do estado, já em virtude da concepção judicialista da legalidade na administração, mantemos, assim mesmo, muitos pontos de contacto, podemos, por isso, aceitar muitas doutrinas comuns. A administração brasileira aproximou-se em vários domínios das fórmulas europeias. A Constituição portuguesa, embora continue a definir o estado nacional como unitário, adoptou para o ultramar um largo regionallismo de profunda inspiração federal. Nos Estados de Angola e de Moçambique, como nas restantes provincias ultramarinas, as instituições são agora as de Estados Federados amplamente autónomos. Daí que cada vez mais nós precisemos da vossa experiência como, talvez, não será para vós despicienda a nossa.

Estamos numa época de ansiosa pesquisa de fórmulas mais justas de organização social, tanto na estrutura das sociedades políticas como nas instituições do direito privado.

«OS JURISTAS TÊM DE SER OS HOMENS DA RAZÃO»

«Esse apelo à justiça, esse desejo universal de mais justiça, é um elemento positivo do mundo actual.

«Apelo a que os homens de direito não podem ficar insensíveis como o não são, em todos os países, os homens de Estado. Mesmo quando ele tome a forma de clamor onde se confundam com aspirações legítimas meros ecos de interesses particulares ou simples explosões de ressentimentos.

«Não cabe ao reclamante dizer se o que pede é justo: porque pela lei do egoísmo, desencadeador de paixões cegas, a cada um, homem ou classe, se afigura o supra-sumo da justiça aquilo que lhe convém.

«Por isso o impeto das reivindicações, levado até à violência revolucionária, não conduz à implantação da justiça. Só há justiça onde há harmonia equilíbrio de interesses, e estabelecer essa harmonia, encontrar esse equilíbrio é delicada tarefa das leis e dos tribunais.

«Não acredito nas virtudas da violência desordenada nem creio nos méritos da anarquia. Pelo contrário, continuo fiel à convicção da necessidade da autoridade, que, sensível às aspirações colectivas, posse definir normas de conduta social e fazê-las cumprir.

«O direito, expressão superior da justiça, não é fruto expontaneo da convivência social — mas uma conquista árdua da razão humana.

«ESTOU EMPENHADO A FUNDO EM REFORMAR A EDUCAÇÃO NACIONAL

«E os juristas têm de ser, junto dos ideólogos , dos visionários ou dos caudilhos, os homens da razão, que procurem caminhos viáveis evitando barrancos e precipícios e reconduzam a condutas produtivas as energias caudalosas que rompam cegas a inundar e destruir, arrastando o bom e o mau sem fecundar a terra sequiosa.

«Junto desses homens de razão, dos homens que sabem que é preciso ter sempre os olhos num ideal mas sem esquecer que para o realizar tem de se contar com as virtudes e os vícios da humanidade, junto deles procurei sempre ter lugar.

«Que me reconheçais como um dos vossos, e que entre vós me queirais, eis o que não pode deixar de ser para mim motivo de profundo reconhecimento.

«Doutor e professor honorário da Universidade federaldo Rio de Janeiro, mais me ficará a ligar á vossa cidade o vínculo que a partir de agora me criais com a Universidade do Estado da Guanabara. Estou no meu país empenhado a fundo em reformar a educação nacional. Desue o ensino primário ao superior intentamos um esforço que talvez não tenha par na História portuguesa. Novas Universidades surgirão dentro em pouco. E diante dos nossos olhos permanece sempre, nesta conjuntura, o exemplo brasileiro. O vosso exemplo de fé na educação popular. O vosso exemplo de multiplicação de escolas. O vosso exemplo de arrojada divulgação universitária. O vosso exemplo que mais uma vez revelou a coragem realizadora e o dinamismo inteligente com que avançais nas sendas do porvir.»

A VIAGEM DE GIBSON

SÃO PAULO, 8 (F.P.) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e do Brasil, drs. Rui Patrício e Gibson Barbosa, tiveram conversações na quarta-feira última, tendo sido discutida a viagem que o ministro brasileiro deverá efectuar à Africa no próximo mês.

Esta viagem do dr. Gibson Barbosa a oito países da Africa Ocidental, interessa imenso a Portugal pois o Brasil, virado geográficamente para o continente africano, começou há pouco a desenvolver uma política de relações e trocas com vários Estados africanos que condenam a atitude do Governo português em relação às suas províncias ultramarinas.

É provável, pensa-se nos meios informados, que durante a viagem do ministro bralileiro, os dirigentes políticos com quem falará lhe irão pedir que influa no Governo de Lisboa para que este modifique a sua política africana — tal como o fez recentemente o ministro do Quénia dos Negócios Estrangeiros.

REUNIÃO CIENTIFICA EM COIMBRA

De 5 a 27 de Outubro, a comissão de festas de Lagos leva a efeito, na escola Conde Ferreira, daquela cidade, uma exposição de artes plásticas, para a qual são admitidos trabalhos de pintura, desenho e escultura, de autores nascidos ou residentes no Algarve.

Os artistas interessados podem solicitar a sua inscrição à referida comissão de festas (Telefone 62055), que funciona na Câmara Municipal de Lagos, onde os trabalhos devem dar entrada até ao dia 2 de Outubro.

Serão atribuídos prémios pecuniários aos três mais representativos.

Necrologia

JOSÉ ANACLETO DE JESUS

Faleceu o sr. José Anacleto de Jesus, de 81 anos, natural de Coimbrão-Leiria, agente aposentado da Polícia Judiciária, casado com o sr.ª D. Maria Lídia Ferreira de Jesus, pai dos srs. Joaquim Ferreira de Jesus casado com a sr.ª D. Maria Luisa Ferreira de Jesus e dr. Victor Manuel Ferreira de Jesus.

O seu funeral a cargo da Agência Magno de Alfredo Magno e Jaime Gomes, Ld.ª da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, às 12 horas da Igreja de S. João de Deus (Capela A) para o cemitério do Lumiar.

Brasil mostra ao mundo seu progresso industrial

S. PAULO, 8 — (ANI) — Portugueses da Metrópole, de Angola e de Moçambique incluem-se entre os quatro mil homens de negócios de todo o mundo que, a convite das autoridades brasileiras, se encontram em S. Paulo de visita à «Expor-72» — certame que tem por objectivo divulgar aquilo que o Brasil pròduz e que é constituído por mais de seiscentos pavilhões.

É a maior feira brasileira de comércio até agora realizada e procura contribuir para o incremento das exportações do país.

Ali se podem encontrar desde carros eléctricos especiais, «madi im Brasil», a alimentos em conserva, incluindo a famosa «feijoada brasileira», veículos pesados e ligeiros, máquinas e acessórios, máquinas agrícolas e de construção de estradas, ferramentas eléctricas e industriais, bebidas alcoólicas, cutelaria, armas, munições, material fotográfico e óptico, borracha e suas menufacturas.

Entre os convidados especiais pelo Governo brasileiro incluem-se o principe Ibrahimo Ibni Abu Bakar, presidente de uma grande empresa da Malásia e que é importador de madeiras acabadas e material de construção, W.J. Luxton, director executivo da Câmara de Comércio de Londres, e Sanford Levitt, de Nova Iorque, vice-presidente de uma empresa norte-americana, que exporta produtos brasileiros de vestuário.

A primeira grande venda realizada na «Export» foi de cento e dez mil dólares, dados pelo maior empreíteiro de obras brasileiro, G. Baitalie, por duas máquinas de asfalto e uma pavimentadora, isto logo no primeiro dia do certame, anteontem.

Encontram-se em S. Paulo ou são esperadas dentro de dias delegações do Vietname, da Coreia, da Formosa e da Austrália, muitas da Europa e das Américas. M mais numerosa é a japonesa, com cinquenta e oito elementos.

José Manuel Rodrigues do Giro

Missa do 30º dia e agradecimento

Sua mulher, filhos e irmã participam que amanhã dia 9, pelas 11 horas, na Igreja da N. S. da Victória, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo àqueles que se dignarem assistir. Aproveitando a ocasião igualmente agradecem a todos os que por ocasião do seu falecimento os acompanharam na sua dor.

LEIA O JORNAL motor

ALBICOCO: "Amarga experiência"

A crítica de **LAURO ANTÓNIO**

TÍTULO: AMARGA EXPERIÊNCIA (Le Petit Matin)
REALIZAÇÃO: Jean Gabriel Albicoco, 1971 (França)
INTÉRPRETES: Catherine Jordan, Mathieu Carrière, Jean Vilar, Madeleine Robinson, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes.
ESTREIA: Cinema Estúdio (1.9.1972).

TÍTULO: A REVOLTA DE TARZAN (Tarzan's Jungle Rebbellion).
REALIZAÇÃO: William Witney, 1971 (EUA).
INTÉRPRETES: Ron Cly, Ulla Stromstedt, Sam Jaffe, William Marshall, Lloyd Haynes, etc..
ESTREIA: Cinema Eden (1.9.1972).

TÍTULO: OS SELVAGENS (C.C. C.).
REALIZAÇÃO: Seymour Robbie, 1971 (EUA).
INTÉRPRETES: Joe Namath, Ann Margret, etc..
ESTREIA: Cinema Politeama (31.8.1972).

Jean Gabriel Albicoco, de quem os portugueses apenas conhecem um filme **(O Grande Meaulnes**, datado de 1967), regressa aos **écrans** da capital com uma obra que não é, em muitos pontos, comparável à que dele anteriormente víramos. Na verdade, **O Grande Meaulnes** funcionava como catálogo de receitas «poéticas», exemplificando à saciedade as mais diversas fórmulas técnicas de criar imagens aparentemente sugestivas. Desfocagens era o pão nosso de cada dia, **ralentis**, idem, utilização de grandes angulares e de teleobjectivas era a dar por um pau, aberturas de diafragmas para criar zonas de forte e intensa luminosidade era a eito, e etc, assim por diante. Tudo isto para ilustrar desastrosamente um romance célebre e muito belo de Alain Fournier.

Com **Amarga Experiência**, Albicoco parece ter principiado por um mesmo ponto de partida. Primeiro um romance (este de Christine de Rivoyre), depois um ambiente que se pretende «poético», depois ainda uma história de amores adolescentes, desta feita em confronto com um mundo conturbado pela experiência da grande guerra de 39/45. Mas aqui Albicoco mostra-se muito mais comedido nas suas febres experimentalistas e fascinizantes (como lhe chamaria o Carlos Albino). Permanece o gosto pela abertura excessiva do diafragma (imagens com grandes zonas profundamente luminosas, a utilização de uma iluminação irreal (interiores de um amarelo intenso, exteriores nocturnos de um azul marinho), o emprego da grande angular, sobretudo em planos com árvores, criando labirintos por onde Nina e Karl passeiam em belos cavalos. Para além disto, o todo é bastante mais suportável, a história sustenta muito melhor este tipo de aproximação, o ambiente é, por vezes, bem desenhado e as implicações sociais interessantes, desde a descrição das relações familiares de Nina (oposição de uma tia, compreensão do pai) até ao esboço do conforto da classe média francesa com o invasor alemão com quem coabita. Aqui as semelhanças com **O Jardim dos Finzi Contini**, de Vitorio de Sica, são muito grandes, sendo, no entanto, de referir a austeridade de processos e a qualidade da obra de de Sica, em relação a esta outra de Albicoco, ainda assim demasiado carregada de rodriguinhos, de efeitos, de um fascínio fotográfico excessivo.

Complementando esta nota, aqui se arquivam duas outras estreias de interesse nulo, que o dever de ofício nos impõe registar: **A Revolta de Tarzan**, de William Witney (um arqueólogo à procura da Pedra Azul, pretende destruir as ruínas astecas, até que os nativos e Tarzan se opõem...) e **Os Selvagens**, de Seymour Robbie, historieta sem pés nem cabeça e muitas motorizadas, sobre os **gangs** de jovens, estilo «anjos do inferno», que enxameiam as estradas da América. Com Ann Margret de permeio, o que se descreve são as lutas entre o **leader** e o pretendente a chefe, com o consequente caudal de competições e guerras intestinas, de que sai vencedor um único elemento: **«as motorizadas X, as melhores, aquelas que... À venda neste estabelecimento»**, ou seja: **os commercials** ianques duram já hora e meia e a malta paga para ver como é.

Maria João Pires na Corunha

ORENSE, Espanha, — A encerrar o concurso internacional de interpretação organizado pelo Conservatório de Música de Orense, que este ano é dedicado ao violino e decorre em Santiago de Compostela nos dias 13 e 14 e em Orense nos dias 15 e 16, haverá uma série de recitais nos dias 17, 18 e 19, nos quais participa a pianista portuguesa Maria João Pires ao lado dos mundialmente conhecidos Salvatores Accardo, Uuko Shiokawa, Agustine Leon Lara e José Tordesillas.

Livro dá filme

PARIS — A obra de Jean Montado «Les Corrompus» vai ser transposta para o cinema pelo realizador André Farwagi.

Bruno Cremer desempenhará um dos principais papéis.

"A SELVA" EM MANAUS

MANAUS, AMAZONAS — Estão a ser rodadas em Manaus e no interior do Amazonas as últimas cenas do filme «A Selva», adaptação cinematográfica do romance homónimo do escritor português Ferreira de Castro.

«A Selva» será estreada em Lisboa e só depois no Brasil.

Godard vetado em Veneza

ROMA, 8 — (FP) — As associações de realizadores de cinema italianos que promoveram as «Jornadas do Cinema Democrático Italiano» em concorrência ao Festival de Veneza, declararam não ter sido sua intenção realizar um contra-festival mas sim «oferecer um testemunho sobre a possibilidade de uma oposição efectiva à política cultural do Governo e às instituições culturais anti-democráticas».

Quanto ao filme «Tout Va Bien», de Jean Luc Godard, revelaram que a sua projecção não foi permitida. «O que demonstra a barreira de leis e regulamentos que existe em Itália» A propósito do caso do filme de Godard, o ministro italiano Matteo Mattedotti declarou que precisava, para ser exibido, duma autorização de importação temporal.

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

ARMADURA UNIVERSAL ESTANQUE, PARA LÂMPADAS REFLECTORAS

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

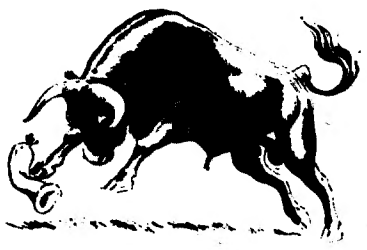
TEATRO MONUMENTAL

HOJE: 2 SESSÕES 2, 20.45 E 23 HORAS
Grupo D—M/18 anos

VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA' FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS
* IRENE ISIDRO *
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
JULIO CÉSAR e VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
4.º MÊS
Mais de 60 figuras em cena

GRUNDIG
Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72



MONTIJO

Grupo A M/6 anos

SÁBADO, 9 DE SETEMBRO, ÀS 22 HORAS

EXTRAORDINÁRIO CONCURSO DE PEGAS

Sendo lidados 6 PODEROSOS E LINDOS TOIROS dos HER. de CONDE CABRAL

Será disputado um valioso TROFÉU, para a melhor pega entre os forcados AMADORES DE LISBOA (NUNO SALVAÇÃO BARRETO), TERTÚLIA DO MONTIJO (EDUARDO CARVALHEIRA) E ALCOCHETE (JOÃO MANUEL MIMO)

CAVALEIROS

D. JOSÉ DE ATAYDE—MESTRE BATISTA E DR. FREDERICO CUNHA

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

DL/ESPECTÁCULOS

"O CIRCO" regressa a Lisboa

Charlie Chaplin é uma das figuras mais fascinantes da história do cinema. Os seus filmes feitos quase sempre com uma grande escassez de recursos são verdadeiros festivais de alegria e humanidade. Entre o riso delirante das crianças e o deslumbramento dos adultos Charlot escreveu com filmes como «O Ditador» e Os Tempos Modernos» e «O Circo» uma página importante da história do cinema.

Foi tendo isso em consideração que a organização do Festival de Veneza decidiu homenageá-lo na sua edição deste ano.

Foi também tendo isso em consideração que o cinema S. Jorge decidiu apresentar ao público lisboeta a partir de hoje a obra-prima de Chaplin «O Circo» que quarenta e cinco anos após a sua realização conserva ainda o toque do génio.

DAVID BOWIE

Um lirismo muito britânico

A crítica de discos de JOSÉ JORGE LETRIA

Entre nós, pelo menos ao nível dos esquemas normais de programação radiofónica, pouco se sabe de David Bowie e da sua música. Uma coisa, porém, pode desde já ficar assente: a sua obra marcará, seguramente, a música feita em Inglaterra durante a década de setenta.

Por muito estranho que pareça, Bowie nem sequer é muito popular no seu país. Os primeiros discos que gravou passaram quase despercebidos e o último, intitulado «Hunky Dory», também não recebeu da crítica o apoio que seria de esperar.

Constituído por dez títulos, dum equilíbrio apreciável, nos quais o cantor presta um tributo sincero aos seus «idolos» Hunky Dory» foi, para todos os efeitos, uma revelação. Um trabalho com esta qualidade pressupõe um percurso que Bowie parece ter ultrapassado sem grande esforço.

Embora não seja reconduzível ao trabalho de outros cantores importantes, a sua música apresenta em perfeita consciência a grandiloquência de Lennon, o bom gosto (por vezes excessivo) de Elton John e a força de Cat Stevens.

Claro que nenhuma destas pistas serve para reduzir a «Hunky Dory» a sua real importância. Trata-se, pelo contrário, de influências assimiladas com inteligência e maturidade técnica.

Num aspecto, porém, David Bowie consegue levar a melhor sobre os seus famosos companheiros de ofício: na serenidade do seu lirismo que é por vários motivos tipicamente britânico.

Com efeito o «rock» inglês, por oposição ao «rock» norte-americano, sempre colocou a tranquilidade (quase sempre passiva em demasia) no lugar do compromisso, que os músicos britânicos dum modo geral sempre tiveram dificuldade em misturar com o seu tema.

Apreciável no trabalho de Bowie é, também a grande variedade que este se esforça por manter. Ora feroz e insolente («Changes» e «Oh you Pretty Thing») ora nostálgica e suave a música de «Hunky Dory» torna obrigatório o conhecimento de David Bowie.

Neste momento a imprensa musical britânica dá-lhe um certo destaque, infelizmente, pouco apoiado pela RCA que é casa gravadora do cantor. As suas fotos não surgem nas montras das discotecas londrinas nem nos corredores do metro como sucede com Alice Cooper que é neste momento a «coqueluche» da indústria musical britânica.

Por outro lado, Bowie não quis perder a oportunidade de definir num dos temas a sua posição intelectual. «Andy Wathol» dedicado ao pintor do mesmo nome é quase uma declaração de princípios.

Anarquista famoso, Wharol, que foi durante muito tempo companheiro de Nico, a vocalista dos «Velvet Underground», é uma das figuras mais fascinantes da cultura «underground» pela sua excentricidade e irreverência, manifestada dezenas de vezes, individualmente ou em grupo. «Quicksand» é, por sua vez, uma homenagem de Bowie à nostalgia de quase todos os temas dos «Velvet Underground».

A quem tiver a oportunidade de ouvir «Hunky Dory» recomendamos, a título de curiosidade, uma audição dos albuns anteriores do cantor que, de algum modo, deixam prever a qualidade do seu trabalho actual. Essa qualidade, no entanto, depende também em grande parte, do nível dos músicos que Bowie escolheu para o acompanharem na gravação. Assim temos no piano, Rick Wacheman pianista dos «Yes» cujo trabalho é visível, por exemplo, em «Fill Your Heart» que tem também uma boa intervenção de Bowie no sax.

Títulos como «Life on Mars?» põem entretanto em evidência a qualidade da secção de cordas que sublinha ora a serenidade ora a força dos temas.

Em «Song for Bob Dylan» que pretende ser uma caricatura, não depreciativa, do célebre cantor-poeta norte-americano, Bowie compromete ligeiramente a qualidade geral do album, com uma monotonia um tanto despropositada.

Em cena, David Bowie embora mais efeminado que Alice Cooper, tem uma envergadura que falta ao autor de «School's Out» e que, faz dele um nome obrigatório na música desta década.

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURAIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

COMPRA
A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

Externato Marquês de Pombal
NOVAS INSTALAÇÕES
Em edifício próprio (5 pisos)
RUA MORAIS SOARES, 93 — Tel. 820221/834658 (ao Chile — Metro: Arroios)
PREPARATÓRIO — LICEAL — INSTITUTOS
CURSO COMERCIAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Externato São Vicente
Rua do Paraíso 28 — Tel. 86 41 00
Externato Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica)—Tel. 70 69 74

DL show

A comédia «Empresta-me o Teu Apartamento» está no Porto no Teatro Sá da Bandeira. O sucesso alcançado nos palcos lisboetas impediu-a de se pôr, mais cedo, em movimento.

★

Realiza-se hoje às 22 horas no salão Nobre do Casino de Espinho um concerto pela orquestra Sinfónica do Porto sob a direcção do maestro Silva Pereira. Serão executadas peças de Mozart. Weber e Wagner.

★

Vitor Espadinha e Isabel de Castro preparam-se para estrear, no ABC, o espectáculo «Dura Lex Sed Lex».

★

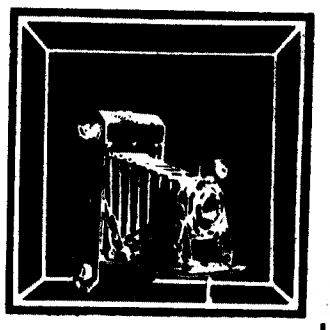
A Rank Filmes de Portugal e o Cinema S. Jorge vão apresentar ao público lisboeta a obra-prima de «Charlie Chaplin, «O Circo» A iniciativa merece ser saudada pois Charlot escreveu com este filme uma página decisiva da história do cinema.

★

José Mário Branco e Sérgio Godinho terão no mercado ainda este ano dois LPs. O LP de José Mário foi gravado em Paris há relativamente pouco tempo. Depois de «Mudam-se os Tempos, Mudam-se as vontades» que novidades nos trará José Mário?

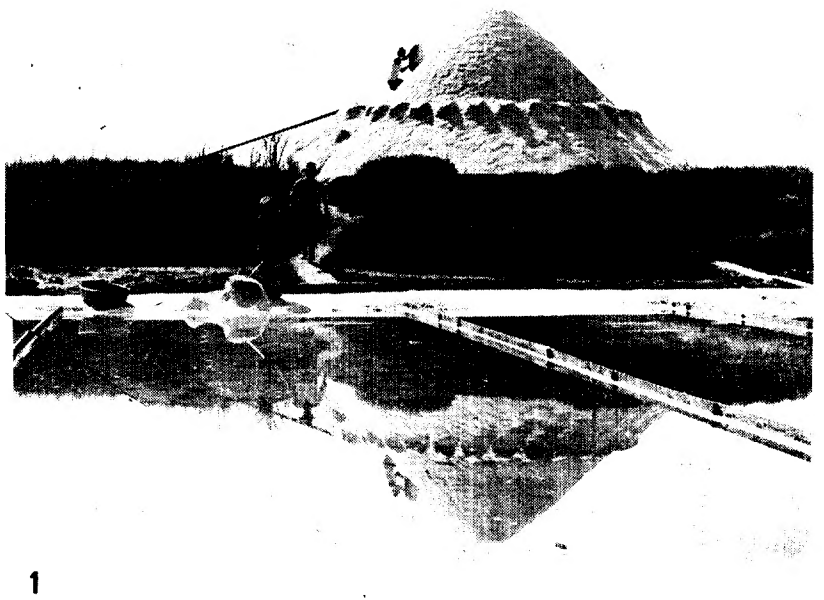
★

No período de Dezembro e Janeiro desloca-se a Portugal a companhia do Teatro Princesa Isabel do Rio de Janeiro que vem oficialmente representar o Brasil.

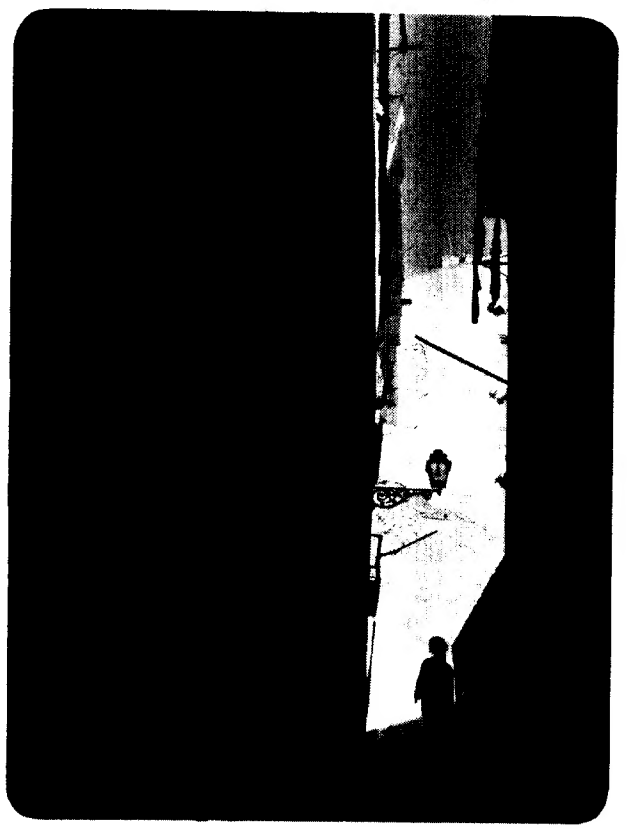


a melhor fotografia turística da semana

1º PREMIO
ÓSCAR SARAIVA
Rua da Conceição, 1121 S. MAMEDE DE INFESTA



1



2

MENÇÕES HONROSAS

1- ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO MATOS
Av. de Roma, 107-2º Esq. LISBOA

2- CIPRIANO DOURADO
Rua Augusto Gil, 28-4º Dto. LISBOA

REGULAMENTO

As fotografias a preto e branco no formato 18×24, reproduções brilhant[es] têm de ter por tema motivos turisticos, em toda a extensão do tema e independentemente das estações do ano.

As fotografias serão identificadas no verso por titulo (facultativo), nome e morada do autor (obrigatórios).

As fotografias serão enviadas até ao ultimo dia de cada mês, ficando classificadas por semanas, para Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, LISBOA, não se devolvendo reproduções

As fotografias ficarão propriedade da Torralta que se lhes quiser dar utilização em anúncios de publicidade só o fará mediante acordo particular com o autor

O júri, constituido por membros da Sociedade Nacional de Belas Artes, atribuirá quatro ou cinco premios e oito ou dez menções honrosas, conforme o mês tenha quatro ou cinco semanas

O júri, terá que obrigatòriamente conceder em cada mês dois premios e quatro menções honrosas

As decisões do júri são inapeláveis

O primeiro prémio e constituido por uma estadia completa de 3 dias para 2 pessoas nas instalações da Torralta e as menções honrosas por um dia em Troia — viagem de «hovercraft» almoço no restaurante Troiamar ou Bico das Lulas.

O mesmo concorrente pode ganhar vários e sucessivos premios

da[s] premios têm que ser efectivados em qualquer mês até três meses depois [da] atribuição

Um conc[orrente] que ganhe vários e sucessivos prémios não os poderá gozar cumulativamente

A Torralta promove[rá] foram atribuidos os pri[meiros] Janeiro, uma exposição de todas as fotografias a que rosas escolhidas pelo júri [com] premios e de número limitado de menções hon-

O GRANDE PRÉMIO TORRALTA [—] 1 quilograma de ouro, será atribuido [à] TOGRAFIA TURISTICA, constituido por do ano ou, em caso de igualdade de [con]corrente mais premiado ao longo escolhida pelo juri [em] [ins]tâncias, à melhor fotografia

O PRÉMIO TORRALTA, constituido por viagem aerea [e] duas pessoas, em Londres, Paris ou Roma, a escolha do prê[mio] de dez dias para por aquele juri, a melhor fotografia relacionada com os empr[egos] será atribuida Torralta, no Algarve ou em Troia [—] [pa]tos da

Todos os Sabados, o «Diario de Lisboa», publicará as fotografias premiad[as] na semana anterior

TORRALTA

DL/ESPECTÁCULOS — TEATRO

CAMÕES REVISTO POR AVILEZ

A expressividade de Adelaide João

«AUTO DE EL REI-SELEUCO»/«AUTOCHAMA—DOS ENFATRIÕES», de Camões. Direcção de Carlos Avilez. Assistente de direcção: António Marques. Colaboração de Águeda Sena. Realização plástica de António Palolo. Figurinos de António Marques. Música de Kevin Hoidale. Versão dos passos em castelhano de Maria Helena Lucas. Canções de «El-Rei Seleuco» de Zita Duarte e Orlando Costa. Intérpretes: Santos Manuel, Maria Albergaria, Cristina Cassola, Zita Duarte, João Vasco, António Marques, Filipe Lá Féria, Augusto Leal, Orlando Costa, Nuno Emanuel, Adelaide João, Teatro Experimental de Cascais. Teatro Gil Vicente. 6/9/72.

Vindo após um grande, e creio que involuntário, período de ausência de contacto com o público, este novo espectáculo de Carlos Avilez parece-me evidenciar a crise de crescimento que aquele homem de teatro está (tardidamente) a atravessar. Optando, depois de um longo tempo de tacteamentos e de indecisões, por uma prática teatral de carácter efectivamente experimental (no sentido de constituir um ensaio de novas formas de expressão e de comunicação), Avilez não conseguiu ainda tornar constante um discurso que se prolongue de espectáculo em espectáculo, constituindo o conjunto uma soma coerente sem perder, embora, esse carácter multifacetado de experimentação. Se acrescentarmos a isto, as dificuldades encontradas na escolha dos textos e na realização integral das propostas cénicas que a passagem dos textos implica — poderemos fazer uma ideia dos problemas com que o encenador do TEC se debate.

Este espectáculo é reflexo das dificuldades apontadas e da situação de impasse em que Avilez aparentemente caiu e que só poderá ser superada através de uma grande capacidade de resistência a esses obstáculos, bem como de um aprofundamento dos próprios postulados estéticos de que o artista parte. Isto sem esquecer, é claro, a necessidade de análise muito meditada da carga ideológica dos textos, do espectáculo e da sociedade.

Espectáculo de circunstância, baseado em textos que dificilmente poderiam ultrapassar essa característica, e que se integra nas Comemorações do IV Centenário da Publicação dos Lusíadas, Carlos Avilez sentiu-se na necessidade (legítima) de realaborar o material de que dispunha (por isso, lhe chama «A preparação dum espectáculo»). Fê-lo, é certo, de acordo com experiências anteriores (sobretudo, «Ivone, Princesa de Borgonha» e o espectáculo vicentino) mas o espectáculo surge mastigado, não tendo conseguido levar mais longe essas experiências.

Não tendo aqui dominado a imaginação de forma a conjugar o seu discurso com o do texto, assiste-se a uma extrapolação onde há por vezes aspectos de tal forma abusivos que o espectador perde-se em relação ao ponto de partida. E não me parece que o que há de certo, por vezes, de prodigioso nas propostas do encenador, justifiquem esse distanciamento. Servindo-se, pois, dos textos como de meros pretextos, Avilez acabou por não conseguir dar às suas propostas de leitura a fluidez e a coerência suficientes que os tornassem plausíveis.

Complicando, multiplicando as pistas (sobretudo, no «El-Rei Seleuco»), parecendo, como já disse passar gratuitamente de um registo — o do texto a um outro completamente diferente — o da mise-en-scène —, observa-se uma aparente incapacidade do encenador em encontrar soluções ao nível dramático suficientemente fundamentadas. Por isso, me pareceu espreitar aqui um dos grandes riscos deste tipo de teatro: o dos sinais sem conteúdo; o das imagens repetitivas, que assumem aspectos de auto plágio. Chamo, a propósito, a atenção para a obcessiva repetição das cenas de contactos físicos.

Carlos Avilez e António Palolo criaram um novo espaço com a eleminação do palco e das cadeiras da plateia do Gil Vicente, na sequência das transformações sofridas anteriormente. Lugares sentados nas frizas, camarotes e balcão. E, ainda, na sala, em que espectadores, descalços, se sentam no chão, encostados às frizas. Pano cru cobre as paredes do teatro, e o próprio tecto, sob o lustre que dá assim uma luz difusa, quase irreal. No fundo da sala, do lado do pal[illegible]co, toda a parede está co[illegible]ta por espelhos que ref[illegible] o não só os actores [illegible] próprio público. [illegible] colocado [illegible] prati[illegible]cável estreito [illegible]no. Há dois junto desse [illegible]ase quadrados praticáv[illegible]um outro, bastante na[illegible] pequeno, junto da porta [illegible]a entrada. O espectáculo decorre não só nos praticáveis e em todo o espaço da plateia como nos próprios camarotes e noutros locais do teatro onde os actores se deslocam numa tentativa de envolvência do público que, a meu ver, não me pareceu indispensável.

Os espectadores são recebidos à entrada, por actores, com figurinos de carrasco, que os conduzem aos respectivos lugares. Creio que o primeiro erro de Avilez consistiu em ter feito os dois autos não só no mesmo espectáculo como, sobretudo, no mesmo espaço. Em relação ao primeiro ponto, o espectáculo tornou-se demasiado longo e fatigante (chato, é que se deve dizer). Em relação ao segundo ponto, parece óbvio que os dois autos são suficientemente diferenciados para admitirem a mesma realidade física. E o caso dos espelhos: certos no «El-Rei Seleuco» porque Avilez fez uma leitura psicanalítica em que o jogo de espelhos é o seu equivalente dramático, não se justifica no «Anfitrião» onde assume meras funções decorativas.

«El-Rei Seleuco» é a história de um Rei, de seu filho, Antíoco, e da Raínha, madrasta de Antíoco e por quem este se apaixona (o que lembra «Fedra», embora o auto venha de Plutarco). O que há de mais significativo nesta história é o facto de o Rei aceitar a situação cedendo a mulher ao filho. Esta anedota permitiu a Avilez criar uma sucessão de imagens — por vezes altamente sugestivas — com as quais o encenador procurou criar um jogo dramático que (quase) se independentiza em relação ao texto. Antíoco surge-nos, ao mesmo tempo, como um ser atormentado pelo amor pela Raínha e pela complexidade que esse amor nele assume. Mantendo, paralelamente, relações com Leocádio, seu Pagem, que ainda mais o exacerbam,

Crítica de
CARLOS PORTO

Antíoco debate-se com os dois fantasmas em que a madrasta se desdobra: um deles é um travesti (com um figurino e uma composição física notáveis, ambos de António Marques); o outro, a figura de uma cortesã de seios nun (o anacronismo do figurino estilo Império de Maria Albergaria é creio propositado porque Avilez quis dar ao espectáculo uma certa intemporalidade). Há evidentes implicações psicanalíticas desde desdobramento de personalidades bem como a rede de relações que Antíoco tece (não há nele um compl[illegible]xo de Edipo, embora a mã[illegible] forja morta? Ou será [illegible]quebrama de vingar o [illegible]de quem o do e miserá[illegible]?). No final, povo faz [illegible]ata a Madras- Antíoc[illegible]r, o que me parece ta-M[illegible]ficativo. Será muito dis[illegible]tida (já no final do Auto o era) esta interpretação da figura do Rei que aparece aqui apoucado, quase virado do avesso. Não creio, ao contrário de camaradas que muito prezo, que este Rei seja uma personagem positiva apesar da forma como reage aos amores entre o filho e a mulher.

Parece-me, na realidade, uma personagem excessivamente incaracterística e amorfa e sobretudo sem verdadeira identidade ideológica para ser mais do que um joguete. O Auto de Camões é demasiado frágil e insignificativo para conjunturas desta ordem. E, na leitura de Avilez, parece-me essa interpretação perfeitamente correcta. A participação jocosa do povo, está de acordo com o respectivo contexto.

A encenação de Carlos Avilez surge como uma tradução cénica desse carácter de desdobramento de que já falei, patente não só na Raínha e no Rei como na utilização dos espelhos que é para o Príncipe o sinal visível do seu narcisismo, bem como no desdobramento de cenas e na repetição coral de passagens do texto.

O principal ponto de reparo do Auto parece-me estar aqui: na incapacidade de Avilez em conjugar dois espectáculos: o do texto e o seu. Procurando um espectáculo que pudesse existir apenas pelos seus significantes visíveis e sonoros (a utilização da voz como fundo musical e de outros ruídos é, frequentemente, muito feliz), não conseguiu desenredar-se da contradição de um texto que se via obrigado, apesar de tudo, a transmitir.

Tanto neste Auto, como no seguinte, observou-se um excesso de seriedade, uma tendência para o trágico, que fogem também a Camões. Dir-se-ia que o encenador e os actores tomaram a função demasiado a sério, incapazes de um movimento de humor, de uma graça, da ironia que, no entanto, o texto também implica.

O segundo Auto constitui, aliás, um falhanço excessivo por parte de um artista com as responsabilidades de Avilez. Começando por querer (?) ser uma interpretação musical do texto de Camões, mudando para tragédia penosa, para voltar, no final, à revista, esta leitura além de gratuita não possui as qualidades de coerência (naturalmente discutíveis) do primeiro trabalho. E impossível, por mais boa vontade que se tenha, deixar de lembrar o espectáculo de Luís Miguel Cintra, com o grupo da Faculdade de Letras, mesmo tendo em conta as diferenças do texto de O Judeu. Em Cascais, as coisas saíram pesadas, perderam-se a[illegible] possíveis conotações do [illegible]ato e alguns pormenore[illegible] certos (a corda que li[illegible] patrão a criado e Júpi[illegible] a Mercúrio) não bast[illegible] para redimir uma e[illegible]ação e uma interpre[illegible]o que não conseguem [illegible]cer as dificuldades do texto, antes as agravam. Espectáculo sem ritmo, desfasado com a música de Kevin Hoidale, bem executada pelo grupo Objectivo, e que dá ao espectáculo um vago ar de «Hair», só um esgotamento de criação o pode explicar.

Os actores fizeram o que puderam mas raramente conseguiram exprimir as intenções do encenador, sobretudo ao nível vocal.

As cenas de coros são imensamente prejudicadas pelo frequente desencontro das vozes e parte do diálogo perde-se devido à incapacidade da maior parte dos actores numa boa colocação de voz.

A graça de Zita Duarte (sobretudo no Moço de «El-Rei Seleuco»); a entrega de Adelaide João, João Vasco, António Marques, Augusto Leal; a boa vontade de Maria Albergaria; a boa voz de Orlando Costa; algumas cenas de movimento — não bastam para conferir a esta interpretação o nível desejável. Avilez também aqui falhou: depois de quatro meses de ensaios esperar-se-ia um maior apuro por parte dos seus actores (com excepção de Cristina Cassola que se incorporou muito recentemente na companhia por doença de Graça Lobo). Não teria havido ensaios a mais?

Espectáculo que parte de uma concepção insuficientemente trabalhada, o novo trabalho do TEC não me parece digno do grupo que criou a peça de Grombowicz.

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 9 a 28 de Setembro de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de Previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Aven. Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Posto Clínico de S. João da Madeira	Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Rua Chafariz d'El-Rei, 22 ÉVORA	Delegação Clínica de Alandroal	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Avenida Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Posto Clínico de Maceira	Clínica Médica
	Posto Clínico da Marinha Grande	Clínica Médica
	Posto Clínico de Pombal	Clínica Médica Otorrinolaringologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre Rua de Olivença, 33 PORTALEGRE	Posto Clínico de Ponte de Sor	Cirurgia Clínica Médica Oftalmologia Otorrinolaringologia Pediatria Psiquiatria
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Posto Clínico de Lever	Clínica Mé[illegible]
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real Rua Gonçalo Cristóvão VILA REAL	Posto Clínico de [illegible]ves	Pediatria

As condições de admissão encontr[illegible] patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federac[illegible] Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá [illegible] egue até às 18 horas do dia 28 de Setembro de 1972 na Inspecção Médica [illegible]deração, na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 37-5.º-Esq.-Lisboa, o[illegible] [illegible]spectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provime[illegible] lugares é da competência das respectivas caixas de previdência, de acordo [illegible]posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documen[illegible]bilitação.

[illegible]isboa, 7 de Setembro de 1972.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

SEMINÁRIO DO GRUPO LEPETIT

Um aspecto dos participantes do Grupo Lepetit em Portugal, a decorrer no Hotel Estoril-Sol, subordinado ao tema: «A comunicação entre a Indústria Farmacêutica e o Médico, numa base **informativa** de natureza verdadeiramente científica».

TAUROMAQUIA

OS NOSSOS "JOGOS OLÍMPICOS"

Os nossos «jogos olímpicos» são os que com touros praticam cavaleiros, peões e pegadores, como os que vimos agora em Montemor-0-Novo a favor da benemérita Ordem Hospitalar de S. João de Deus.

Os cavaleiros Ribeiro Teles, Mestre Baptista, Luís Miguel, Gustavo Zenkl, Frederico da Cunha, Maldonado Cortes e D. João José Zoio, a grande revelação, sem obstáculos lidaram touros oferecidos pelo sr. António Henriques da Silva. Os jogos de Munique não têm melhores promoções nem protocolo como o da entrega da medalha a Manuel Conde em homenagem às suas «bodas de prata», com a presença das autoridades na arena, palavras do nosso colega Leopoldo Nunes e aplausos dos numerosos espectadores do concurso.

A Manuel Conde, que voltámos a ver ontem no Campo Pequeno, se deu honras de música no seu primeiro, com volta no segundo. E também música ouviu Andrade Salgueiro, que deu volta no seu segundo. Acompanharam os dois cavaleiros nas voltas os bons pegadores do grupo de Montemor. Música ouviu no seu primeiro o bom Angel Teruel, e nos seus dois o nosso Chibanga, muito bem com a capa e colossal com as bandarilhas e a muleta, em séries de passes de joelhos e outros de muita vistosidade.

A praça registou claros nas bancadas, claro que por culpa dos que ficam em casa a ver os Jogos Olímpicos sem se lembrarem que os nossos «jogos olímpicos» são as corridas de touros.

Sobral de Mont'Agraço

FESTAS E FEIRA DE VERÃO

DOMINGO, DIA 10
às 17 horas
IMPONENTE CORRIDA À PORTUGUESA
6 BRAVOS TOIROS
das ganadarias de João Gregório Herdeiros e Irmãos Veigas da Golegã, para
MESTRE BATISTA
FERNAN. A. SALGUEIRO
D. JOSÉ JOÃO ZOIO
3 grupos de forcados em competição, AMADORES DO BARRETE VERDE DE ALCOCHETE, AMADORES DE CASCAIS e AMADORES DE VILA FRANCA DE XIRA

SEGUNDA-FEIRA, DIA 11
às 17 horas
8 PRECIOSOS TOIROS
DA GANADARIA
DE PORTO ALTO
CAVALEIROS
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
FREDERICO CUNHA
ESPADAS
MÁRIO COELHO
RICARDO CHIBANGA
FORCADOS AMADORES
DE MONTEMOR-O-NOVO
M/ 6 anos

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

Oficializado por despacho de 27-5-1971

SECRETARIADO

A duração depende das habilitações das alunas, sendo mínima para as que têm a frequência do 5.º ano, que ingressam em classes especiais

Em geral as alunas colocam-se por intermédio da Escola

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av.ª Duque de Ávila)
TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

Brinquedos e brindes de Natal

A Sociedade de Representações CONCENTRO acaba de inaugurar a sua coleção de brinquedos e brindes para a campanha de Natal deste ano. As novidades, simplesmente fascinantes, encontram-se expostas ao público na Rua Anchieta, 29-2.º, em Lisboa.

JOSÉ ANACLETO DE JESUS

Faleceu

Maria Lidia Ferreira de Jesus, Joaquim Ferreira de Jesus, sua mulher Maria Luisa Ferreira de Jesus e filha, Victor Manuel Ferreira de Jesus sua mulher Olga Dias Ferreira de Jesus e filhos e demais família participam o falecimento do seu saudoso esposo, pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realize amanhã, pelas 2 horas da Igreja de S. João de Deus (Capela A) para o cemitério do Lumiar.

ALFREDO MAGNO
E JAIME GOMES, Ld.ª
Av. Almirante Reis, 29-A
Tel. 5 1586

BILHETES À VENDA

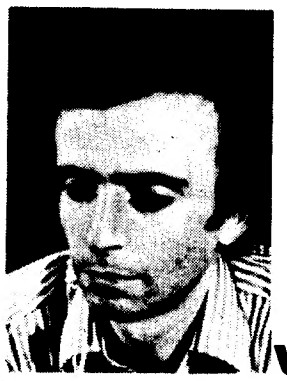
Teatro abc
grupo D-M 18 anos

AMANHÃ ESTREIA ÀS 20,45 e 23 horas

sérgio azevedo apresenta:

DURA LEX SED LEX...

thomas genebra e aleu cassiano
NOVA COREOGRAFIA!



NOVOS AUTORES!

victor espadinha

NOVA MÚSICA!

isabel de castro

ENCENAÇÃO
joão guedes

COREOGRAFIA
mário santiago

MÚSICA
pedro osório

9.gomes
UM ANÃO ESPECTACULAR!

marta vigo

ballet de jonh mcgrath

REALIZAÇÃO PLASTICA
manuel lima

FIGURINOS
isabel laginhas

LUMINOTÉCNICA
f. bessa

CONJUNTO "a banda"

kiarina

suzanne

linda

barbara

wendy

bogi

jay south

hilary

tracey

tony

fiona

lesley

Por motivo de ordem técnica só estreamos, amanhã, sábado

DL / NACIONAL

O sr. S. Baliteau com os seus principais colaboradores

PRIMEIRA REUNIÃO GERAL DA DIVERSEY PORTUGAL, S.A.R.L.

Para estar cada vez mais perto da sua clientela e mais fàcilmente corresponder aos seus desejos...

«Em qualquer parte do mundo em que se encontre há sempre um especialista DIVERSEY ao seu serviço», o Grupo Diversey France, filial da Diversey Corporation e da Rhone Progil, acaba de criar no nosso País uma nova Sociedade, A DIVERSEY PORTUGAL — ESPECIALIDADES QUÍMICAS S.A.R.L., que dispõe já de uma unidade fabril no Alto da Bela Vista — CACÉM, e de um grupo de 30 especialistas em Higiene, relativamente ás Indústrias Alimentares, Hoteleira, Metálicas, Transportes; Colectividades Hospitalares, Agricultura e Tratamento de Solos.

À 1.ª reunião geral da DIVERSEY PORTUGAL, que se realizou em SETEAIS, assistiu o sr. S. BALITEAU, Presidente do Conselho de Administração.

MELHORAMENTOS NO CONCELHO DE SINTRA

A explosão demográfica de Agualva-Cacém, que vem aumentando em ritmo acelerado, levou a Câmara Municipal de Sintra, presidida pelo sr. António Pereira Forjaz, a estudar alguns empreendimentos de primordial interesse para os seus habitantes e para o progresso turístico.

TÚNEL E MERCADO PARA AGUALVA-CACÉM

Duas obras preponderantes e de grande valorização sócio-económica estão a ser projectadas para próxima construção. Trata-se do túnel sob a via férrea e do mercado abastecedor, que vai servir uma clientela de cerca de 30.000 habitantes.

Quanto ao actual túnel, pelo qual, pràticamente, se faz a circulação rodoviária e de peões entre Agualva e Cacém, divididas apenas pela linha de caminho de ferro, basta uma camioneta para o ocupar em toda a largura, o que provoca engarrafamentos constantes, com os inevitáveis contratempos a que não são estranhos os acidentes. Por sua vez, a passagem de nível situada a cerca de uma centena de metros para Norte, pouca serventia tem, por estar largos períodos encerrada, devido ao intenso tráfego ferroviário.

Também o mercado do Cacém vai ser uma realidade nos terrenos aprovados para este fim na rua D. Maria I. Os Serviços Técnicos de Obras apreciaram as propostas para elaboração do respectivo projecto tendo sido autorizada pela Câmara a adjudicação do trabalho a um grupo de projectistas, assim como o oprojecto de uma garagem-oficina para assistência e recolha de viaturas de serviço camarário.

UM HOTEL PARA SINTRA

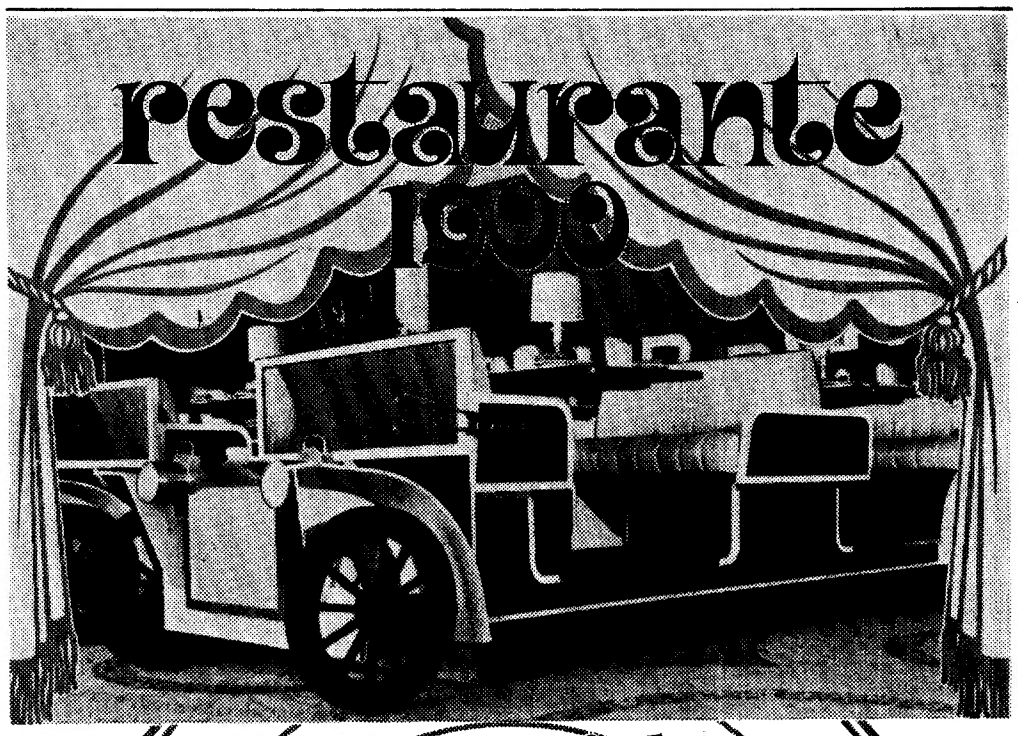
A carência de hotéis em Sintra é dos maiores entraves ao desenvolvimento turístico não só da vila como dos meios de maior influência turística do concelho.

O visitante tem dificuldade em se fixar, acabando por beneficiar superficialmente das belezas naturais e arquitectónicas e de uma orla marítima vasta e acolhedora onde os ares da serra e as águas oceânicas ainda continuam impolutas. Todavia, o equipamento turístico vai aumentando e criando novas fontes de receita, devido à fixação.

A Câmara de Sintra recebeu da Direcção Geral do Turismo o projecto de um hotel a edificar no local do velho Hotel Nunes, na vila.

A Câmara submeteu o projecto aos Serviços Técnicos de Obras para apreciação e informação, circuitando-o ainda pela Comissão Municipal de Arte e Arqueologia para parecer.

Cartas de Ordenamento Turístico do Concelho figuram ainda entre a gama de melhoramentos e de realizações a levar a efeito. A Direcção-Geral do Turismo nomeou já o seu representante para o grupo de trabalho que vai encetar esta relevante tarefa de interesse para o progresso turístico da magnífica estância de férias que é o concelho de Sintra.



sociedade portuguesa de motéis, s.a.r.l.

em 3 linhas

O Alto Volta e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas depositaram os seus instrumentos de ratificação do Protocolo referente às emendas ao artigo 45.º da Convenção Relativa à Aviação Civil Internacional.

Foi autorizada, por portaria do Ministério do Ultramar, a celebração de um contrato para a empreitada de fornecimento e instalação de uma rede telefónica destinada aos Serviços Regionais de Estudo e Planeamento do Gabinete do Plano do Zambeze.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Budens, concelho de Vila do Bispo, de uma linha aérea a 15 kV, com 500 m, do apoio n.º 127 da linha para Sagres ao posto de transformação de Cerâmica de Vale do Boi.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, concelho de Almada, de uma linha aérea a 30 kV, com 350 m, RA 30-5-18-3-2 para o posto de transformação FOROS, derivada do apoio n.º 4 da linha RA 30-5-18-1-3 para as instalações da COMIBERLANT (Fonte da Telha).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral dentro do citato prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho do Seixal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, nas freguesias de Arrentela e Paio Pires, concelho de Seixal, de uma modificação e mudança de tensão da linha aérea a 15 kV, com 1442, RA 15-25-4 para o posto de transformação de SEIXEIRA, que passará a derivar do apoio n.º 12 da nova linha Fogueteiro-Seixal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/REPORTAGEM

DEZ DEDOS GASTOS

Um velho gesto familiar e íntimo

Amolar tesouras, facas e canivetes, colocar fundos novos em tachos velhos, consertar pratos, bacias e alguidares, pôr varetas em chapéus de chuva não è, pròpriamente, profissão, que, para tal não há regulamentação. Mas é a actividade em que o sr. Manuel Gomes Sá tem gasto as mãos ao longo de 34 anos — de tal modo que os dedos estão, duros, calejados, deixando nos objectos impressões de que nem sequer há modelo nos arquivos de identificação.

A AMOLAR TESOURAS

Amola desde os deze anos, o que quer dizer que tem 46 e é um dos mais novos» oficiais deste ofício» que ainda circulam em Lisboa. O jeito de arranjar tesouras entre duas pifaradas foi herdado do pai, como ama espécie de destino.

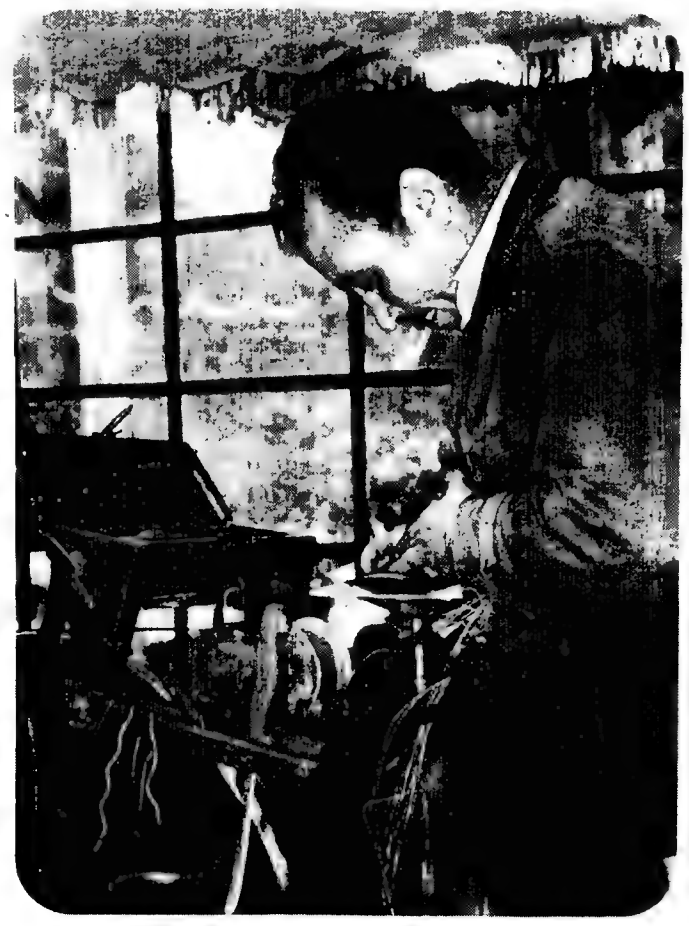
— **O meu pai era espanhol, da Galiza, e veio para Portugal (como muitos espanhóis) para ganhar a vida neste ofício. Eu nasci em Lisboa e já nas férias da escola o acompanhava por achar graça ao que ele fazia. Fui aprendendo e acabei por tornar-me amolador como ele.**

Em miúdo, ainda tentou uma forma de vida diferente. Já com a 4.ª classe feita, empregou-se num talho, onde ganhava quinze tostões por dia... Mal por mal, antes ser amolador. Aliás, nesse tempo a actividade era muito mais generalizada. Embora houvesse muita gente ao mesmo, não faltavam cacos velhos para consertar.

— **Lembro-me que há 20 ou 30 anos, as pessoas mandavam consertar tudo: pratos, alguidares, bacias, cafeteiras de barro, alumínio ou esmalte. Agora são so tesouras e facas e, no inverno, os guarda-chuvas.**

OS RISCOS E O PAGO

Ora é precisamente a fraca concorrência que permite ao sr. Manuel e aos outros que ainda restam do que foi um ofício popular, ganhar o suficiente para sustentar a família.



As facas do sr. Manuel não servem para assustar meninos maus...

Uma actividade condenada à morte

Suficiente porque tem de chegar, pois não há ajudas sociais de qualquer espécie. Ele bem gostaria de ter abono de família para os oito filhos, ou uma Caixa que lhe permitisse tratar-se do reumático provocado por longos invernos em que é preciso vir para a rua, faça chuva ou frio, para dar de comer a uma casa de gente...

— **O mais velho é técnico de óptica e ganhava 3 contos por mês, mas agora esta na tropa. Tenho outros dois que também já trabalham, mas ganham pouca coisa. E os mais pequenos estão em casa. Éuma rapariga com 14 anos, que fez agora exame da 4.ª, outra com 12, que ainda só está na 3.ª (saíu um bocado mais burra»), a seguir uma de 7, outra de 5 e a mais pequenina com 2 anos.**

Para sustentar este «rancho» e mais a mulher, que «fica em casa a lavar a roupa aos filhos», percorre ele todos os dias as ruas de Campo de Ourique à «Baixa», a oferecer os seus serviços a restaurantes e donas de casa.

— **Como já me conhecem há muito tempo, tenho alguns clientes certos...**

E assim vai amolando 7 ou 8 peças por dia (numa maquineta que importou de Espanha e que hoje custaria uns 4 ou 5 contos), entre faíscas e um ou outro golpe nas mãos.

— **É uma actividade que tem os seus riscos. ainda outro dia me saltou uma tesoura para o pulso, que me ia cortando a veia.** E levantando o adesivo, mostra-nos a ferida, de onde ainda sai um líquido viscoso. É tão frequente acontecer-lhe isto, que se esquece completamente do tétano). **Também há o perigo de saltar uma faísca para os olhos, mas eu não sou capaz de trabalhar com óculos...**

Cinco escudos por conserto de faca ou tesoura pequena e 7$50 por peça maior é o preço médio do seu trabalho, mais o risco, a exposição ao calor e ao frio, a sujeição ao reumatismo...

— **Com mais umas peças que venho a pedido dos clientes, tido em média 100$00 por dia. Olhe, vai dando...**

O HOMEM DAS FACAS

Mas o amolador pode ter ainda outra função. Em muitas famílias, é da sua figura, com o carro de faíscante e as facas a reluzir nas mãos, que as mães se servem para assustar os meninos que não querem comer. Ora, o sr. Manuel Sá, rosto tranquilo (embora triste) de pai de oito filhos, cuja lembrança lhe enche os olhos de ternura, não é homem para meter medo a ninguém. E até há miúdos que o olham cheios de curiosidade enquanto executa o trabalho, quase amorosamente, roçando os objectos cortantes pelas mãos, num velho gesto familiar e íntimo.

— **Não, nunca assustei ninguém. Às vezes lá ouço algumas senhoras ameaçar os filhos de que os levo, mas a verdade é que eu chego a ter de ralhar com eles, que não se tiram do pé do carro, a dar ao pedal. Não é que estraguem o carro, mas podem ferir-se, não percebem disto.**

Nesses momentos, o sr. Manuel recorda o tempo em que ele, ainda «puto» andava com o pai por essas ruas de Lisboa, observando-lhe os gestos e sonhando com a oportunidade de ser rei e senhor de um carro e de um pífaro, com **montes** de tesouras para amolar. E quando lhe observamos que os filhos não lhe herdaram o gosto, o homem diz-nos com uma certa tristeza, que a «amolação» ambulante está condenada à morte.

externato AMADIS
DIURNO E NOCTURNO
• PREPARATÓRIO • LICEAL
• COMERCIAL • SALAS DE ESTUDO
ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, LOTE 2
(Em frente do posto da Sacor) — Telef. 70 69 74/5
NA AMADORA

DL/ESTRANGEIRO

INQUÉRITO ORDENADO POR BRANDT DESAGRADA AO GOVERNO DA BAVIERA

. BONN, 8 (ANI e R.) — O chanceler Willy Brandt parece estar envolvido num conflito político com as autoridades da Baviera em consequência do massacre do aeroporto de Munique.

Falando a um grupo de jornalistas alemães ontem à noite em Bona, Willy Brandt revelou ter ordenado um inquérito a fundo aos acontecimentos de Munique com o objectivo de apurar toda a verdade e expôr os factos por mais desagradáveis que possam ser.

Essas palavras do chefe do Governo Federal foram divulgadas pela agência DPA e provocaram imediatamente uma reacção de desagrado por parte dos responsáveis bávaros.

Segundo a versão transmitida pela rádio e televisão, o chanceler afirmou que as autoridades de Munique se opuseram a que a Polícia federal dirigisse a tentativa de libertação dos reféns israelitas que acabaram por ser mortos durante o tiroteio no aeroporto entre a Polícia local e os guerrilheiros.

A notícia da DPA dizia ainda que o chanceler ameaçara nomear uma comissão de inquérito independente caso as autoridades bávaras não colaborem com o Governo Federal.

Segundo um informador de Bonn, as autoridades da Baviera manifestaram o seu desagrado perante esta notícia e pediram esclarecimentos ao Governo. O ministro do Interior, Hans Dieter Genscher, divulgou mais tarde um comunicado dizendo que as palavras do chanceler tinham sido mal interpretadas.

Segundo ele, o chanceler nunca pediu que fosse a Polícia federal a tomar conta da operação. Disse ainda ser um facto que o chanceler pensava pedir ao presidente Heinemann a criação de uma comissão de inquérito federal mas isso não era devido ao facto de estar descontente com as autoridades da Baviera.

DESENTENDIMENTO BRANDT — GENSCHNER

Há um forte desentendimento entre o chanceler da Alemanha Federal, Willy Brandt, e o ministro Federal do Interior, Hans Dietrich Genschner, ao que se afirma devido a críticas que se diz terem sido feitas pelo chanceler depois da desastrosa tentativa da Polícia bávara para libertar os reféns israelitas em Munique.

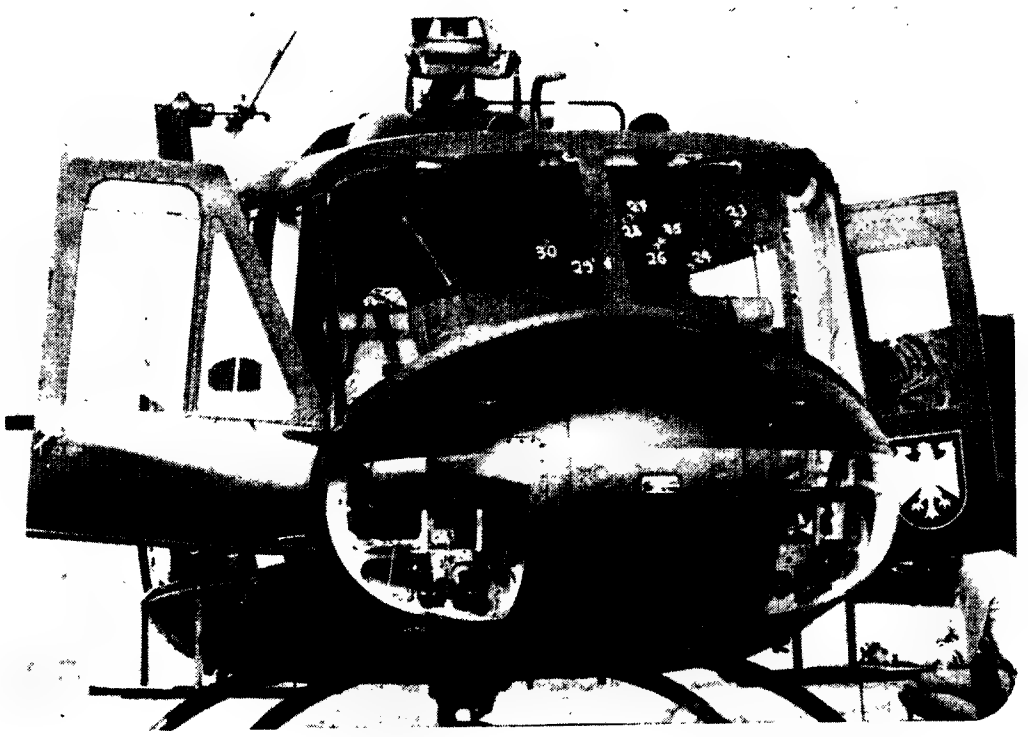
Num comunicado distribuído pela agência APA, afirma-se que Brandt declarou a jornalistas, numa conversa ocasional em Bonn, que o Governo da Baviera tinha rejeitado a sua sugestão de deixar que a polícia federal se juntasse à Polícia bávara contra os guerrilheiros árabes.

Tècnicamente, a Polícia da Baviera estava encarregada de todas as medidas a tomar para libertar os desportistas israelitas.

As críticas de Brandt motivaram uma resposta severa de Genschner e do ministro bávaro do Interior, Bruno Merk.

Um comunicado distribuído pelo gabinete de Genschener em Munique informava que «depois de ter sido consultado, e em nome do Chanceler Willy Brandt, o ministro do interior Genschner declara da acção da Polícia bávara eram uma reprodução errada de uma conversa particular».

O comunicado declarava ainda que são «falsas» as informações de que o chanceler tenha oferecido os serviços da Polícia federal.



Um dos helicópteros que tomaram parte no trágico incidente do aeródromo da NATO perto de Munique. No pá-ra-brisas do aparelho notam-se os buracos das balas, podendo contar-se 30 desses orifícios. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

RELATÓRIO AOS ACONTECIMENTOS

Entretanto o chanceler Willy Brandt afirma ainda que está a fazer pressão para que seja apresentada «franca e ousada» documentação sobre todos os aspectos da chacina dos atletas israelitas, mesmo que isso prejudique a Alemanha Federal.

«Estou convencido — afirma Brandt no comunicado — que apenas uma franca apresentação de todos os factos, mesmo que estes sejam penosos, servirão os interesses da Alemanha.

«Tenho-me referido à possibilidade de o presidente Gustav Heinemann nomear uma comissão independente de inquérito.»

. O chanceler acrescenta, contudo, que esta comissão «não teria qualquer autoridade para interrogar testemunhas, como acontece nos Estados Unidos e na Inglaterra».

CONDENAÇÃO DA TRAGÉDIA

Nos círculos diplomáticos afirma-se que a tragédia de Munique e algumas ásperas reacções oficiais da Alemanha Federal à chacina podem ter repercussões nas cordiais relações de Bonn com países árabes.

Ulrich Lohmer, deputado parlamentar pelo Partido Social Democrata do chanceler Willy Brandt, pediu a suspensão temporária de toda a assistência ao desenvolvimento de Estados árabes por parte da Alemanha Federal, declarando que os Governo árabes deviam primeiramente exprimir os seus pontos de vista sobre os acontecimentos de Munique e sobre novas ameaças das guerrilhas árabes com interesses e personalidades alemãs federais.

Por outro lado, Erhard Eppler, ministro da Cooperação Económica, declarou aos embaixadores do Sudão, do Líbano e do Iemene que uma clara condenação da tragédia de Munique por países árabes seria «necessária e útil» para as suas futuras relações com Bonn.

Nem cantos nem danças

MUNIQUE, 8 — O luto que atingiu os Jogos Olímpicos, após o drama que causou 18 mortos, incitou os organizadores dos Jogos e o C.O.I. a modificar o programa da cerimónia de encerramento. Não haverá música, nem cânticos nem danças.

Os 1200 bailarinos e bailarinas da Baviera, em trajo regional, não dançarão a «polca das estrelas» sob o grande arco-iris artificial — um enorme «tubo cativo» de plastico cheio de hélio e com 450 metros de comprimento, que se erguera 130 metros acima do estádio olímpico.

O grupo «Muenchner Schaeffler», conjunto musical tradicional, que, na Idade Média, festajava o fim da peste, não dançará em cima do carro, puxado por oito cavalos beges, que agria o desfile das nações.

A entrada dos atletas efectuar-se-á em silêncio ou com o acompanhamento duma música clássica, pormenor que não foi ainda fixado.

WILSON PEDE RETIRADA

LONDRES, 8 (F. P.) — Harold Wilson, «leader» do Partido Trabalhista, pediu ao Governo para chamar a equipa britânica que se encontra nos Jogos Olímpicos de Munique, por motivo da tragédia que atingiu os desportistas israelitas.

Num comunicado de seis pontos publicado em Londres, Wilson, por outro lado, convidou o Governo a anular a visita do ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Murad Ghaleb, à capital britânica, prevista para os dias 17 e 19 do corrente, e a abandonar os projectos de fornecimentos de armas do Cairo que estão a ser estudados.

O chefe da oposição propôs igualmente a criação dum corpo de comando especializado na luta contra o terrorismo em geral e os desvios de aviões em especial.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Paulino Monteiro LIVRAMENTO

SUÍCA

ALERTA ANTI-ÁRABE

BERNA, 8 (R) — Todos os postos da fronteira suiça foram ontem colocados em alerta especial depois de uma notícia fornecida pela Interpol a avisar que quatro ou cinco guerrelheiros árabes, que se deslocam num carro de matrícula alemã, planeiam entrar na Suiça para fazerem explodir reservatórios de petróleo.

Entidades na sede das alfândegas informaram a noite passada haver indicações de que os planos dos guerrelheiros tem como objectivo instalações de armazenamento de petróleo em Zurique, Basileia e Genebra — as três maiores cidades suiças.

A agência noticiosa suiça A. T. S. declarou que os reservatórios de petróleo num complexo existente no subúrbio genebrino de Vernier, complexo de grandes proporções e que é utilizado para armazenagem de combustíveis derivados do petróleo de algumas das principais companhias mundiais, está aparentemente sob vigilância discreta. Genebra e Basileia são cidades perto da fronteira com a França, tendo também a área de Basileia uma fronteira comum com a Alemanha Ocidental.

Um oficial das alfândegas no cantão de Valaos, sudoeste do País, que tem fronteiras com a França e a Itália, disse aos jornalistas: «Ordenei aos meus homens para exercerem a maior vigilância. As pistolas que eles normalmente só usam para serviço nocturno passarão desde já a ser também usadas de dia».

Aldeia olímpica:

FORÇAS POLICIAIS TOMAM POSIÇÕES

. MUNIQUE, 8 — (F. P.) — Importantes forças policiais tomaram posições ontem dentro da Aldeia Olímpica, soube de fonte bem informada.

O Centro de Imprensa e o centro de Rádio e Televisão foram também reforçados.

Pela primeira vez, a segurança dos atletas e acompanhantes está a cargo de polícias armadas e de uniforme. Cada edifício está agora sob a vigilância de vários polícias.

Os inspectores da Polícia Criminal e da Polícia Política tentam passar por desportistas mas parece que em vão.

Medidas de segurança especiais foram tomadas à volta dos edifícios que abrigam delegações árabes assim como da sede da delegação da RDA situada precisamente em frente do edifício onde estava instalada a delegação israelita.

REPRESÁLIAS ISRAELITAS PARECEM IMINENTES

BEIRUTE, 8 (R.) — Uma vasta operação israelita de represália contra bases de guerrilheiros palestinianos parece estar iminente, verificando-se uma concentração de tropas, tanques e artilharia nas fronteiras da Síria e do Líbano, segundo anunciou a agência noticiosa palestiniana WAFA.

Essa agência, porta-voz da resistência, diz que a concentração de forças israelitas começou na quarta-feira, pouco depois da morte dos reféns israelitas em Munique.

A tensão aumentou ontem na fronteira sul do Líbano após uma escaramuça entre uma patrulha israelita e um grupo de geurrilheiros, uma penetração israelita em território libanês e uma cena de tiros entre guerrilheiros e forças do Exército libanês.

A fronteira sul do Líbano mantinha-se relativamente calma desde uma série de incursões israelitas em Junho, durante as quais várias dezenas de guerrilheiros e civis perderam a vida.

Testemunhas oculares estiveram na fronteira dizem que as forças israelitas podem ser vistas a deslocar-se do outro lado da fronteira, ao mesmo tempo que aviões israelitas têm efectuado uma série de voos de reconhecimento a baixa altura.

Um informador militar libanês confirmou ontem à noite que tropas israelitas tinham violado a fronteira durante o dia. Aparentemente, procuravam os guerrilheiros envolvidos numa troca de tiros com uma patrulha israelita na noite anterior.

Segundo notícias de Tel-vive, um soldado israelita e dois palestinianos morreram durante o combate fronteiriço, num ponto situado a 26 km da costa do Mediterrâneo.

Entretanto, a organização «Setembro Negro», responsável pelo ataque à Aldeia Olímpica, intimou as autoridades alemãs a entregarem os três guerrilheiros capturados e os corpos dos cinco que foram mortos no aeroporto, ameaçando a Alemanha de represálias, caso este pedido não seja atendido.

Entretanto, os observadores políticos salientam que o Governo israelita se encontra perante o difícil problema de decidir qual o género de acção a tomar e contra quem devem ser dirigidas as suas represálias.

Anteriormente, a aviação israelita e as suas forças terrestres limitavam-se a atravessar a fronteira em perseguição dos guerrilheiros destruindo as bases de onde eles tinham partido. Mas, desta vez, trata-se de atacar um inimigo quase invisível que atingiu Israel longe do Médio Oriente.

Já uma vez Israel efectuou represálias em circunstâncias semelhantes quando os seus pára-quedistas, em Setembro de 1968, atacaram o aeroporto de Beirute e destruiram 13 aviões árabes como resposta a um ataque feito em Atenas a um avião israelita por guerrilheiros que tinham a sua base em Beirute.

TROCA DE TIROS NO GOLAN

TELAVIVE, 8 — (R.) — As posições israelitas na região ocupada dos montes Golan foram alvejadas por fogo de artilharia durante a noite, segundo anunciou um informador militar em Beirute.

Não se registaram baixas e as forças israelitas na zona de Chisbin responderam ao fogo — acrescentou o informador.

A TENSÃO GERMANO-ÁRABE PODERÁ AGRAVAR-SE

BONN, 8 — (F. P.) — A República Federal da Alemanha mostra-se resignada perante as más notícias, após o drama de Munique.

O último ultimato da organização Setembro Negro provocou no informador do Governo, Conrad Ahlers, uma réplica lacónica: «O Governo Federal tomou todas as disposições de segurança necessárias». Não foi possível obter de Ahlers uma resposta à exigência de Setembro Negro de fazer transportar «para uma capital árabe que não Amã» os feddayin mortos ou feridos na carnificina de Fuerstenfeldbruck.

O secretário de Estado recusou-se por outro lado a entrar em polémica com o informador egípcio que criticou duramente as afirmações de Bonn segundo as quais os árabes não teriam cooperado numa tentativa para evitar o incidente do aeroporto. Cohnrad Ahlers limitou-se a dizer: «Os factos contradizem as afirmações do informador egípcio».

Esta continência verbal ilustra o mal-estar que reina em Bonn em consequência da tensão que o drama de Munique provocou com os países árabes.

Para tomar posição, Bonn espera o relatório que deverá fazer o embaixador alemão no Cairo, Hans Georg Steltzer, convocado ontem para uma reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, Murad Ghaleb.

Do lado árabe parece que também não se quer deitar demasiado óleo sobre o fogo. Os chefes das missões diplomáticas árabes estiveram em reunião quase permanente nos últimos dois dias na sede da liga árabe em Bonn, mas ainda não apresentaram qualquer declaração.

Pensa-se nos meios geralmente bem informados do Cairo que a recente polémica entre os informadores do Governo egípcio poderá bem ser um prelúdio de acontecimentos muito mais graves para as relações entre os dois países. Pensa-se que as autoridades alemãs tencionam expulsar os dois ou três mil palestinianos que vivem no seu país. Parece também excluída a hipótese de o ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, Murad Ghaleb, vir a efectuar a visita a Bonn prevista para este mês.

Munique
Em poucas linhas

— Richard Nixon, presidente dos Estados Unidos, qualificou de «perversão odiosa do espírito olímpico» o assassínio dos onze membros da equipa de Israel.

— Israel Galili, ministro de estado israelita e principal conselheiro da sr.ª Meir, declarou que, na reunião do conselho de ministros, «nunca se pôs a questão de ceder à chantagem dos terroristas e libertar 200 presos em troca dos refens israelitas».

— Atletas israelitas declararam que as medidas de segurança tomadas pelas autoridades tinham sido insuficientes no caso da sua equipa e afirmaram nomeadamente que a sua delegação não tinha obtido guardas armados para a proteger.

— Avery Brundage, presidente cessante do C.O.I., lamentou num comunicado, «qualquer interpretação errada das declarações feitas durante a cerimónia solene» sobretudo no que respeita a um eventual paralelo entre a atitude dos países africanos na questão rodesiana e o ataque do «comando» palestiniano.

— As instalações de várias empresas petrolíferas norte-americanas em Liège, no Leste da Bélgica, foram colocadas sob protecção especial da Polícia, depois de ter sido recebida informação de que guerrilheiros da organização palestiniana Setembro Negro tencionavam levar a cabo actos de sabotagem.

— Vai ser construido um centro desportivo em Jerusalém em memória dos 11 israelitas mortos em Munique. Foi o presidente da Câmara de Jerusalém, Teddy Kollek quem anunciou ontem à noite esta decisão, indicando que o centro desportivo será o maior de Israel.

TERRORISTAS NUCLEARES
-prevê um cientista

OXFORD (Inglaterra), 8 (R.) Um cientista americano advertiu ontem que em breve os terroristas poderão estar aptos a desenvolver e a utilizar armas nucleares rudimentares.

O prof. Bernard Feld, presente a uma conferência de proeminentes cientistas mundiais que decorre em Oxford, disse que à medida que os complexos de enrgia nuclear vão aumentando, se irão tornando também cada vez mais fáceis os acessos a vastas quantidades de plutónio, desperdícios que poderão ser utilizados por certas pessoas, com um certo conhecimento científico, embora de natureza empírica, para fabrico de bombas nucleares rudimentares.

O prof. Feld foi um dos cientistas que trabalhou no projecto americano «Manhattan», que fabricou a primeira bomba atómica.

Avisou que também poderão ser manufacturadas armas químicas e biológicas em caves e em condições usualmente utilizadas por terroristas com todos os efeitos perniciosos que se podem adivinhar.

O prof. Feld é um dos 22 cientistas eminentes de todo o mundo que estão reunidos em Oxford para participarem na 22.ª Conferência Pugwash sobre ciência e assuntos mundiais, conferência que foi fundada há 15 anos e que se destina a envolver cientistas de todo o mundo na luta contra a corrida aos armamentos.

Proposta numa conferência cimeira:

Livre acesso dos guerrilheiros através dos Estados africanos

DAR ES SALAM, (R) Os combatentes dos movimentos de libertação terão livre trânsito através dos Estados Africanos independentes para poderem dedicar-se à luta de guerrilhas contra os regimes brancos da Africa Meridional, nos termos de uma proposta que vai ser apresentada hoje à conferência cimeira da Africa Central e Oriental que aqui começou ontem.

Essa proposta está contida num documento a favor da solidariedade com os movimentos de libertação, documento esse elaborado na reunião preparatória de ministros dos Negócios Estrangeiros, segundo revelaram fontes ligadas à conferência.

A proposta que inclui também o aumento do auxílio material aos guerrilheiros de acordo com os êxitos militares por eles alcançados, será estudada por cinco chefes de Estado e pelos chefes das outras delegações presentes na Conferência que agrupa 6 países.

O documento pretende ainda que a conferência reafirme as declarações de anteriores cimeiras africanas segundo as quais a luta armada é a única forma de pôr fim ao colonialismo e ao apartheid.

O presidente Nyerere, da Tanzânia, falando ontem na sessão inaugural, disse que é chegado o tempo da acção e não apenas de palavras contra os regimes brancos minoritários.

O Uganda encontra-se representado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, pois o presidente Idi Amin não é reconhecido pela Tanzânia em virtude de ter subido ao poder por um golpe militar que derrubou o antigo presidente Obote.

Esta conferência foi de resto a primeira oportunidade para o ministro do Uganda visitar a Tanzânia desde que as relações entre os dois países se agravaram com o golpe do general Amin, há 9 meses.

A conferência cimeira, que deverá prolongar-se até sábado, ocupar-se-á também da cooperação regional económica e de questões políticas tais como a descolonização.

Será ainda apresentada uma moção sobre o Médio Oriente, nos termos da qual a conferência afirmará o seu apoio aos árabes nas diligências para recuperarem os territórios ocupados por Israel.

Receio de ataque a oleoduto austríaco

KLAGENFURT, (ÁUSTRIA), 8 — (R.) — O comando da Polícia austríaca ordenou esta noite grandes precauções de segurança, depois de entidades da indústria petrolífera terem anunciado que guerrilheiros árabes talvez tentem atacar um oleoduto principal instalado em território austríaco.

A sede da Polícia de Klagenfurt confirmou que grandes depósitos de petróleo e outras instalações petrolíferas situadas na Caríntia, província do sul da Áustria, se encontram sob vigilância reforçada.

O comando da Polícia declarou que agiu por informações de companhias petrolíferas ocidentais, indicando que um grupo de comandos árabes, que se desloca em três automóveis, partiu de território da Alemanha, a caminho da província austríaca da Caríntia.

As companhias petrolíferas citaram fontes fidedignas como tendo dito que os guerrilheiros árabes projectam atacar instalações do sector Adriático-Viena do oleoduto transalpino, que transporta petróleo de Trieste para a Áustria e para a Alemanha Ocidental.

Lembra-se que o afastamento de Mathews e Collett, bem como a lesão de Chuck Smith, vêm comprometer as aspirações norte-americanas na estafeta 4x400 metros. Em primeiro plano fica apenas o recordista mundial Lee Evans.

EXPULSÃO DE ATLETAS

MUNIQUE, 8 (F.P.) — A comissão executiva do C.O.I. decidiu expulsar os dois negros americanos, Vince Matthews e Wayne Collett dos Jogos Olímpicos, por não terem respeitado o espírito e a ética da tradição olímpica. As medalhas não lhes serão retiradas, mas não poderão disputar as segundas provas.

Exército sírio de prevenção

BEIRUTE, 8 — (FP) — Em consequência dos acontecimentos de Munique e das ameaças israelitas a alguns países árabes, o exército sírio está de prevenção e em estado de alerta a 100 por cento — soube-se hoje em Beirute, de fonte bem informada. Há de novo grande tensão nas linhas de cessar-fogo e no Golan. O exército sírio está pronto a enfrentar qualquer eventualidade — indicam na mesma fonte.

Em 1 de Março findo, a artilharia, os blindados e a aviação de Israel bombardearam campos de guerrilheiros palestinianos no Sul da Síria. A aviação síria ripostou no mesmo dia, bombardeando posições israelitas, no Golan sírio ocupado.

NIXON PROMETE NÃO AUMENTAR OS IMPOSTOS

WASHINGTON, 8 (A.N.I.) — O presidente Nixon anunciou ontem que, se for reeleito, não aumentará os impostos federais durante o seu segundo mandato.

A promessa do presidente foi anunciada aos jornalistas por John Eherlichman, o seu principal conselheiro nos assuntos internos.

«O presidente não pedirá qualquer aumento dos impostos federais» — declarou Eherlichman, que revelou estar Nixon a considerar vários esquemas de reforma das estruturas dos impostos, mas que nenhum desses esquemas se traduzirá num aumento das taxas federais.

«O presidente acredita firmemente que o Governo pode sustentar todas as suas funções necessárias sem que para isso sejam precisas verbas adicionais» — concluiu Eherlichman.

DL/GERAL

PORTO DE SINES

para o concurso de construção cívil do Porto de Sines (1.ª fase).

O número de firmas ou agrupamentos de empresas inscritos atingiu um total de 19, entre as quais se encontram algumas das maiores empresas tanto nacionais como estrangeiras da especialidade, num total de 48 entidades.

Realiza-se na próxima segunda-feira, na delegação em Lisboa do Gabinete da Area de Sines, uma reunião pública presidida pelo director do Gabinete, eng.º António Martins, a fim de se dar conhecimento dos nomes de 6 firmas ou agrupamentos de empresas seleccionados

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq.º LISBOA-5
Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO
CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL
Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL
Nome
Morada Telefone:

Aproveitamento da bacia do Cunene

É criada a Exploração do Aproveitamento do Calueque, por decreto do Ministério do Ultramar, no preâmbulo do qual se explica a determinação:

«Pelo Acordo de 21 de Janeiro de 1969 entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República da Africa do Sul, sobre a primeira fase do aproveitamento dos recursos hídricos da bacia do Cunene, foram incluídos nos empreendimentos por essa fase abrangidos uma barragem e um esquema para bombar água do rio, ambos situados em Calueque. Como aqueles empreendimentos se localizam em território nacional, reservou-se o Governo Português o direito de criar, para a sua gestão uma entidade adequada.

Convém pois criar o organismo que há-de ocupar-se da exploração do aproveitamento do Calueque. A reduzida dimensão desse organismo aconselha a que se lhe dê uma estrutura simples e se confiram ao Ministro do Ultramar os poderes necessários para a completar, sempre que isso se figure útil».

Assim, por força do referido diploma, é criada a Exploração do Aproveitamento do Calueque, abreviadamente designada por E.A.C., pessoa colectiva de direito público, dotada de autonomia administrativa e financeira, sob a dependência imediata do Governador-Geral do Estado de Angola.

O local da sede da E.A.C., será fixado por despacho do Governador-Geral de Angola e constitui atribuição da mesma gerir o estabelecimento do Calueque, em execução do Acordo de 21 de Janeiro de 1969, sobre a primeira fase do aproveitamento dos recursos hídricos da bacia do Cunene, assinado com a República da Africa do Sul.

São receitas da E.A.C., as previstas no Acordo de 21 de Janeiro de 1969, com a República da Africa do Sul.

A E.A.C. é administrada por uma direcção composta por três membros. Exercerá as funções de presidente o director-delegado do Gabinete do Plano do Cunene, ou, nas suas faltas ou impedimentos, o seu substituto legal. Os restantes membros da direcção serão nomeados por despacho do Governador-Geral do Estado de Angola, de entre o pessoal superior da E.A.C..

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila do Bispo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento no concelho de Vila do Bispo, de: modificação da linha mista a 15 kV, com 1112 m, constituída por um troço aéreo com 1016,7 m, e por dois troços subterrâneos com 95,3 m, do posto de corte em Sagres ao posto de transformação do Hotel da Baleeira, englobando um troço já licenciado de 851,8 m; modificação da linha subterrânea a 15 kV, passando a derivar do apoio n.º 9 da linha anterior ao posto de transformação das Câmaras Frigoríficas de Sagres, com um aumento de comprimento de 58 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Setembro de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

INFORMACAO ECONOMICA

ACORDO COMERCIAL ENTRE A ÁUSTRIA E PEQUIM

Os representantes dos Governos austríaco e chinês concluiram recentemente as negociações referentes a um novo acordo comercial e um acordo de pagamentos entre os dois países. O mencionado acordo substituirá um contrato provisório a nível de câmara firmado há diversos anos e entrará em vigor provàvelmente em princípios de Janeiro próximo. Segundo se sabe de círculos informados das duas delegações, o novo acordo não prevê nenhum sistema de contingentes de mercadorias; as duas delegações obrigaram-se a basear o recíproco intercâmbio comercial sobre um generoso sistema de licenças.

O acordo de pagamentos, que também foi preparado pelas duas delegações de funcionários, prevê que os fornecimentos de mercadorias dos dois países poderão sercompensados em xelins austríacos, Ren-Min-Bi chineses ou em moeda livremente conversível.

Entretanto, o vice-director do Instituto Austríaco de Investigações Económicas, referiu-se à economia austríaca afirmando que os resultados económicos de 1972 parecem indicar que na Áustria não se registará o atraso habitual do incremento económico que costuma seguir normalmente aos períodos de auge. A manutenção do equilíbrio no ciclo actual, disse o professor Seidel, se deve em primeiro lugar ao facto de que no período de auge económico, a Áustria renunciou em grande parte a recorrer a medidas resttitivas no sector da procura (política orçamentária, política tributária e política de salários), evitando assim um atraso demasiado precipitado do período de conjuntura. Semelhante aplicação dos instrumentos da política económica, contudo, não teria sido possível se na Áustria não existisse um sistema de perfeita colaboração entre patrões e trabalhadores, colaboração que contribuiu a evitar excessos tanto no sector dos preços, como no sector dos salários.

BALANÇO

CAFÉ — Luanda, (1) — Apenas em doze dias, os mercados rurais efectuados no Cuanza Norte movimentaram 7425143,5 kg de café, num montante de 33249572 escudos. O concelho de Bula-Atumba continua, como já é de tradição, a ocupar o lugar cimeiro no que se refere à produção do «mabula», com 2804558 kg no valor de 26205 1 escudos, seguido dos concelhos de Banga com 715059 kg de «mabula» e 107 de comercial, no montante de 7 718 728$50 e de Ambaca, com 655 3 6 kg de mabula, 37 764,5 de comercial e um valor total de 7 454 80 escudos. Como também é habitual, a produção de mabula, no distrito, suplantou em larga escala a de café comercial, com as quantidades, respectivamente, de 7 387 272 e 37 87 kg.

AÇO — Através do decreto n.º 160, publicado no «Boletin Oficial del Estado» as autoridades espanholas instituíram uma quota suplementar de 40 000 toneladas ao contingente prèviamente fixado para a importação de chapas e folhas de ferro ou aço não especial, estanhadas, classificadas nas posições pautais 73.12D e 75.13D3a.

Este contingente beneficia de total isenção aduaneira e o seu prazo de validade foi prorrogado até 31 de Dezembro deste ano.

INDUSTRIA NACIONALIZADA — As exportações efectuadas pela indústria nacionalizada austríaca ascenderam no ano passado a 15 600 milhões de xelins, o que representa um aumento de 7,6 por cento em comparação com 1970. Em proporção com o valor global das vendas, contudo, a quota das exportações baixou de 34,2 a 32,5 por cento.

AÇUCAR — Para efeitos do benefício concedido pelo artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 47 337 de 24 de Novembro de 1966, foi por despacho do secretário de Estado do Orçamento, fixado em 26 385 000 kg o compromisso de fornecimento à Metrópole, da firma Maragra Marracuene Agrícola Açucareira, S.A.R.L..

A referida firma apresentou, em relação ao nao cultural de 197 - 972, um quarto fornecimento suplementar de fornecimento ao continente de 685 000 kg de açúcar.

FUNDOS — Somavam 531 905 contos os fundos existentes nos cofres do Estado, em Angola, em 31 de Maio — revela o balancete da Direcção Provincial dos Serviços de Finanças de Angola.

Aqueles valores estavam assim distribuídos, por distritos: Benguela, 62 777 contos; Bié, 9 156; Cabinda, 6 889; Cabo-Cubango, 6797; Cuanza-Norte, 5 730; Cuanza-Sul, 15 893; Cuneme, 9 003; Huambo, 15 358; Huíla, 3562; Luanda, 341 082; Lunda, 8 186; Malanje, 10 443; Moçamedes, 6 730; Moxico, 6 828; Níge, 9857; Zaire, 12085.

No Banco de Angola, em Lisboa, existiam na mesma data 6.496 contos.

ÓLEO DE PALMA — A importação americana de óleo de palma normal, no primeiro trimestre de 197 , atingiu a quantidade de 27800 toneladas, duas vezes e meia superior à importada em igual período de 970 (0342 toneladas).

A totalidade importada pelos Estados Unidos, em 970, foi de 63904,3 toneladas, que correspondeu a 8,3 por cento da exportação mundial.

Por sua vez as importações de óleo de coconote atingiram no mesmo período (Janeiro/Março) e 97 cerca de 173 toneladas ou seja 43 por cento superior à quantidade importada em igual período do ano anterior.

BOM APETITE

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
FAVAS À COLINA

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
Telef. 26 00 70
(Frente ao Casino)

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
ENCERRA AOS DOMINGOS

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

RIO DE MOURO
Telef. 2980535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

ADEGA MESQUITA
ceie

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

DL/DESPORTOS

DINIS:

EVOLUÇÃO FAVORÁVEL AO SPORTING

. Encontra-se pràticamente solucionado o assunto Dinis-renovação do contrato, pois na reunião havida ontem à tarde, no Departamento de Futebol do Sporting entre directores e o jogador, chegou-se a um acordo tácito que hoje se deve concretizar. Dinis prometeu participar no treino de hoje e, ao fim da tarde, assinar o contrato. As condições oferecidas pelo Sporting mantiveram-se, mas Dinis concluiu que talvez valha a pena continuar, ainda que o ordenado mensal pretendido não venha a ser integralmente recebido.

O assunto foi abordado de novo na reunião da Direcção do Clube, ontem à noite, só não sendo viável a deslocação do jogador ao Porto para jogar no domingo, já que tem a sua preparação bastante atrasada e há, ainda que proceder à inscrição. Na reunião da Direcção não foram abordados nem referidas as declarações de Fernando Peres, sendo no entanto certo que o assunto foi definitivamente arrumado e o Sporting desistiu do concurso do jogador.

Fraguito está regularmente inscrito e vai jogar às Antas. O mesmo acontecerá com Alhinho, se Ronnie Allen o quiser utilizar.

PALMEIRAS

CAMPEÃO PAULISTA

SÃO PAULO (Por Mário Nobre/Via Varig) . Com o estádio do Pacaembu completamente lotado, não obstante a TV ter transmitido para todo o Brasil a importante peleja que colocou os dois «leaders» invictos frente a frente, Palmeiras e São Paulo terminaram a contenda com um desolador empate sem abertura de contagem. Foi um jogo insípido, raramente se vendo um bom lance de futebol. Nos palmeirenses (que se sagram campeões invictos por terem mais um ponto do que o São Paulo) destacamos as actuações de Dudu (na foto), Ademir da Guia e Luís Pereira. No São Paulo veio ao de cima a classe de Pedro Rocha e Gilberto.

QUEM DEU AO GATILHO?

Continuação da pág. 1

esforçam-se por não deixar ninguém ali parado durante muito tempo mas houve quem tivesse tempo para, talvez durante a noite, escrever na parede ao lado frases que nada abonam o chefe da polícia de Munique que, por acaso, ainda há menos de um ano matou (com a sua pistola) um assaltante de um banco no momento em que este, acompanhado por uma rapariga-refém, entrava num carro com o produto do roubo. O caso provocou então grande alvoroço porque a refém caiu morta após os disparos do polícia. Um exame posterior ilibou o chefão policial: as balas que tinham morto a jovem tinham sido disparadas pela pistola do bandido, que por sinal, até morrera uns segundos antes...

Daí que a Imprensa internacional aqui representada não se cansa de lhe dizer o bom e o bonito, associando os dois casos: agora como então, ninguém isento de partidarismos pode afirmar, em plena consciência, quem matou os reféns israelitas no aeroporto. A verdade é que, mal os primeiros disparos ocorreram e sucedeu a explosão dos helicópteros, um outro levantou voo: e nós, os poucos que tinham a audácia ou a inconsciência de termos ido para junto das grades que limitam o campo, escutámos da própria boca de um oficial da polícia que os reféns iam ali, sãos e salvos, «graças à inteligência do chefe Schribber que sabe muito bem como lidar com terroristas».

Foi o que se viu.

E, AGORA?

Claro que hà que cumprir o programa. Mal ou bem. Mas o infeliz acontecimento que enlutou os jogos, continua na mente de todos. Os Comités nacionais de diversos países, seguem nas suas manifestações de protesto e de condenação, verberando a atitude destes modernos «Kamikaze» que são os «Fedhains» àrabes. Por seu turno, o bloco africano tornou pública uma declaração conjunta em que «lamenta os termos equívocos» usados por Avery Brundage no discurso de exéquias que proferiu no estádio olímpico. «Não consentimos que associem a nossa posição perante a Rodésia ao conflito israelo-árabe».

Na estrada para Dachau (que fica a 30 quilómetros de Munique) escreveram-se frases como esta: **«Os Jogos que terminem, antes que seja pior»**. Por seu lado, o controle de entradas na Aldeia Olímpica é agora muito mais rigoroso, com constantes patrulhas policiais a circularem no meio dos atletas e dos jornalistas: além de se notarem, em todos os quarteirões, carros de combate, transmissores de TSF e concentrações de policias de metralhadora a tiracolo. Não há recolher a hora certa: mas pede-se a todos que estejam antes das duas e trinta da manhã nas suas residências.

Ninguém mais pode ser credenciado para ter acesso aos jogose, segundo uma lista tornada pública no Centro de Imprensa, estão aqui representados 631 jornais e revistas, 110 estações de rádio e 60 de televisão (com os respectivos comentadores). A delegação americana, entrevistada para a França, a propósito de uma notícia divulgada pelas agências, segundo a qual um certo Sydney Solomons, em Férias na cidade do Porto (Portugal) teria telegrafado a Mark Spitz propondo-lhe um contrato no valor de um milhão de dólares para ser agente de artigos desportivos da sua organização comercial, fartou-se de rir.

— **«Spitz até já está na América** — disseram, bem humorados, os cavalheiros. E acrescentaram: **«Propostas dessas, se é que essa vem de alguém idoneo, já ele as teve aos montes».**

E concluiram:

— **«Em todos os tempos houve quem quisesse arranjar nome à custa dos ídolos...»**

. A tarde entra em ocaso. Os americanos foram senhores nos 400 metros. Cada decatlonista supera o anterior em aplicação e em esforço. Milburn, o negro estado unidense que divide a carapinha em duas montanhas e tem pêlos no rosto todo faz 13,24 nos 110 barreiras. Peso e martelo demoram horas a resolver. As mulheres quatrocentistas voam como setas para o traço final: e nem Vincent Matthews nem Wayne Collett (os dois primeiros na corrida masculina) ligam meia ao hino nacional americano, na hora dos campeões negros: e escutam-se assobios no anfiteatro. «Records» superam «Records». Máximos mundiais, máximos olímpicos: histórias em lugar comum.

A noite tomba. Empurrado, arrastado numa cadeira de rodas, o etíope ergue levemente o braço direito para saudar a multidão que está virada para outro ponto. As lágrimas escorrem-lhe, então, grossas como bolas de neve. Abebe Bikila, o «monstro negro» da maratona, não poderá mais voltar a correr: o seu fim (prematuro) é um sinal de como acabam todas as coisas.

Continua na pág. 16

100 MIL CONTOS

EM 50 PRÉMIOS GRANDES

Distribuídos este ano aos balcões da

CASA DA SORTE

Eis a prova insofismável da

SORTE

Dos que preferem a Lotaria com o Carimbo e Marca da

CASA DA SORTE

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela Tabacaria Rosa, Ldª, Fernando Quintas, Rua da Fonte, 16-A CARNIDE - LISBOA

SENSACIONAL RENOVAÇÃO DE VARIEDADES NO

Calç. da Glória, 2
Telefone 368987
BOA MÚSICA ATÉ DE MADRUGADA PELO CONJUNTO «PROJECTO»
(M/ 21 anos)

Hipismo em Vila Moura

VILAMOURA, 8 — Com a vitória do capitão Pimenta da Gama terminou ontem a segunda fase do Vconcurso de Vilamoura, uma feliz iniciativa do centro hípico local, devidamente apoiada pela Somotel.

Participaram nas provas bastante concorridas cerca de sessenta conjuntos entre os quais alguns dos melhores nacionais:

A jornada de hoje, na opinião do capitão João Sequeira, membro do júri, foi bem disputada e, no seu entender, venceu o melhor. Quanto aos juniores, manteve-se o nível do dia anterior, com particular destaque para José Mendes Coelho que neste concurso está a ter um comportamento interessante.

CLASSIFICAÇÃO DAS PROVAS DE HOJE:

Prova engenheiro Olias Maldonado, destinada a cavaleiros discípulos, em que participaram oito conjuntos:

1.º Xelim, com João Mendes Coelho; 2.º Cara Linda, com o mesmo cavaleiro; 3.º Sagitário, com Pedro Mac Brid; Prova Saturnino de Moura Pinheiro, para cavalos de terceira categoria (27 conjuntos em prova e uma das mais concorridas):

1.º Vinte e Sete, com o tenente Leite Rodrigues; 2.º Cossaco, com António Leal da Silva; e 3.º Vas, com Pimenta da Gama.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Palmela em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia e concelho de Palmela, de uma linha aérea provisória a 6 kV, com 619 m, entre a Substação de Palmela SE30-15 e o apoio n.º 1 da linha Setúbal-Pinhal Novo (LI06-46).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Setembro de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, nas freguesias de Santiago e Castelo, concelho de Sesimbra de uma linha mista a 15 kV, com 1227 m, sendo 322 m em parte aérea e 905 m em parte subterrânea, para o posto de transformação CALIFÓRNIA, derivada do apoio n.º 54 da linha Azeitão - Sesimbra, alimentado no seu percurso subterrâneo o posto de transformação ESPADARTE e o posto de transformação DÍDIO.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/DESPORTOS — JOGOS OLÍMPICOS

QUEM DEU AO GATILHO?

Continuação da pag 15

PENSANDO BEM

O drama está consumado, mas os mortos pedem justiça. Todo o mundo tem os olhos postos nas 24 horas do terror, vividas aqui, em Munique, por gente de todos os paralelos e todos os credos. E as interrogações permanecem no ar: quem assegura, daqui para a frente, a segurança dos atletas e dos seus dirigentes? Quem foram os verdadeiros responsáveis por este massacre? Porque motivo nos anunciaram, à porta do aeroporto militar, a libertação dos refens e a sua partida de avião para o quartel de Polícia e, posteriormente, fomos informados que todos eles tinham sido mortos dentro de um helicóptero poisado na pista? Como é que, o chefe dos «comandos» árabes esteve a trabalhar na aldeia olímpica? Como é que, realmente, os «fedayin» entraram na aldeia?

Antes do mais: suspender os Jogos seria abdicar da independência (ficticia ou real) do desporto em relação à política. Seria dar ensejo a uma onda de maior violência: possível, desde que os comandos terroristas de diferentes latitudes, vissem que este golpe resultara. Mas, prossegui-los, neste clima de tensão, será proveitoso?

Com efeito, as delegações da Siria, do Egipto e do Koweit já se retiraram, em bloco, sem sequer apresentarem despedidas a quem quer que fosse. Também treze atletas da Noruega e seis da Holanda resolveram abdicar dos Jogos: e espera-se que durante esta manhã mais desportistas virem costas à aldeia olímpica, num adeus estranho e inesperado: a última festa da juventude de todo o mundo.

Os jornais trazem as fotos dos três terroristas presos: um está de cama: e, como os outros, tem o ar grave de haver cumprido um desígnio, de ter respeitado um juramento. No México (recordam-se?) foi derramado o sangue de estudantes. Em Munique, (não esqueçam) talvez os dezassete mortos tenham sido a resposta aos triunfos do judeu Spitz.

O mito da reconciliação das nações, das raças e dos homens, provou que não é mais que um mito, na hora em que a Rodésia, por invocações que nada têm a ver com o desporto, foi banida da concentração olímpica. Estiveram certos os homens que autorizaram esse jogo de pressões? Então, quem tem agora força moral para condenar outro tipo de guerrilha política?

O desespero do povo palestiniano, como a coragem do povo israelita, mereciam duas homenagens: não foram os modos como a virilidade e o destemor dos palestinianos teimaram em brigar or sua doutrina, desprezando todas as convenções de guerra e espalhando o morticínio entre inocentes e desprevenidos. Essa, é uma forma de batalha que, merecendo a maior repulsa, imediatamente exclui a admiração pela Palestina de todos os nossos pensamentos. Quem é capaz de dar razão a um terrorista que lhe entra dentro de casa para matar um filho, uma mulher, uma amãe?

— **«Tinha 19 anos e já há três meses ganhara a nacionalidade israelita»** — diz o embaixador de Golda Meir em Bona, a respeito de Mark Slavin, emigrante russo de fresca data e, agora, um dos corpos sem vida que já desembarcou no aeroporto de Lod.

E o dignitário de Israel acrescenta pela rádio:

— **«Foi recusada aos nossos serviços secretos autorização para velarem pela segurança da comitiva israelita».**

Pergunta-se: porquê, se procederam de modo diferente em relação aos Estados Unidos e à Rússia?

PERGUNTAS

Correm, neste momento, rumores em toda a Alemanha de que haverá mais 15 terroristas «fedayin» dentro da cidade de Munique. Esses «suicídas» estariam prontos a entrar em luta antes de sábado ou na cerimónia de encerramento dos Jogos — afirma-se à boca fechada — mas a Polícia não desmente nem confirma: tão pouco divulga o teor ou o resultado dos interrogatórios aos três palestinianos presos, que estão na cidade e não se espera que, tão cedo, sejam extraditados para Israel.

— **«Fomos nós que os prendemos por um crime cometido no nosso país»** — afirmou há momentos, via-TV, o sr. Manfred Schreiber, o citado chefe da Polícia de Munique que, a 4 de Agosto de 1971, se imortalizou de modo bastante estranho.

As comitivas da Alemanha de Leste e da Inglaterra teriam já sido advertidas de que algo se tramava contra elas. Por outro lado, também estaria uma espada de Democles pendente sobre a representação irlandesa: mas tudo isto podem ser boatos espalhados por insensatos ou por inconscientes. De qualquer modo, quem garante que a paz podre destes Jogos não vai tremer outra vez?

Assim, no sector da Imprensa internacional aqui nas Olimpíadas, já há listas a solicitarem assinaturas: a par de uma «sólida declaração de factos e sucessos» pede-se ao Governo alemão um rigoroso inquérito à carnificina do aeroporto militar de Fuerstenfeldbruck. E, indaga-se:

a) O responsável pela chacina está no Cairo ou em Munique?

b) Como é que o chefe dos terroristas foi inicialmente registado como «engenheiro» (ajudando a construir o sector da aldeia olímpica em que ficaria a delegação israelita) e depois é admitido no serviço de «jardineiros»?

c) Quem autorizou que os refens israelitas estivessem atados de pés e mãos no interior do helicóptero que explodiu, depois de terem embarcado nele, na aldeia olímpica, pelo seu pé?

d) Quem achou que eram necessários 15 mil polícias, 25 helicópteros, 12 mil soldados e centenas de carros para parlamentar com os «ettoristas»?

e) Foi a falência, a fatalidade, um descuido, uma precipitação ou um exagero da parte da Polícia de Munique acantonada no aeroporto?

A esta e a outras perguntas responderá o tempo: ou alguém por ele, um dia que alguma boca se abra.

— **«Fomos alertados por duas mulheres da limpesa e mal vimos que nada podiamos fazer que não pusesse em sério risco uma dezena de vidas, resolvemos agir com precaução».**

Esta foi uma das frases que se escutou com maior intensidade durante as sucessivas e tumultuosas conferências de Imprensa durante as quais jornalistas de diversas nacionalidades pretendem encostar os policiais de Munique à Parede. Mas estes têm o discurso bem engatilhado: dizem o que podem e a mais

longe não vão. Mas, há quem tenha feito como eu: esta manhã, uma vez mais, mas agora muito detalhadamente, percorri o prédio que fora ocupado pela delegação israelita na aldeia olímpica e analisei pormenorizadamente as imediações. Pois, não há dúvida: houve mesmo um quartel-general «em crise» montado pelas forças da ordem, com escritórios, camarata, abastecimentos, telefones, câmaras de filmagem e de televisão, sala de projecções, garagem para motorizadas e chapas de aço nas janelas (apenas com pequenos poros funcionando como viseiras).

— **«Eles queriam um «Boeing» para irem para um país árabe que só diziam qual era depois de duas horas de vôo** — garante-me um dos ingénuos (ou talvez não...) guardas-jardineiros que foi «colega» do chefe-terrorista. **«O meu «colega» era tipo de poucas falas: e disse-me, na noite do ataque, ai pelas três da manhã, que vira atletas a saltarem para dentro da aldeia olímpica depois de andarem na paródia em Munique. Se calhar eram mesmo os «terroristas» dele** — faz com a cabeça o sr. Kling, (Johanas Kling), que acha que tudo aquilo não foi mais que actos de vingança: da Palestina para com Israel, da Polícia de Munique para com quem tinha zombado do sistema de segurança que demorará anos a idealizar.

Para além desta «vox-populi», que terá a sua razão muito defensável, há factos que são já certezas. Por exemplo: a Polícia de Munique teve preparado um golpe que resultaria no abate, simultâneo e preciso, de todos os terroristas, antes deles abandonarem a aldeia olímpica. Seria durante a saída dos terroristas e dos reféns, aqueles a escoltarem estes, na marcha a pé que seria dada entre a residência israelita e os helicópteros que os árabes tinham pedido para a viagem até ao aeroporto militar. Ora a Polícia de Munique, jamais pensou que eles chegassem a embarcar e por isso nem sequer tratara convenientemente de arranjar avião, combustível e tripulação para o transporte dos terroristas para o local de destino. E qua a Polícia tinha disposto os seus atiradores especiais num ponto que dista cinquenta metros do sítio onde estavam os helicópteros e, a um sinal convencional, que seriam duas espingardas rápidamebaixadas para terra, cada cinco atiradores encarregava-se de um terrorista, e não haveria possibilidades de êxito» para os «Fedhayns». Foi por isso que na crónica desse dia eu declarei que a Polícia viera ter connosco pedindo para nos atirarmos para o chão mal ouvissemos um tiro: nós estávamos exactamente a 50 metros do ponto de embarque para os helicópteros, mas do lado oposto àquele de onde viriam os viajantes, claro.

Mal, mas pôs o pé de fora do seu «aquartelamento», o engenheiro-jardineiro-chefe exigiu transporte em carros e logo apontou quais queria «naquele preciso momento». Isso obrigou os atiradores de élite a irem apressadamente para o aeroporto em velozes carros e retardou de tal modo a chegada dos três helicópteros ao aeroporto que, tal como eu acentuei anteriormente, tive tempo de lá chegar entre a vinda do primeiro grupo e a entrada na pista do segundo. Isso mostra, insofismàvelmente, que os polícias foram apanhados de surpresa: e que o tiroteio do aeroporto foi, portanto, um destrambelhado esvasiar de cóleras e rancores. No aeroporto, completamente às escuras (a um quilómetro de distância, só vimos a explosão dos helicópteros) como é que os polícias sabiam contra quem faziam fogo, em quem acertavam, contra quem atiravam granadas? na estrada não se via um palmo à frente do naris. Nos próprios, as duas ou três centenas de jornalistas presentes, só escutávamos o uivar dos cães e gritos dispersos. Será que os polícias, mesmo de élite e mesmo na Alemanha, vêm na escuridão?

Enfim: haverá medalhas de ouro para os judeus mortos. E, até que os irlandeses resolvam atacar a delegação inglesa, ou os extapriados húngaros tomem conta da delegação do seu país, tudo vai andando àos baldões. A rígida, a notável capacidade de raciocínio e esquematização dos alemães, sofreu o mais formal desmentido. E o que estava recalcado desde a derrota das hostes nazis pode ter chegado ao cano das metralhadoras.

Dezassete mortos: quem deu ao gatilho?

COMUNICADO

A Polícia alemã, em comunicado afixado pelas zero e trinta de hoje (dia 8) na sala central do Palácio da Imprensa, tenta rebater (com os seus argumentos) evidentemente, as acerradas críticas que sofreu de todos os lados. Um facto, porém, é evidente — Israel, por intermédio da senhora Golda Meis, recusou terminantemente abrir a cela de qualquer dos seus presos e, como diz o comunicado, «isso já não nos dava grande margem para qualquer negociação».

Nos pontos principais do extenso documento, que está a ser traduzido simultâneamente por vários intérpretes nas línguas oficiais (Alemão, Inglês e Francês) pode ler-se que **«a decisão de salvar as vidas dos reféns foi exclusivamente da responsabilidade dos alemães, porque o Governo de Israel garantiu, durante diversas conversações desenroladas ao mais alto nível, que não libertava nem a totalidade nem parte dos seus prisioneiros árabes».**

A seguir, o documento: **«Tentou-se, inclusivé, que os terroristas tomassem quatro reféns alemães, entre eles o próprio sr. Schiber, chefe da Polícia de Munique. Por último, prometeu-se-lhes a vida livre e uma soma financeira sem qualquer limite. Mas a vida dos reféns israelitas (disse-nos, convictamente o porta-voz dos árabes) dependia única e exclusivamente da libertação, em Israel, de presos políticos. Mais: que todos os reféns seriam executados, aos dois e dois, até às oito horas da manhã seguinte. Uma decisão absolutamente irrevogável».**

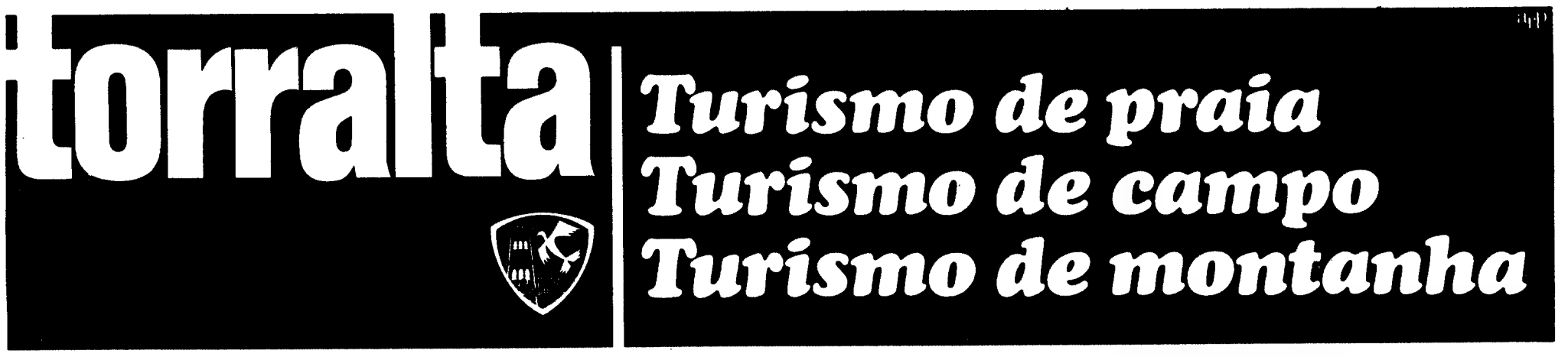
Ainda do comunicado:

«Todos quantos tomaram parte nas conversações viram que o assunto estava a ser tratado em termos radicais, a sério, sem margem para qualquer dúvida. Era preciso também notar que os terroristas não aceitavam mais qualquer prorrogação para além do último prazo dado: até às 21 horas. Falhou, desse modo, a tentativa de adiar o problema até de manhã».

E, no comunicado, vem então a confissãozinha velada:

«Os terroristas exigiam um avião e uma equipagem completa da Lufthansa, mas não havia nenhuma disponível à hora que eles queriam descolar. Além disso, também não havia qualquer garantia de que os reféns ficariam em segurança após a chegada do Cairo, mesmo porque os terroristas não garantiam a onde se iam dirigir. O seu porta-voz afirmou que durante o vôo, e logo que estivesse fora do nosso espaço aéreo, entraria em comunicação com diversos países árabes para discutir uma eventual autorização de aterragem. Assim, só tivemos três possibilidades de intervenção para libertar os reféns. O Governo comunicará agora oficialmente como o caso se concluiu».

E pronto — uma pedra no assunto ou um caso que vai ainda dar muito que falar? Será que quem ajuda ou apoia Israel passa a andar com o credo na boca?



DL/DESPORTO JOGOS OLÍMPICOS

CONVERSA DE PORTUGUESES

Mais uma ilusão perdida: Carlos Lopes ficou em nono lugar na primeira eliminatória dos cinco quilómetros e foi inexoràvelmente excluído.

Alinhando à corda, na primeira pista, Carlos Lopes imediatamente deixou perder essa enorme vantagem: e, a 100 metros da partida, seguia já na cauda do pelotão de onze unidades. Com 800 metros de corrida, o português era nono: e nunca mais melhoraria, daí para a frente...

Quando o bloco se partiu, Carlos Lopes «agarrou-se» à cauda do grupo da dianteira: e, cá para trás apenas ficaram um homem dos camarões e um China. O sportinguista lutou durante algum tempo para sustentar andamento imposto por Gammoudi e Bedford, mas via-se nitidamente que não estava em condições de dar qualquer réplica. Gammoudi e Bedford, alternando por duas vezes, comandaram sempre as operações: com oito minutos de prova já eram senhores absolutos da corrida. Chegaram isolados à meta e Bedford não disputou o risco branco, deixando a honra para o companheiro, talvez a poupar esforços para o que se segue. Depois, surgiu um bloco de quatro homens, seguido por mais outro, outro e, finalmente, Carlos Lopes. Foi a eliminatória com pior tempo: Gammoudi gastou 13.49.08, a que corresponderia, nas outras eliminatórias, os lugares número sete, nove, cinco e nono, respectivamente. Pois nem mesmo assim Carlos Lopes conseguiu qualificar-se: o seu tempo (14 m. 29,6 s.) é pior em 42 s. 8/10 ao seu «record» nacional e fica, entre os 61 concorrentes à olimpiada, como o 49.º da lista.

Depois da prova, disse-me Carlos Lopes:

— **Na verdade, ressenti-me do esforço que dispendi nos 10 quilómetros. Sempre pensei bater o «record» de Portugal, mas o andamento inicial quebrou-me. Além disso, a ponta final arrancada pelo Bedford e por Gammoudi apanhou-me num momento de crise. De qualquer modo, acho que estive razoável.**

Já depois da corrida da desilusão, conversei mais calmamente com Carlos Lopes:

— **«Eles, o Bedford e o Gammoudi, fizeram 2 minutos e 36 ao primeiro quilómetro, o que estaria bem para 10 mil mas nunca para 5 000. Mas, o que pouca gente reparou é que um tipo que vinha atrás de mim, me pisou, descalçando-me um sapato.**

Tive de parar para me calçar: e isso afectou-me o ritmo e obrigou-me logo a nunca mais recolar ao grupo da frente».

Conclui, visìvelmente triste:

— **Preparei-me toda a época para bater aqui o «record» dos cinco quilómetros. Ninguém sabe como fico agora triste.**

Fernando Mamede: um certo plano para hoje triunfar...

ASSIM VÃO OS PORTUGUESES

Começou a debandada — remadores, halterofilistas, atiradores e judocas já voltaram para Portugal. E os que cá ficaram, da nossa representação, também não estão muito tranquilos: por razões que o leitor fàcilmente apreenderá. A esse respeito disse-me esta noite Fernando Mamede, quando se preparava para ver pela televisão o espantoso duelo voleibolístico entre as equipas do Japão e da Rússia:

— **Estou completamente arrasado: não consigo dormir e dava tudo para amanhã (hoje dia 8) ir para Lisboa mal terminasse a minha corrida. Mas, enfim: cá terei de estar até ao momento do encerramento dos Jogos.**

Comenta:

— **A minha eliminatória é muito dura, pois quase todos os meus competidores têm melhores tempos do que eu nos 1500 metros. Mas eu tracei um plano — vamos a ver se resulta.**

E, conta:

— **Vou fazer tal e qual como quando em Lisboa bati o «record»: tentar a primeira volta em 60 segundos, completar a segunda dentro de um minuto e 59 ou mesmo na casa dos dois minutos, passar aos 1200 metros com 2 m 59 s e depois andar para diante, a estoirar, tudo por tudo...**

Confidência:

— **Mas, sou de todos os portugueses o mais afectado pelos acontecimentos — e dava tudo para esta noite já estar junto da minha família.**

UM GRILO FORA DA GAIOLA

Luís Grilo está delirante:

— **Vou na segunda vitória seguida e acredito que posso também passar o alemão que me toca enta tarde (hoje, dia 8). Seria óptimo que eu conseguisse bons resultados porque isso atraíria mais praticantes portugueses para a modalidade.**

Ontem (dia 7) não houve vento: e as regatas pararam em Kiel. Porém, com o tempo que houver hoje vão acabar as competições tentando um regresso aos «bons velhos tempos». Disse Fernando Machado:

— **Vamos lá a ver — creio que com um pouco de sorte e de vento treparemos uns lugarzitos...**

Entretanto, uma contrariedade — Alberto de Matos está lesionado num joelho e com um pé inchado, não se sabendo (portanto) se Portugal apresentará uma estafeta de 4x400 metros que, em principio, seria constituida por Fernando Silva (que anda entusiasmadíssimo a aprender frases bonitas em diversos idiomas e tem feito o seu pé de dança na «boite»), Alberto Matos (que se revelou explendido conversador durante a recepção oferecida na noite de quarta-feira pelo Consul de Portugal em Munique), José Carvalho e Fernando Mamede.

As grandes esperanças de bom comportamento, dentro do compo do hipismo, estão reservadas para segunda-feira, exactamente o dia de encerramento dos jogos. Francisco Caldeira, pequeno e muito magro, garante-nos:

— **Os cavalos estão em Riem e vêm, cá para o estádio lá pelas cinco e tal da manhã. Nós entramos em acção logo às oito horas — e isso pode ser benefício, porque os animais ainda não estarão saturados.**

Por último, a palavra para Armando Aldegalega:

— **Passar a minha prova de sábado para domingo já me prejudicou, porque eu andava a cumprir um sistema de treino que tem de ser rigorosamente cronometrado. Mas, como isso também sucedeu em relação aos outros, já fico menos aborrecido.**

Adiante:

— **Palavra de honra que espero bater o meu «record» (2 horas 20 minutos e um segundo). Estão inscritos 86 corredores, mas devem faltar muitos. Isso não adianta nem atrasa: os que ficaram têm pretensões. Estou habituado a correr com muitos atletas: em Manchester eram 300 e tal, nas olímpiadas de Tóquio passavam dos 70, no campeonato da Europa fiz o 15.º lugar entre 52 concorrentes. O pior ŕ se não durmo bem na véspera: esse é o meu medo. De ficar logo «arrumado», pois claro...**

RESULTADOS DE ONTEM

Nas provas de ontem foram atribuídas várias medalhas de ouro prata e bronze, devido aos resultados atléticos seguintes:

ATLETISMO Masculinos: 110 metros barreiras .º Rodney Miburn (USA), 13,24 s (recorde do Mundo igualado); 2.º, Guy Drut (França), 13,34; 3.º, Thomas Hill (USA), 13,48.

400 metros .º Vincent Matthews (USA), 44,66 s; 2.º Wayne Collet (USA), 44,80; 3.º Julius Sang (Quénia), 44,92.

MARTELO .º Anatoli Bondarchuk (U. R. S. S.) 75,50 metros (novo recorde, olímpico); 2.º Jochen Sachse (Al. Oriental), 74,96; 3.º Vasili Khmelevski (U. R. S. S.), 74,04.

FEMININOS: 200 METROS .ª, Renate Stecher (Al. Oriental), 22,40 s (recorde mundial igualado); 2.ª Raelene Boyle (austrália), 22,45; 3.ª Irena Szewinska (Polónia), 22,74.

400 METROS .ª Monika Zehrt (Alem. Oriental), 51,08 s; 2.ª Rita Wilden (al. Ocidental), 51,21; 3.ª Kathy Wilden (Al. Ocidental), 51,2 .

PESO .ª Nadezwda Chizshova (URSS), 21,03 m (novo recorde olímpico e mundial); 2.ª, Margitta Gummel (al. Oriental), 20,22; 3.ª Ivanka Khristova (Bulgária), 19,35.

PROVA INDIVIDUAL DE ESTRADA .º Hennie Kuiper (Hol.), 4 h, 14 m. 37 s; à 27 s; 3.º Jaime Huelamo (Esp.), m. t.; 4.º Bruce Biddle (N. Zel.).

HIPISMO Ensino por Equipas .º URSS, 5059,0 pontos; 2.º Alemanha Federal 5033, 0; 3.º Suécia, 4849,0

VOLEIBOL FEMININO . Na final, a URSS derrotou o Japão, por 3-2 e ganhou a medalha de ouro. Resultados dos «sets»: 5-1 , 4-15, 5-1 , 9- 5 e 15- 1. Para o terceiro lugar, a Coreia do Norte venceu a Coreia do Sul e ganhou a medalha de bronze.

HALTEROFILISMO

Em super-pesados, o russo Vassily Alexeiev ganhou a medalha de ouro ao levantar 640 quilos (novo record olímpico) nos três movimentos. O segundo foi Mang, da Alemanha Federal e o terceiro Bonk, da Alemanha Democrática.

LUTA GRECO-ROMANA O português Luis Grilo Sporting, venceu o seu segundo combate (assentamento de espáduas ao peruano Juan Velarde) e prepara-se para conseguir a melhor classificação dos portugueses nos Jogos. Leonel Duarte perdeu segundo combate e foi eliminado.

OURO, PRATA E BRONZE

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Rússia	31	21	17	69
Estados Unidos	26	26	23	75
Alemanha Oriental	18	16	19	53
Japão	12	7	8	27
Alemanha Federal	8	9	9	26
Austrália	5	8	2	15
Itália	5	3	6	14
Polónia	4	3	3	10
Suécia	4	2	4	10
Hungria	3	7	12	22
Bulgária	3	7	2	12
Inglaterra	3	3	4	10
Noruega	2	1	0	3
Holanda	2	0	1	3
França	1	3	5	9
Checoslováquia	1	3	2	6
Quénia	1	1	2	4
Nova Zelândia	1	1	0	2
Coreia do Norte	1	0	3	4
Finlândia	1	0	2	3
Dinamarca	1	0	0	1
Uganda	1	0	0	1
Canadá	0	2	2	4
Suiça	0	2	0	2
Mongólia	0	2	0	2
Roménia	0	1	3	4
Áustria	0	1	2	3
Pérsia	0	1	1	2
Coreia do Sul	0	1	0	1
Líbano	0	1	0	1
Turquia	0	1	0	1
Colômbia	0	1	0	1
Argentina	0	1	0	1
Bélgica	0	1	0	1
Brasil	0	0	2	2
Jamaica	0	0	1	1
Cuba	0	0	1	1
Etiópia	0	0	1	1
Espanha	0	0	1	1

torralta
Um turismo de verdade
A verdade do turismo

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	–	445$	–
Cons. 3 %	487$	487$	488$
Cons. 3 1/2 %	–	557$	–
Centenários	–	1.276$	–
Tes. 5 % 57	1.000$	1.000$	1.002$
Tes 5 % 59	–	1.000$	–
Exter 1.ª s.	–	618$	–
Extern 1.ª c.	–	620$	625$
Extern. 3.ª s.	–	–	790$
Extern. 3.ª c.	800$	800$	–
Caut 3.ª s.	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx. 6 %	935$	930$	940$
C. M L 5,3/ %	–	985$	–
C P 5,5 % 67	960$	950$	–
C P 5,5 % 68	–	940$	–
C. P 5,5 % 69	–	–	950$
Corr 5 3/4 %	–	935$	–
Metr 5 3/4 %	–	985$	–
Tur. 5 3/4	1.010$	1.005$	1.010$
C. P. 63/4	1.025$	1.020$	1.030$

ELÉCTRICAS

G. 5 % 58	–	830$	–
G. 5 % 59	–	835$	–
G. 5 % 62	–	–	–
G. 5 % 63	–	–	–
G. 5 % 64	–	–	–
G. 5 % 65	–	–	–
G. 6 % 67	–	–	–
G. 6 % 69	–	940$	–
G. 7 % 71	–	1.025$	–
H. E. C. 5 %	–	–	860$
H. E. C. 6 %	–	750$	–
H. E. D. 5 %	–	930$	–
H. E. D. 6 %	–	935$	–
H. E. N. P. 5 %	–	790$	–
H. E. S. E. 5 %	1.000$	980$	–
H. E. S. E. 6 %	–	950$	–
H. E. Z. 5 % 57	–	–	830$
H. E. Zéz. 6 %	–	960$	980$
N. Elc. 5 %	–	–	800$
N. Elec. 6 %	920$	910$	940$
Termoel. 5 %	–	–	720$
U. E. P. 5 % 60	–	–	730$
U E P 5 % 63	–	–	–
U. E. P 6 %	900$	870$	–

DIVERSAS

A P T. 5 % 56	–	–	900$
A P T. 5 % 58	–	–	900$
Lisnave 6 %	–	970$	975$
Nitratos 60	–	–	–
Pet. 2ª e 3ª %	–	–	900$
Sacor 7 %	–	1.020$	1.030$
Sacor 5 % 54	–	970$	–
Sacor 5 % 60	860$	860$	865$
Sid 5 % 2.ª	–	–	780$
Sid 5 % 3.ª	–	–	–
Sid 5 % 4.ª	–	–	780$
Socel. 5 %	–	895$	–
U. Fabril 67	925$	925$	930$
U. Fabril 68	925$	925$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % 59/60	–	–	700$
Moçamb 5 %	–	400$	550$
Sonefe 5 %	810$	810$	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.070$	5.065$	5.070$
Alentejo	1.190$	1.185$	1.200$
Angola	4.050$	4.050$	4.100$
Cred. Predial	5.750$	5.750$	5.800$
Esp. Santo	10.880$	10.850$	10.900$
Fomento	5.520$	5.500$	5.550$
F. & Burnay	50.000$	50.000$	–
N. Ultr. m.	–	5.500$	5.750$
N. Ultr. c	6.800$	6.780$	6.820$
Portugal n.	–	–	–
Portugal p.	6.150$	6.100$	6.200$
P. Atlântico	–	11.000$	11.300$
Totta & Açores	6.300$	6.300$	6.310$
Algarve &	2.050$	2.020$	2.050$
Borges & Irmão	8.450$	8.445$	8.450$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	1-9-72	7-9-72	8-9-72
GERAL	194,4	194,7	195,1
METROPOL	199,3	199,4	199,8
ULTRAM	158,1	160,2	160,6

De Seguros

Alentejo	170$	170$	171$
Bonança	–	36.000$	–
Império	–	18.000$	22.000$
Mundial	1.370$	1.365$	1.375$
Soberana	1.800$	1.800$	–
Tranquilidade	–	–	–

Electricas

C P E p	1.100$	1.100$	1.101$
C. P E. n.	1.090$	1.080$	1.090$
E Beiras	–	–	1.780$
G Elec c	327$	326$5	327$5
H E A A	–	–	–
H E N P	250$	245$	270$
H E. S E	–	–	1.680$
U E P	–	187$	190$

Ultramarinas

Ag. Cassequel	–	1.050$	1.070$
Ag Incomati	–	2.500$	2.600$
Ag. S T e P	–	–	–
Aç Angola	1.030$	1.030$	1.050$
Alg Angola	185$	185$	190$
Ang. Agric	–	640$	650$
Boror	–	–	110$
Boror Com			
Buzi	–	78$	79$
Cabinda	–	110$	–
Com. Lobito	680$	690$	–
D A T 100	–	1.900$	2.000$
H. E Revué	–	500$	540$
I do Princ.	–	300$	–
Moçambique	–	–	160$
Sonefe n.	405$	–	–
Sonefe p.	415$	410$	420$
Zambézia	–	59$	–

Diversas

Ag. Lx ant.	–	425$	–
Ag. Lx. 34	460$	425$	470$
Ag. Lx 36	410$	410$	420$
Cel. Guadiana	–	–	–
C. Leiria p.	6.880$	6.880$	7.000$
C. Tejo p	16.500$	16.300$	16.500$
F. Ramada	1.240$	1.240$	1.250$
Fornos Eléct.	140$	140$	–
P. Celulose	4.200$	4.200$	4.300$
Siderurgia p.	4.850$	4.850$	4.860$
Siderurgia n	2.980$	2.980$	3.000$
Socel	3.580$	3.560$	3.600$
Cidla	7.900$	7.850$	7.900$
C. U F.	–	2.950$	3.050$
Intar	585$	585$	595$
Nitratos	1.005$	1.000$	1.005$
Petroquímica	–	990$	1.000$
Sacor	3.650$	3.645$	3.650$
Tab. Portugal	–	3.000$	3.500$
Tabaqueira	7.500$	7.460$	7.550$
U F Azoto	740$	740$	745$
Empor	–	225$	240$
Ind. Aliança	–	–	–
I P Colón	1.050$	1.030$	1.070$
Nac. Naveg	3.400$	3.350$	3.500$
Naveg (Col.)	–	–	–
P Pesca	–	950$	960$
Matur	–	900$	950$
R Marconi	–	–	1.800$
TAP	1.245$	1.240$	1.250$
Compal	–	–	600$
Salvor	–	1.100$	1.200$
Penina	–	1.050$	1.250$
Grão-Pará	–	–	900$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

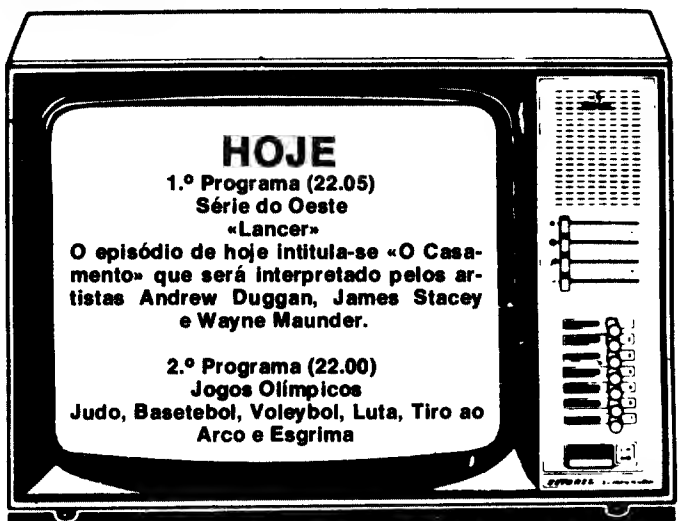
Atlântico	–	–	–
F. I D E S	–	–	–

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	28$50	31$50
Alemanha Marco	8$30	8$60
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	59	$62
Brasil Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá Dólar	27$00	27$70
Dinamarca Coroa	3$75	4$05
Espanha Peseta	$42	$44
França Franco	5$40	5$70
Holanda Florim	8$20	8$50
Inglaterra Libra	65$00	67$50
Itália Lira	$043	$0465
Marrocos Dhran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$95	4$25
Suécia Coroa	5$55	5$85
Suiça Franco	7$00	7$25
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	475$00	505$00
Inglaterra 1/2 Libra	375$00	395$00
Ouro fino Barra	58$00	62$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18 Telef. 328045
Rua do Ouro 52 Telef. 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1º Período

08.55 Abertura e Eurovisão Jogos Olímpicos.
14.00 Telejornal — 1.ª edição
14.15 «Série filmada «Nanny e o Professor».
14.40 Logo à noite.
14.45 Fecho.

2.º Período

15.55 Abertura Jogos Olímpicos — Munique-72
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 As Grandes Batalhas. Batalha da Normandia.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 Lancer.
23.10 Jogos Olímpicos.
01.05 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Desenhos animados.
20.45 Vária.
21.00 «Série Filmada «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Jogos Olímpicos. Resumo: Andebol «Hungria e Alemanha Ocidental»
23.15 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

11.45 Jogos Olímpicos. Futebol (jogos para o 3.º e 4.º lugar)
14.00 Telejornal — 1.ª edição.
14.10 O Caso da semana
14.30 Jogos Olímpicos
19.00 Woobinda.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 E a vida continua...
19.55 TV Mundo 360.º em torno de Marisol.
21.05 Se bem me lembro.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 «Os caminhos de Noele»
22.30 Jogos Olímpicos
00.30 Telejornal
00.40 Fecho.

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 O caso da semana
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Jogos Olímpicos
23.30 Noite de Cinema. Só para Homens.
00.00 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C R G E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 622

tempo

HOJE

SITUAÇÃO DO TEMPO
09.00 H

Em Portugal Continental o céo estava muito nublado nas regiões a Norte do rio Tejo e pouco nublado a Sul. O vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	17º
FARO	20º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

FONTE BOA
Máxima **26º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **5,5º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	17,3º
Atmosfera	19,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.19	4,0 m	9.52	0,7 m
16.35	4,2 m	22.16	0,7 m

Dia 9

4.54	4,0 m	10.25	0,7 m
17.09	4,1 m	22.46	0,8 m

Dia 10

5.27	4,0 m	10.56	0,8 m
17.42	4,0 m	23.16	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Nas regiões a Norte do rio Tejo céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Possibilidade de períodos de chuva. Nas regiões Sul do referido rio, céu geralmente pouco nublado e vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinais nos vales e terras baixas.

AMANHÃ

Nascer às..... 7.13
Ocaso às..... 19.55

Dia 7 Dia 15 Dia 23 Dia 29

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do Cinema
16.30 Convívio-(Programa da Juventude)
18.05 Ao encontro da Melodia
18.30 Forças Armadas-(Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional)
19.00 Cartaz dos Espactáculos
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver — p/ M.ª Natália Bispo
20.20 O clarinetista Pat Bronx
20.30 3.º episódio do folhetim «A Vida de um Rapaz Pobre»
20.50 O organista Ray Colignon
21.00 Momento 72
21.20 Interlúdio **21.30** Língua Portuguesa — p/Dr. António Dias Miguel
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro — P/Fernando Correia
00.45 Escala na madrugada — p/Pedro Moutinho
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.30 Jnução como o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano — Obras de Vivaldi, Tessarini e Albinoni
16.45 Música de vanguarda — Quatro estudos coreográficos (Maurice Ohana)
17.03 Solos de cravo — Obras de Beethoven e Fischer
17.30 O compositor do mês: Haydn
19.00 Música e músicos portugueses — por Nuno Barreiros
20.20 Música de arco, de Adaskin
20.30 Concerto pelo grupo vocal feminino Harmonia — dir. de Friedrich Wilhelm Verner e em que colabora a organista Maria Celeste Silva
20.50 Música de piano por Rena Kyriakou
21.00 Desdobramento — sai o MF2 — concerto sinfónico (1.ª parte) — Obras de Grieg e Brahms
21.50 Intervalo: canções de Brahms
22.00 Concerto sinfónico (2.ª Parte) — Obras de Rachmarinoff e Wagner
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Grandes Solistas
00.30 O soprano Ingebörg Hallstenn
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Rubrica policial do inspector varatojo
23.18 Tempo de fado
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Apollo 70
18.21 Boletim litúrgico
18.30 Terço e Benção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.25 Leitura do programa e boletim do S.C.R.
19.30 Página 1
20.30 NoticiárioNo final -Continuação do programa «Página 1»
21.00 Meditando
21.03 Programa dos Sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Orquestras famosas
23.00 A 23.ª Hora e Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
Rádio Graça
6 ás 10 e 14.30 ás 17.00

Rádio Peninsular
10 ás 12 e 19.30 ás 22

Clube Radiofónico de Portugal
12 ás 14.30

Rádio Voz de Lisboa
7 ás 19.30 e 22 ás 2

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).

ALCÂNTARA
Bairrão, R Prior do Crato 25 (Telef 661321); **Biotifar,** Rua D. João de Castro 27-B (Telef 638824)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef 711780); **S. João de Deus,** Rua Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140); **Roma,** Avenida de Roma 85-A (Telef. 772466)

ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Telef. 821653)

AREEIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300); **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes Rua de S. José, 187 (Telef. 326476)

AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (Telef. 773043); **Vale,** Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043); **Daiva,** Avenida Duque de Avila, 125 (Telef. 45225)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Telef. 311216)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Telef. 683694)

BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Telef. 327478)

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); **União** Estrada de Benfica, 592 (Telef. 700092); **Alegria,** Estrada de Benfica, 180-A (Telef. 780511)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Telef. 847019)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610)

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef 688807); **União,** Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Telef. 663643)

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé 54 (Telef. 862835)

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241)

ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da República 74-A (Telef 77379)

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telef 45578)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Telef. 666971)

LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 662631)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480); **Douro,** Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telef. 971131)

OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237)

PENHA DE FRANÇA
Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (Telef. 848011)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso 11-13 (Telef. 381136)

REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (Telef 638625)

S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telef. 679961)

S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Telef. 326750)

S. SEBASTIÃO DA DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Telef. 48642); **Sousa Martins,** R. Sousa Martins 25 (Telef. 55468)

XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel RKAMOSDA Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Central R. de Olivença, 1 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Central Av. AKLFREDODASilva, 48 (Tel. 2273207)

COVA DA PIEDADE
Atlântico R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA
União Moitense Av. Dr Teófilo Braga (Tel 239025)

MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008)

SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Lisboa R dr. Paulo Borba (Tel. 22248); **Saião** Av da Portela (Tel. 22709)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 5 (Tel 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cacaca R. Elias Garcia, 209 (Tel. 920019); **Flama** R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança** Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 938 49)

DAMAIA
Damaia P. Alex. Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
Siomões Lopes Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123); **Gil** Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117)

CACÉM
Garcia Av dos Missionários, 2 (Tel. 294218)

MEM MARTINS
Química Est de Mem Martins, 285 (Tel 29100 12)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel 980456)

SINTRA
Marrazes (Vila) L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel 980155)

COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granjo, 2 (Tel 213161)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)

OEIRAS
Oeiras L Henrique Paiva Couceiro (Tel 2430485)

PAREDE
Macau
R. José Elias Garcia, 60 C (Tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel 26 186)

ESTORIL
Marques dos Santos R. Ferreira, J. A. 15 (Tel. 260116)

CASCAIS
Marginal Av Marginal (Tel. 280078); A. Costa RK: Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

PORTO

SUB-TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do),** Praça da República, 118; **Costa Cabral,** Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura,** Rua de Tânger, 1463; **Invicta,** Rua do Bonfim, 331;

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima,** Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia,** Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes,** Rua Matias de Albuq., 243; **Sá,** Rua Vale Formoso, 181; **Sarabando,** Largo dos Lóios, 36

COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802); **Silcar, Rua Ferreira Borges, 88-94 (Tel. 22923); Paiva,** Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 232 31)

A C. P. INFORMA:

Serviço especial para Póvoa de Varzim por ocasião das festas a Nossa Senhora das Dores no dia 17 de Setembro de 1972

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: em 16 e 17 de Setembro.

Validade para regresso: em 17 e 18 de Setembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Porto (Trindade) até Barradas, até Fafe, até Braga e até Barcelos, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de PÓVOA DE VARZIM.

bares boites

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto Natalina Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107. Telef 328307.**

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal João Alberto Manuel Martins Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3.ªs feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais Telef 263864**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama - Tel. 868552**

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

DANCINGS

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef 534117**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgilio Neves Aberto até às 5 H da madrugada **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48364**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av Duque de Loulé, 73. Telef 530171**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CACO Dancing c/musica ambiente com singular quarteto **Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo D (+? ANOS)
Portentosa realização de David Lean «DOUTOR JIVAGO»

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
Uma das mais célebres bandas animadas mundiais!
«CHARLIE E SNOOPY». Um filme para crianças e adultos falado em português
Atenção: Todas as sessões são para: Grupo A - M/6 anos

EUROPA (Tel. 661016)
Hoje às 21.30
(Grupo B - 10 anos)
«HARPER, DETECTIVE PRIVADO» com Paul Newman
Às 15.15 Últimas de «O PIRATA VERMELHO
(Grupo B - 10 anos)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«VIDAS CRUZADAS» com Rod Taylor, Frank Sinatra e em «TONY ROME INVESTIGA» Scopecolor

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.14 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
A caça ao animal mais perigoso: o homem!
«FUGA NO PANTANO» com SMANDRA Dee e Roy Thinnes

APOLO-70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Prémio Kalimer O melhor filme estrangeiro de 1970 - 4.ª Semana «DJAMILIA» com Natalia Arimbassarova. Hoje às 24.00 - O Riso da Meia-Noite - Grupo D -18 anos «TEMPOS MODERNOS» de Charlie Chaplin

LONDRES (Tel. 731313)
Hoje estreia às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
A obra-prima de Milos Forman «O BAILE DOS BOMBEIROS»
14.15 - 16.30 e 18.45 últimas de «MARIA WALEWSKA»
Hoje às 24.15 - Grupo B - -18 anos)
Perspectiva Billy Wilder «COMO GANHAR UM MILHÃO» com Jack Lemmon

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
6.ª Semana. O mais divertido filme de Claude Lelouch «SMIC, SMAC, SMOC» com Catherine Allegret, Amidou, Charles Gérard e Francis Lai

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filmesinsólito! 4.ª Semana «MUNDO CÃO»
Realização de Jacopetti - Technicolor

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
A famosa sátira de Mário Monicelli «MORTADELA» Color Com Sofia Loren

POLITEAMA
Hoje às 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O SANGUE DO TERROR» com Peter Cushing
Hoje às 15.15 e 18.15
(Grupo A - 6 anos)
«THUNDERBIRD» Ciclo de «Terror à Maia-Noite» «O MEU SANGUE CORRE FRIO»
(Grupo D - 18 anos)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.00 e 21.30
(Grupo B - 10 anos)
Steve McQueen e Charles Bronson em «A GRANDE EVASÃO»
Só às 18.30 - Grupo A - 6 anos A obra-prima do cinema «CHARLOT NO CIRCO»

CONDES (Tel. 322523/326710)
15.15 - 21.15
7.ª Semana - Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 e 21.30
(Grupo A - 6 anos) 76.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer. 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
História de amor e ódio, de vingança e de cinismo...
«LOLITA» com James Mason Shelley Winters

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos)
7.ªSemana continuação de estreia.As1001noitespara adultos
«OS OSSOS DO OFÍCIO» C/ Jacques Brell e Emmanyelle Riva

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um belo conto de amor e morte. «AMARGA EXPERIÊNCIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carrière. Nas sessões diurnas só se exibe o filme de fundo.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45 3.ª Semana Eastmancolor - Maiores de 21 anos. Um filme único «HELGA, O SEGREDO DA MATERNIDADE» com Ruth Gassman

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana
Tony Curtis, Natalie Wood, Henry Fonda, Lauren Bacall e Mel Ferrer «A SOLTEIRA E O ATREVIDO». Metro Alvalade

IMPERIAL (Tel. 717480)
15.00-21.00
Grupo D. (18 anos)
«UM CURTO VERÃO»
Colorido c/ Pelicity Gibon «O ÚLTIMO TRIUNFO» com Janet Leigh

EDEN (Tel. 320768)
Hoje às 21.45, de novo «DESORDEM NA TERRA DOS GRINGOS»
(Grupo B - 1o anos)
15.30 e 18.30 - Grupo B - 1o anos «A REVOLTA DE TARZAN»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Peter Yates «O GRANDE GOLPE» com Robert Redford e George Segal
Colorido (Ar condicionado)

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
30.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garces.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Colorscope - 33.ª Semana
O filme do ano «TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE), com Buel Spencer e Terence Hill
Há mais de meio ano em exibição! Domingo: 2 sessões à tarde

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Prá frente Lisboa»

VILLARET
21.00 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Camões-72»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (6 anos)
«Alamo»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Caça ao homem».

PARIS
21.00 (18 anos)
«Tristana amor perverso»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«A ponte de Remagem»

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«1000 Bombeiros» e «Um homem de quem eu gosto»

MAYER
21.00 (14 anos)
«12 mais uma»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«O regresso»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
«O inferno para mais um»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Um dia na vida de Ivon Denisovich»

ESTORIL
Casino
17 e 21 30 (18 anos)
«Lolita»
ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«Um tiro pela culatra»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Sarilho de Fraldas»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«A Bíblia»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«E Tudo o Vento Levou»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Desejo louco»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Os Diamantes são eternos»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Uma Rosa para todos»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«Trinitá Cow-boy insolente»

PORTO Cinemas

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«002 entre polícias e ladrões»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Amor e morte»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Droga, Loucura, Morte»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«A costureirinha da Sé»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (14 anos)
«Idade violenta»W

CINEMA ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Uma experiência amorosa» e «S.O.S. 117 Terror em Tóquio»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na zona»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«O homem da luva de ferro»

ESTUDIO
21.30 (14 anos)
«Juventude impaciente»

BATALHA
21 30 (18 anos)
«Este difícil amor»

RIVOLI
21.30 ((+/ ANOS)
«E tudo o vento levou»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A filha de Rayan»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

PORTO Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Suite em Hotel de Luxo»
AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O último resgate»

DL /ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

ENG. MENDES FERRÃO NO MINHO

O secretário de Estado da Agricultura, que se encontra em visita de carácter particular aos distritos de Braga e Viana do Castelo, deslocou-se hoje às áreas onde deflagraram os últimos incêndios, no concelho de Ponte de Lima e ao campo de aviação do Cerval, Valença do Minho, privativo dos Serviços Florestais.

O eng.º Mendes Ferrão, que ontem esteve na sede e na secção pecuária da Cooperativa Agrícola do vale do rio Estorãos e percorreu todo o perímetro de emparcelamento daquela área, tem-se inteirado da forma como estão a decorrer os trabalhos programados para a recuperação das áreas desvastadas pelo fogo.

FILMES CASTELLO LOPES 50 anos apresenta

Depois de «MISS EUROPA»...
Venha ver «MISS BOMBEIRO»!!

O BAILE DOS BOMBEIROS

UM FILME DA SELECÇÃO DO FESTIVAL DE CANNES

AS MAIS FABULOSAS ESTRELAS DO CINEMA CHECO

na obra-prima de
MILOS FORMAN

autor de «OS AMORES DE UMA LOIRA» e «TAKING OFF»

HOJE às 21.45
ESTREIA DE ALTO NÍVEL

LONDRES

GRUPO D - 18 anos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Domingos Agostinho e Filhos, Ldª., Rua Formosa, 80 - VISEU

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Antunes Gonçalves, «Casa Ramalheira» -CASTRO D'AIRE

Congresso de Farmácia

Comemorada a independência do Brasil

Encerradas as diversas secções que o compunham, o Congresso Internacional de Farmácia prosseguiu hoje os seus trabalhos com a Assembleia Geral da Federação Internacional Farmacêutica.

Ontem á noite, na Bibliteca Nacional, realizou-se, por iniciativa da delegação brasileira ao Congresso, uma sessão solene comemorativa da independência do Brasil, à qual presidiu o dr. Palla Carreiro, presidente do Congresso, ladeado pelos profs. Evaldo de Oliveira, Durval Mazzei Nogueira, respectivamente presidente da Academia Nacional de Farmácia do Brasil e presidente do Conselho Federal de Farmácia e director da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de S. Paulo; dr. Winters, presidente da Federação Internacional de Farmácia; e prof. Albano Pereira Júnior, director da Faculdade de Farmácia de Universidade de Lisboa.

Abriu a sessão com o hino da Independência do Brasil, seguindo-se uma série de discursos proferidos pelo dr. Palla Carreiro, dr. Winters, prof. Correia da Silva, Mazzei Nogueira e Evaldo de Oliveira, tendo este último entregue as insígnias de membros da Academia Nacional de Farmácia do Brasil a vários farmacêuticos portugueses.

QUE OS ÁRABES CONDENEM PARA RECEBEREM AJUDA ALEMÃ

BONA, 8 — O político social-democrático federal alemão Lohmar apelou para o chanceler Willy Brandt a fim de suspender, de momento, o auxílio ao desenvolvimento dos estados árabes, devido à tragédia de Munique e às continuas ameaças dos terroristas contra a República Federal Alemã.

Num telegrama cujo conteúdo foi ontem publicado em Bona, Ulrich Lohmar declara que não deve haver qualquer ajuda de Bona até que os recentes acontecimentos, e que o Governo alemão tenha tempo para rever a situação.

Entretanto, o ministro da cooperação económica, Erhard Epler, (responsável pelo plano de ajuda) informou os embaixadores do Sudão, Líbano e Iémene de que é necessária uma «clara» condenação dos ataques pelos governos árabes, para que sejam boas as futuras relações germano-árabes.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — CONCELHO DE LISBOA: **Rua de Campolide de 186 a 190 e Escola.** (Das 8 às 12 horas); 5.º Sector — **Rua de S. Pedro de Alcântara, 47 a 51.** (Das 8 às 12 horas); 6.º Sector — **Rua Serpa Pinto 12 a 16-C, L.º Rafael Bordalo Pinheiro, de 1 a 5.** (Das 8 às 12 h.); 10.º Sector — **Bairro do Padre Cruz, (todo).** (Das 8 às 12 horas); 10.º Sector — **Estrada da Pontinha, (toda);**

1.ª Zona — CÔNCELHO DE ÔEIRAS: **Damaia: Damala (toda), com excepção do novo Bairro a norte do caminho-de-ferro.** (Das 8 às 14 h.); 2.ª Zona — **Brandôa.** (Das 8 às 14 horas); 3.ª Zona — **Brandôa (parte baixa).** (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — CONCELHO DE SINTRA: **Venda Sêca (toda).** (Das 8 às 14 horas); 5.ª Zona — **Mem Martins: Rua e Bairro das Eiras, Trav. das Eiras, Rua Tomaz d'Aquino, Rua José Sampaio e Castro, Rua das Camélias, Largo do Cruzeiro, Rua do Coudel, Rua Pôço Novo, Largo do Pôço Novo, Trav. do Poço Novo, Rua da Costa do Sol, Trav. da Lagôa da Marinha, Rua do Penedo do Môcho, Rua das Figueiras, Rua do Penedo da Vigia, Trav. do Penedo da Vigia, Trav. das Queljadeiras, Rua das Rosas, Rua dos Cravos e imediações.** (Das 8 às 14 horas); 6.ª Zona — **Mem Martins: A E N 249 (Estrada Lisboa-Sintra) nas imediações da Resiquímica, Olaria Sanchez e Publicações Europa-América.** (Das 8 às 14 h.); 7.ª Zona — **Agualva-Cacem: Fonte das Eiras, Bairro Simões e imediações.** (Das 8 às 14 horas).

8. Zona — CONCELHO DE MAFRA: Milharado. (Das 7 às 15 horas); 9.ª Zona — Vila Franca do Rosário, Vila Pouca, Enxara do Bispo e Enxara dos Cavaleiros. (Das 7 às 15 horas.

10.ª Zona — CONCELHO DE CASCAIS: **Amoreira: Av.ª do Ultramar, Rua do Geraldo, Bairro dos Galegos, Bairro da Alegria, Rua Carlos Anjos ao norte do P. T., Rua Cascais e imediações.** (Das 8 às 14 horas).

11.ª Zona — CONCELHO DE VILA FRANCA: **Vila Franca de Xira: Rua Miguel Bombarda, P.ª Afonso Albuquerque, Rua Herois da Guerra Peninsular, Rua Jacinto Nunes, Rua Manuel Afonso Carvalho, Rua Hospital Civil, R. do Grémio, Rua Gomes Freire, Rua Comendador Miguel Esguelha, L.º Comendador Miguel Esguelha, Cd.ª da Barroca, L.º do Cerrado, Rua Espírito Santo, Barroca de Cima, Barroca de Baixo, Rua St.º António, Bica do Chinelo.** (Das 8 às 14 horas); 12. Zona — Rede B. T. de Quintas. (Das 8 às 14 horas); 13. Zona — Toda a rede de B. T. do Bom Sucesso. (Das 8 às 14 horas); 14. Zona — Verdelha de Baixo, Alverca. (Das 8 às 14 horas).

15.ª Zona — CONCELHO DE ALENQUER: Rede de B. T. de Meca e Catem. (Das 8 às 14 horas); 16.ª Zona — Toda a rede de B. T. da Espicandeira. (Das 8 às 14 h.).

Regulamento dos serviços do Ministério da Saúde

Toda a I série do «Diário do Governo» de hoje é preenchida com a publicação do Regulamento Geral dos Serviços do Ministério da Saúde e Assistência, que **preparam e executam, de acordo com as respectivas competências, a política de saúde e de assistência social estabelecida pelo Governo, compreendendo as actividades seguintes: a) Promoção e prevenção da doença; b) tratamento dos doentes e reabilitação; c) protecção e defesa da família; d) protecção ao indivíduo socialmente diminuido, da infância à terceira idade.**

Os serviços do Ministério cooperação, em matéria de saúde e assistência social, com os dos outros departamentos do Estado, pela igualmente interessados, **através de acções conjuntas, comissões ou grupos de trabalho, nos quais os seus representantes terão a assegurar a presidência para uniformidade de orientação técnica.** Cooperação também com os dos restantes Ministérios **na melhoria das condições gerais de vida da população.**

As disposições regulamentares agora publicadas dizem respeito aos serviços centrais em geral, à secretaria-geral, ao Gabinete de Estudos e Planeamento, à Direcção-Geral de Saúde, à Direcção-Geral da Assistência Social, aos órgãos e serviços locais, à secção de pessoal e à Direcção-Geral dos Hospitais, que tantos são os departamentos integrados nos Serviços do Ministério da Saúde e Assistência.

ENCERRADA A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE LOURENÇO MARQUES

O Governo-Geral de Moçambique encerrou as instalações da Associação Académica daquela cidade, afirmando na nota oficiosa distribuída **que se tem verificado e vem verificando desvios dos objectivos da Comunidade Nacional e dos princípios em que assenta a sua origem moral e social.**

A nota oficiosa, segundo informa a agência «Lusitana», afirma ser a Associação Académica uma agremiação desportiva tendo-lhe sido dado apoio pelas autoridades escolares para outros fins relacionados com a actividade circum-escolar, com o fim de **ajudar os estudantes na sua acção cultural e pedagógica.**

A nota acrescenta ainda que sendo esses desvios de **natureza grave, dado que estamos empenhados numa luta em que está em causa a própria sobrevivência da Nação e não podendo manter-se este estado de coisas, foi determinado o encerramento das instalações ou secções da Associação Académica de Moçambique, relativas às actividades irregulares que vem exercendo para além dos seus estatutos.**

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

MOVIMENTO, ALEGRIA, ANIMAÇÃO, EIS O QUADRO QUE TODAS AS NOITES PATENTEIA A QUEM A VISITA

AS ATRACÇÕES SÃO NUMEROSAS

EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO

EM MAJESTOSOS PAVILHÕES E LINDOS STANDS DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Viaje para Madrid de comboio
...e leve o carro consigo.

SERVIÇO auto EXPRESSO até 9 de Outubro

Caminhos de Ferro Portugueses

mesa redonda

PREVIDÊNCIA

QUANTO CUSTA?

Da revista «Escritório» (Julho de 1972), editada pela Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, transcrevemos o artigo «Previdência»: quanto custa?», que pela justeza das suas observações, justifica a maior difusão possível. Nunca serão de mais as abordagens de matéria tão sujeita a discussão.

Por J. SOUSA CORREIA

O Relatório da Previdência de 1969, só recentemente distruibuído, faz notar o relevo da rúbrica de doença e maternidade no panorama das despesas realizadas pelas Caixas de Previdência. «A verba que lhe corresponde em 1969 é superior ao total das despesas efectuadas pelas instituições em 196[illegible] o que mostra bem a expressiva evolução da Previdência nos últimos seis anos». Quer isto dizer que em 1969 a Previdência gastou sòmente em acção médico-social mais do que despendeu no ano de 196[illegible] em todas as modalidades: pensões de invalidez e velhice, subsídios por morte, abono de família, doença e maternidade, assistência e administração.

Uma pergunta que ocorre fazer é se o esquema de acção médico-social de 196[illegible] para 1969 sofreu modificações quantitativas e qualitativas que justifiquem tal aumento de despesa. No aspecto quantitativo há a referir a inclusão no esquema, entre outros benefícios, a comparticipação no custo dos medicamentos e os internamentos hospitalares, quer para intervenções cirúrgicas, quer para tratamentos de tuberculose, de oncologia e medicina geral. Quanto à qualidade dos serviços recebidos não se tem notado sensível melhoria. E verdade que tem aumentado a quantidade de unidades assistenciais (Postos e Delegações Clínicas), melhorado a sua instalação e apetrechamento. Mas do ponto de vista da eficiência dessas unidades e da qualidade do serviço, modo como é atendido, perda de tempo, etc., o beneficiário pouca diferença tem notado, no sentido da melhoria. Parte importante desta despesa, que aliás o Relatório não especifica, resulta dos acordos celebrados entre a Previdência e os Hospitais Civis de Lisboa, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, o Instituto de Oncologia e outras entidades. A relação entre o preço pago por força destes Acordos e o valor dos correspondentes serviços recebidos não é do domínio público, embora haja a convicção de que a assistência recebida através daquelas entidades, pelo elevado peso das suas estruturas, é bastante caro. Neste aspecto, talvez os próximos Relatórios da Previdência sejam mais elucidativos.

Há já vários anos que as contribuições para a Previdência e Abono de Família pagas pelos trabalhadores e suas entidades patronais somam, ainda sem a actual taxa de Sobrevivência, a percentagem global de 20,5 por cento dos ordenados e salários.

No entanto, ao longo dos anos, a distribuição desta percentagem tem variado, consoante as políticas seguidas são de capitalização, de repartição atenuada ou de repartição ainda mais atenuada. O quadro I dá-nos ideia desta evolução.

O Relatório de 1969 dos beneficiários em actividade. No entanto, a parte das contribuições recebidas destinadas a esse fim tem vindo a ser gradualmente reduzida, põe em confronto as despesas realizadas e as taxas regulamentares mostrando que sòmente as despesas de invalidez e velhice e de administração excedem as contribuições que lhe são consignadas.

Veja-se o segundo quadro comparativo.

De notar que, depois de 1969, a distribuição da taxa global regulamentar voltou a ser alterada, estando actualmente a taxa destinada a Invalidez e Velhice reduzida apenas de 2,5 por cento e o subsídio por morte 0,5 por cento; em contrapartida aumentou para 8,5 por cento a parte destinada a Doença e Maternidade e para 2 por cento a taxa destinada a gastos de Administração.

Estes números sugerem várias considerações, e da sua comparação, entre outros aspectos, conclui-se:

a) *Invalidez e Velhice*: a despesa com as reformas está em aumento progressivo, absorvendo já mais de 4 por cento dos ordenados e salários

Continua da página três

A AGRICULTURA PRECISA DOS INSECTOS

Os insectos nem sempre têm boa reputação. A maioria dos amigos dos animais ignoram-nos, preferindo dar a sua afeição aos mamíferos ou, quando muito, aos pássaros. E talvez espantemos mais de um citadino ao afirmarmos que os insectos são animais úteis. Sem eles, não haveria nem maçãs, nem pêras, nem morangos, nem girassóis, nem sequer luzernas.

A importância económica dos insectos selvagens, e também da espécie doméstica das abelhas, é, contudo, considerável: uns e outros têm a seu cargo a polinização das plantas. Sem a sua intervenção, a maior parte das plantas cultivadas não poderiam desenvolver-se e reproduzir-se.

Por esta razão torna-se perigoso suprimi-los, seja de que maneira for. Não são os produtos químicos os únicos responsáveis pela sua rarefacção. O desaparecimento das sebes onde se aninham, assim como a diminuição provável das colmeias, pode ter consequências graves para a economia agrícola. Por agora a situação não é particularmente preocupante. Mas poderá vir a tornar-se perigosa se não se tomarem as devidas precauções. Certos especialistas propõem soluções inéditas como a domesticação de certas espécies de zangãos, ou a introdução, em certas regiões, de insectos polinizadores que aí não vivem naturalmente.

Por J.-L. LAVALLARD

A flor não é apenas um ornamento decorativo. Contém os orgãos sexuais da planta, o pistilo e os estames, sendo pois essencial para a reprodução. Além disso, é ela que se transforma em fruto. E pois directamente responsável pelo

Continua na pág. seis

assim vai o mundo

... mas a cidade dos Jogos Olímpicos, afinal, tinha de reserva outra acções violentas.

OLIMPIADAS

OLIMPÍADAS — Aparelhos de televisão foram instalados, enquanto durarem os Jogos Olímpicos, em todas as celas da prisão «Rainha do Céu» em Roma.

Três centenas de televisores foram emprestados à penitenciária por uma fábrica local e o governador ordenou que deveriam ficar instalados nas celas de forma a todos os 950 presos poderem ver as olimpíadas.

O RELÓGIO

Arqueólogos, procedendo a escavações em Jerusalém, encontraram um relógio de sol de bolso, feito de pedra, datando de há 2000 anos, que foi descrito por um perito como o equivalente (na antiguidade) ao relógio de bolso (contemporâneo).

O professor Binyamin Mazar, um arqueólogo da Universidade Hebraica, disse que o relógio de sol se encontrava entre vários artigos descobertos nas escavações efectuadas este ano à volta das muralhas meridionais e ocidentais do segundo templo bíblico da velha Jerusalém.

No tempo de Herodes, o relógio encontrado era equivalente ao de bolso «e não era muito menos preciso», observou o professor Mazar. As escavações foram realizadas por arqueólogos da Universidade Hebraica e por 450 voluntários, muitos deles estudantes estrangeiros, e levaram à descoberta de alguns edifícios antigos, descritos pelo professor Mazar como «exemplos esplêndidos da arquitectura da época de Herodes».

EMPRÉSTIMO

O Iraque recebeu da Polónia um crédito de cem milhões de dólares (perto de 2700 milhares de contos) para o financiamento de certos projectos de desenvolvimento económico.

O crédito é reembolsável em dez anos, com um juro de 2,5 por cento.

INTERESSES

A República Central Africana está a procurar auxílio do Japão para um projecto de ligação ferroviária até ao mar, segundo revelaram fontes afectas ao ministério japonês dos Negócios Estrangeiros.

Disseram que o Governo japonês estava a estudar um pedido do país africano, cercado por terras, para auxílio financeiro e técnico para o projecto de caminho-de-ferro, que passaria através dos vizinhos Camarões, até à Costa do Atlêntico.

Afirmaram que o estudo do Governo tomaria em consideração os recursos abundantes desse país africano, incluindo urânio, ferro e cobre.

Recentemente, o Japão decidiu fornecer auxílio económico à Zâmbia e ao Zaire no valor total de 150 milhões de dólares norte-americanos.

PENA CAPITAL

Um tribunal militar persa condenou à morte o dirigente terrorista Mehdi Rezal, considerado culpado do assassínio do polícia Aladino Javid, de filiação num grupo armado e de acções contra a segurança do Estado.

A ESCALADA

Os preços aumentaram 5,6 por cento, de Julho de 1971 a Julho de 1972, na Alemanha Federal, indica o serviço federal de estatísticas de Wiesbaden. A progressão foi de 0,6 por cento de meados de Junho a meados de Julho. Em Maio e Junho, a progressão do índice do custo de vida tinha sido apenas de 5,1 e 5,4 por cento, respectivamente, em relação ao ano anterior.

O Governo francês, entretanto está pronto a iniciar uma campanha de combate à crescente inflação que fez com que os preços de venda e retalho tenham subido 0,8 por cento durante o mês de Julho, e que o preço da carne tenha aumentado 25 e meio por cento no ano terminado em Julho de 1972

A tendência alarmante que os preços de retalho têm para aumentar prediz um aumento superior a seis por cento, se a situação se continuar a desenrolar durante o ano.

Em 1971 os preços de retalho aumentaram seis por cento, enquanto em 1970 haviam 5,4 por cento. Estes números baseiam-se nos preços médios de 295 produtos.

Outras fontes indicam-nos que as cidades de Lisboa e Madrid estão à frente de todas as capitais europeias no que respeita a aumento do custo da vida.

EXTRADIÇÃO

LONDRES, 5 — A Inglaterra recusou a entrada ao fugitivo da Formosa que foi condenado nos Estados Unidos pela tentativa de assassinio em 1970, do filho mais velho do presidente Chang Kai-Chek, Chiang Ching Kuo, actualmente primeiro-ministro da Formosa.

Um informador do ministério inglês do Interior declarou ter sido recusada a entrada ao arquitecto Cheng Tse-Tai, de trinta e cinco anos, por não possuir documentos e também por ter sido condenado nos Estados Unidos.

Cheng, escoltado por dois agentes federais norte-americanos, estava inconsciente à sua chegada a Londres, ontem à noite. Estava a ser extraditado da Suécia para os Estados Unidos, quando adoeceu a bordo do avião.

Cheng foi então desembarcado em Copenhaga e transferido para o voo com destino a Londres. Os agentes da polícia, norte-americana entregaram-no a maqueiros de uma ambulância que o transportou ao centro médico do aeroporto londrino. Cheng tremia violentamente.

Três horas mais tarde saiu do centro numa cadeira de rodas, com cobertores a taparem-lhe a cara. Um informador da Polícia declarou que ele foi levado para a esquerda da Polícia a noite, e que provàvelmente partirá ainda hoje para os Estados Unidos.

O preso fugiu para a Suécia, quando se encontrava em liberdade sob fiança, depois de um tribunal de Nova York o ter condenado por cumplicidade na tentativa de assassínio. Cheng vive nos Estados Unidos desde 1962, e declarou às autoridades suecas não ter estado envolvido na tentativa.

Setenta e cinco pessoas efectuaram uma manifestação, no aeroporto de Estocolmo, contra a sua extradição. Cinco agentes da Polícia ficaram feridos em luta com os manifestantes, que tentaram evitar que Cheng fosse levado para bordo do avião.

DESEMPREGO

O mais sério problema político da época é a pobreza que vai pelo mundo — afirma o líder da oposição trabalhista britânica, Harold Wilson, escrevendo no «Third World», boletim mensal da Sociedade Fabian.

Wilson observa que o desemprego já excedeu os 30 por cento em muitos países em vias de desenvolvimento e que a população em idade de trabalho nesses países crescera 225 milhões em dez anos.

Wilson faz notar que a Organização Internacional do Trabalho avisou que o crescente desemprego ameaça a estrutura das sociedades nacionais dos países em via de desenvolvimento como já aconteceu na Europa, e ameaça mesmo a paz mundial.

Afirma ainda que o próximo Governo Trabalhista britânico desencadeará um movimento internacional contra o desemprego, com toda a prioridade; pressionará para a participação do Terceiro Mundo no Sistema Monetário Internacional e auxiliará os países em vias de desenvolvimento a aumentar «o seu quinhão no comércio internacional».

DESENVOLVIMENTO

Sob a égide da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD) realizou-se em Belgrado uma conferência dedicada aos problemas de planificação nos países em vias de desenvolvimento. Participaram delegados de cinquenta países.

AMBIENTE

A capacidade das usinas de depuração das águas usadas duplicará na União Soviética até 1975, declarou um membro da Academia das Ciências da U.R.S.S., especialistas das questões do tratamento das águas.

Nenhuma nova construção de imóveis ou instalação industrial serão postas a funcionar se não comportarem meios de depuração permitindo recitar as águas residuais. Assim, num futuro próximo, obras como estas serão feitas numas quinze cidades situadas ao longo do Volga e de um afluente deste, o Kama, onde quatrocentos empresas serão, também elas, de estações de depuração.

Heath e Jack Lynch encontraram-se em Munique para discutirem os graves problemas da Irlanda do Norte. A acção violenta do IRA foi tema das conversações...

assim vamos nós

TURISMO

Intervenção do jornalista madeirense Vicente Jorge da Silva, numa mesa-redonda sobre turismo, citada por José Manuel Rodrigues em artigo publicado na revista «Escritório»:

— Quanto a mim, no estado em que a Madeira se encontra, o Turismo irá representar um choque de terríveis repercussões... Ao nível económico, o turismo é uma porta aberta para um surto inflacionário de grande profundidade, na medida em que esse «desafio» não encontra correspondência no sector primário, ou no sector industrial. Como evitar uma alta de preços, se o sector agrícola madeirense está absolutamente imobilizado?

Como se sabe, o caso da Madeira não é único. Esperemos que a experiência adquirida sirva para evitar a repetição de erros que custaram caro a quem menos podia pagar...

Flores para os turistas...

HOSPITAIS

No ano de 1971, o Hospital da Misericórdia de Angra do Heroismo registou um movimento de 20.000 consultas, segundo revelam estatísticas distribuidas pelas várias secções daquele estabelecimento de saúde pública. Em cada uma dessas secções verificou-se um aumento considerável em relação aos anos precedentes. Este aumento justifica, assim, as obras de ampliação em curso, com subsídios do Governo Civil, Ministério das Obras Públicas e outros departamentos.

Quanto custa a previdência?

Continuação da primeira página

primeiro de 7 por cento para ;,5 por cento e ùltimamente para 2,5 por cento. Sendo esta a modalidade mais pobre do sistema da previdência e desejando os trabalhadores obter pensões de reforma condignas, correspondentes às suas remunerações efectivas e actualizadas, é com dificuldade que se compreende esta orientação. Não admira, pois, que estas despesas excedam as contribuições que lhe são consignadas. Nem podia ser de outra maneira uma vez que as taxas vão sendo sucessivamente diminuídas em favor da Doença e Maternidade e da Administração.

b) *Doença e Maternidade*; é alarmante o aumento que se tem verificado na despesa desta modalidade. De 4,92 por cento em 1965 passou para 7,19 por cento em 1969 e já deve ter duplicado nesta altura.

Só em 1969 gastaram-se 2 0,9 466 contos nesta rúbrica, enquanto que no ano de 1965 a despesa da mesma modalidade não atingira os 800000 contos. Apesar do alargamento do esquema a uma maior participação nos medicamentos e nos internamentos hospitalares, é difícil encontrar justificação do ponto de vista dos trabalhadores-beneficiários, para tamanho aumento de despesa. Não parece indicado que a acção médico-social continue a absorver tão grande parte das contribuições da Previdência em detrimento de um esquema de pensões de invalidez e velhice que ainda não assegura à maioria dos reformados por velhice ou por invalidez o mínimo necessário para um resto de vida digna.

c) *Abono de Família e prestações Complementares*; apesar do aumento em valor absoluto, verificou-se uma diminuição em percentagens, de 1965 para 1969, respectivamente de 6, ;2 por cento para 6,06 por cento.

O total de Abono de Família e prestações complementares pago em 1969 foi de 1,702 992 contos, inferior também ao gasto com a Doença e Maternidade. Deve registar-se que a partir de 1972 foram aumentados os escalões de abono de descendentes, de 100$00 para 160$00, e que a partir de 197; também aumentarão os subsídios de casamento, nascimento e de funeral. Porém, todas as melhorias ainda não são suficientes para, através do esquema de abono de família, dar concretização ao princípio constitucional do salário familiar e à realização do princípio legal da compensação dos encargos familiares.

d) *Administração;* a actual organização da previdência absorve elevada margem das contribuições pagas. E a quarta verba, em valor absoluto (6 :0 782 contos), que aparece no conjunto das rúbricas da despesa, logo a seguir à Doença e Maternidade, ao Abono de Família e à Invalidez e Velhice.

Correspondem a mais de 2 por cento dos ordenados e salários dos trabalhadores activos as despesas da administração das caixas de previdência e suas federações. Sem querer entrar em comparações, não podemos deixar de referir que a organização sindical custa aos trabalhadores cerca de 0,5 por cento das respectivas remunerações, só em alguns casos isolados atingindo taxa mais elevada mas não superior a 1 por cento.

A previdência e abono de família dos trabalhadores do Comércio, da Indústria e dos Serviços custa, actualmente, no conjunto das modalidades, 2 :,5 por cento dos ordenados e salários, ou seja quase a quarta parte das remunerações ilíquidas.

Parece, portanto, legítimo perguntar porque é que nenhuma das modalidades do nosso sistema de segurança social dá geral satisfação aos beneficiários. Os seus resultados práticos atingem e compensam os encargos suportados por trabalhadores e entidades patronais? Serão os benefícios da Previdência no seu, esquema actual, equitativos e proporcionais ao seu custo?

DISTRIBUIÇÃO DA TAXA GLOBAL

	1949	1960	1969
Invalidez Velhice		7,2%	3,5%
Subsídio por morte	1,0%	1,0%	0,8%
Doença (Subsídios e Assist. Médico-Social	1,8%	4,5%	7,5%
Abono de Família	7,0%	7,0%	7,0%
Assistência	2,5%	—	—
Administração	1,0%	1,0%	1,7%
SOMA	20,5%	20,5%	20,5%
Sobrevivência	—	—	3%

MODALIDADES	Despesas realizadas — % dos salários			Taxa Regul.
	1965	1967	1969	1969
Invalidez e Velhice	3,10%	3,54%	4,03%	3,5%
Subsídio por morte	0,24%	0,22%	0,21%	0,8%
Doença e maternidade	4,92%	6,36%	7,19%	7,5%
Abono de Família	6,32%	5,92%	6,06%	7,0%
Assistência	0,41%	0,35%	0,27%	—
Administração	1,97%	2,42%	2,24%	1,7%
SOMAS	16,96%	18,81%	20,000%	20,5%

PARA QUEM SÃO OS MEDICAMENTOS?

Artigo de primeira necessidade, o medicamento é ainda, para muitos, um bem de difícil alcance. Do papel da receita ao papel com que se paga, ganha peso o preço da saúde.

Produto tipicamente industrial, o medicamento adopta os mesmos circuitos das mercadorias de consumo, sofrendo até a mesma manipulação propagandística de um detergente ou dentífrico sujeito à oferta e à procura, num cenário de enorme luta concorrencial que, todos os dias, o mercado de medicamentos com dezenas de novos produtos, sob os mais variados e intraduzíveis nomes. E se esta proliferação medicamentosa mais embaraça quem a receita do que o comprador é este que mais dificuldades tem a vencer. E as maiores. De facto, e não aludindo às aspirinas ou a pastilhas para a digestão, os produtos farmacêuticos custam muito caro a muitos portugueses, quer os paguem directamente, quer o façam contribuindo paras as instituições de quem recebem descontos. Foi sobre a carestia da saúde e o modo de aquisição de medicamentos que interrogámos algumas pessoas cujas respostas seleccionámos e passamos a apresentar.

António Fernandes, motorista: — **Usufruo de uma percentagem sobre o preço dos remédios por intermédio da Caixa. Consigo um desconto de 25 por cento nos medicamentos nacionais e de 40 por cento para os estrangeiros. Mas ainda me saiem caros; e não há-de ser só a mim, pois com os ordenados que por aí se pagam a quem trabalha, não deve haver dinheiro para grandes despesas. Mas o pior é quando se trata de doenças prolongadas, com as quais, mesmo com os descontos, se gasta sempre muito.**

Isaura Mendes, de 65 anos, trabalhando «a dias»:

— **Tenho um cartão da Santa Casa da Midericórdia que é quem me dá os remédios, doutro modo não podia. Ando adoentada e tenho o meu marido em casa por ser fraco dos pulmões, Os remédios são tão caros, que só de borla. São vidas...**

Armando Costa, 64 anos, trabalhador rural:

— **Nunca fui muito de remédios, nem nunca tive grandes males. Os mais remédios que tomei foram «papas de linhaça» e caldinhos de galinha que ainda são os mais baratos. No Verão, há um senhor doutor que passa uns dias lá na terra e que já me atendeu sem levar nada. E até me deu uns remédios para o reumático.**

Um motorista de táxi:

— **Felizmente que gasto poucos remédios, senão... A maior parte das vezes, compro-os com receitas de médicos e sem descontos. Está bem de ver que me saiem caríssimos. Deve ser por causa das matérias-primas ou coisa que o valha.**

Não tenho vida para comprar remédios, como é que posso dar cem ou cento e cinquenta escudos por um frasco que, às vezes, se gasta em menos de uma semana? Se houvesse um organismo do género das caixas que fosse alargado a toda a gente e nivelasse os descontos, isso era bom.

José Nunes da Silva, 72 anos, desempregado:

— **Os remédios é a Santa Casa quem mos dá. Não posso trabalhar, tenho esta idade e fui operado aos pulmões num sanatório onde estive. Dantes trabalhava nas fazendas. Sou da Beira Alta.**

Quisémos saber como é que, nessa altura, adquiria os medicamentos em caso de doença:

Não comprava que não podia. Era preciso pagá-los e eu não podia fazer isso. Ficava doente mas não me tratava.

Vicente Silva, vendedor ambulante:

«Desde que a minha mulher está entrevada gasto por mês quase quinhentos escudos... Claro que não tenho caixa nem coisa parecida, mas já tenho conseguido as injecções mais baratas através dum rapaz da minha terra que é da Carris. O pior é que nem sempre é possível; ele finge que os medicamentos são para a família dele, (senão não os podia requisitar), por isso não pode ser todos os meses. E também me chateia andar sempre a incomodar o homem. Além disso umas vezes vêm a tempo — têm que se pedir com uma grande antecedência — outras vezes não vêm e tenho que acabar por ir na mesma à farmácia e fica-me a despesa a dobrar. Olhe amigo, sabe qual é o remédio? — É ter saúde!»

Abílio Cruz, canteiro da construção civil:

— **Compro os remédios quando preciso e ninguém me dá desconto nenhum, nem das caixas nem nada. Gasto por mês três frascos de um remédio que custa 55 escudos; já vê que me sai caro. Já tentei pedir amostras a um armazém, mas agora aquilo está difícil e tenho que ir comprando na farmácia. Se a gente soubesse uma maneira de os preços ficarem mais baratos...**

O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA

RESPOSTA (PONTO FINAL E CONCLUIU...) À 2.ª CARTA ABERTA DO SR. JOSÉ POIARES

Exm.º Senhor,

Eu não devia ter respondido à sua anterior carta.

Respondendo, dei oportunidade à segunda e — consequentemente — a que mais se desperdiçasse o tão útil e necessário espaço do «Diário de Lisboa», que se perdesse tempo em compor e imprimir coisas que nada interessam à discussão — e esclarecimento — do aflitivo problema da habitação.

V. Ex.ª não trouxe um argumento novo, uma ideia nova, não apresentou — sequer — de forma diferente, argumentos, ou ideias, já debatidos. E também não debateu o problema em si próprio.

Ocupou-se V. Ex.ª de mim, de terceiros.

Ora as pessoas não interessam; o que interessa são ideias, argumentos que possam e devam ser discutidos.

Como pessoas, individualmente, os senhorios não me interessam; interessa-me a especulação que eles praticam de que os arrendatários são vítimas.

Sempre V. Ex.ª e os seus colegas senhorios usaram essa forma de escamoteação do problema, desviando a atenção para aspectos marginais, para subtraírem às justas reclamações dos arrendatários os aspectos fundamentais.

Os problemas do inquilinato são uma mistificação, uma «cortina de fumo» para que não se debata o justo direito à habitação. De resto, toda a «epistolografia» entre nós é inútil, dado que falamos «línguas diferentes»...

V. Ex.ª acha bem que os arrendatários trabalhem para os senhorios; eu acho mal.

V. Ex.ª entende que as rendas de casa estão por preços baixos; eu entendo que elas estão por preços especulativos.

V. Ex.ª entende que elas devem subir; eu entendo que elas têm de baixar. O preço das rendas é o maior factor de inflação.

V. Ex.ª entende que se deve estabelecer uma relação casa-desejo do senhorio, para mais e maior rendimento: eu entendo que a única relação a estabelecer é o de casa-preço da ocupação.

V. Ex.ª subjectiva o problema, discute pessoas.

Porém, à massa dos arrendatários não interessam os «títulos» de V. Ex.ª nem os meus, nem os de pessoa alguma.

Interessa-lhes que com lealdade, honestidade, com ideias — sobretudo, com ideias novas — se encontrem soluções para o seu drama, o drama dos que, para terem um tecto onde abriguem a família, têm de dar ao comerciante-senhorio a maior parte do produto do seu trabalho.

Interessa-lhes que a especulação com as habitações cesse; que o comerciante-senhorio seja limitado nos seus desejos de «lucro e mais lucro», como o são os demais comerciantes.

Interessa-lhes que possam — através do sacrifício que mensalmente fazem de entregar ao senhorio a maior parte do seu orçamento de receitas familiares — possam ter paz, tranquilidade, continuidade e permanência no lar. Hoje, pagam — e pagam de mais — e nada disso possuem!...

Todo o resto é... cantiga!

Gastar espaço do «Diário de Lisboa» para conseguir uma mobilização de consciências para se obter casa, com preços de renda não especulativos, e em que a família saiba que possui «um lar», certo!

Para o resto, passe V. Ex.ª muito bem. Boas e felizes férias!

M. ROQUE LAIA

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal especialmente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.350$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo		
Vale do Reno Suiça-Andorra	20 dias	9.950$00
Suiça-Áustria-Itália	24 dias	12.500$00
Suiça e Costa Cantábrica	9 dias	3.850$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291
Évora-Rua da República Tel. 24254
Lisboa-Rua do Ouro, 242 Tel. 324306

IPAVIL

CURSOS AUDIO-VISUAIS DE LÍNGUAS
(prof. nacionalidade) (máx. 9 alunos sessão)
CURSO LICEAL NOCTURNO
(Máx. de 25 alunos turma)
SALAS DE ESTUDO
EXPLICAÇÕES INDIVIDUAIS
(orientados por professores do Liceu Francês Charles Lepierre)
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Inf.: Av. Almirante Reis, 63-1.º (junto est. do Metro Anjos) Telef. 45293

As cinzas já não se reconstituem

INTERESSA ÀS SENHORAS

SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas

PREÇOS INCRÍVEIS

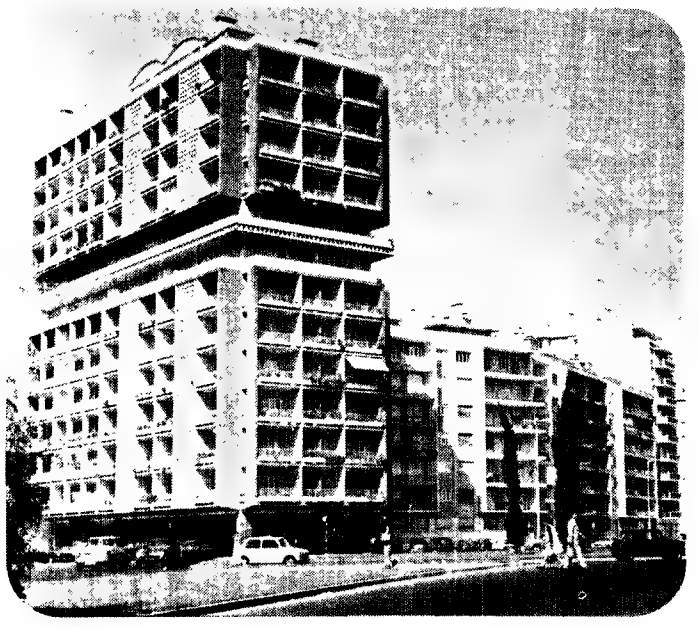
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

DUAS PERGUNTAS DE UM SENHORIO

Do sr. Júlio de Almeida Albuquerque de Lagos, recebemos a seguinte carta, que não aparece na íntegra apenas porque o carácter demasiado «vivo» de algumas das suas passagens só contribuiria para agudizar aspectos marginais do problema. Esperamos que o leitor compreenda e aceite a nossa intervenção. Segue a carta:



«O artigo publicado no «Diário de Lisboa» de 18 (de Agosto), da autoria do sr. Fernando Sá Deon, fez com que fosse eu «mais um» a abordar o magno problema das rendas de casa em Lisboa.

Sou um dos antigos senhorios atingidos duramente pela lei de «excepção» que vigora em Lisboa e no Porto, e, vencido mas não convencido, com maiores ou menores dificuldades, vou enfrentando a subida vertiginosa do custo de vida, com os magros recursos que a referida lei há anos «congelou». (...)

Não pretendo responder à carta do referido senhor, em que não existe um único argumento válido, pois seria gastar cera com ruim defunto, como dizer-lhe, e roubar um espaço precioso às colunas do DL, e por isso apenas focarei dois aspectos do problema:

1.º — Se o sr. Deon acha efectivamente que o inquilino — mesmo aquele que tem chorudos ordenados — tem o direito absoluto de «negociar» com a habitação que aluga ao senhorio, sublocando-a pelo dobro ou o triplo daquilo que ele próprio paga ao legítimo proprietário do prédio, não estará a ser mais papista que o papa julgando-se com todos os direitos sobre uma propriedade que apenas «alugou» e negando qualquer direito àquele que a construiu ou a comprou para lhe proporcionar uma habitação?

2.º — Se, como pretende, as rendas não devem ser aumentadas, pelo facto de muitos prédios já estarem pagos e repagos, porque razão não são também «congelados» os preços dos transportes colectivos, dos táxis que agora vão ser aumentados, dos caminhos-de-ferro transantlânticos e aviões, cinemas, que também já estão pagos, e porque razão se admitiria que as fábricas, que também já estão pagas repagas, continuem a fabricar os mesmos artigos que, desde que foram feitas as instalações fabris até ao presente, já foram aumentados dúzias de vezes?

«Congele-se» tudo, mas não toquem no ordenado do sr. Deon porque isso é um caso á parte. (...)»

ORENSE, Espanha, — A encerrar o concurso internacional de interpretação organizado pelo Conservatório de Música de Orense, que este ano é dedicado ao violino e decorre em Santiago de Compostela nos dias 13 e 14 e em Orense nos dias 15 e 16, haverá uma série de recitais nos dias 17, 18 e 19, nos quais participa a pianista portuguesa Maria João Pires ao lado dos mundialmente conhecidos Salvatores Accardo, Uuko Shiokawa, Agustine Leon Lara e José Tordesillas.

Gestão dos estabelecimentos escolares

Por CALVET MAGALHÃES

Novos tipos de estabelecimentos de ensino aparecem e muitos mais aparecerão segundo o esquema da reforma educativa anunciada. A esta diversidade de tipos de escolas corresponde também uma maior variedade de estatutos e regulamentos. Aumentaram também, de modo extraordinário, os serviços de que as escolas e liceus estão dependentes: Direcção-Geral do Ensino Básico ou Secundário (consoante os casos) direcções de serviço, Direcção-Geral de Desportos, Direcção-Geral de Administração Escolar, Instituto de Acção Social Escolar, Contabilidade Pública, Secretariado da Juventude, Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina, Comissão Permanente de Seguros Escolares (IASE), Serviços de Saúde Escolar (IASE), Comissão Orientadora de Estágios, Comissão Central de Colocações (professores provisórios), Instituto Nacional de Estatística, Gabinete de Estudo e Planeamento de Acção Educativa, Direcção-Geral de Educação Permanente, Secretaria-Geral do M. E. N., Instituto de Tecnologia Educativa (IMAVE), Direcção-Geral de Construções Escolares (M.O.P.), Direcção-Geral da Fazendo Pública (M. F.), Tribunal de Contas (M.F.), Inspecção, etc. E foi assim, sem dar por isso, por mutação brusca em condições difíceis que se disse adeus á tradição oral, que tradicionalmente bastava, para tornar familiares os estatutos e normas regulamentares a todos os responsáveis pela Direcção de estabelecimentos de ensino. E também foi assim que se tornaram infelizes, como diz o fado, os estabelecimentos de ensino pois a equipa do pessoal administrativo mal chega para assegurar a execução dos serviços de expediente. Acrescenta-se a isto o aumento das frequências escolares, maior número de normas regulamentares em cada serviço, o desdobramento dos estabelecimentos de ensino em secções, a falta de autonomia das escolas e poder-se-á ter uma ideia sobre a amplitude dos efectivos e a variedade das necessidades individuais e sociais ás quais é necessário responder e chegar-se, assim, com naturalidade á conclusão de que não é já possível uma transmissão costumeira de gestão escolar.

A isto pode-se acrescentar que vários estudos dos grupos de trabalho que aqui e acolá se debruçaram sobre o estudo da administração dos estabelecimentos de ensino, mostraram nas suas conclusões (algumas roçando pelo ridículo, como as que se referem aos reitores e directores considerarem «que são seus» os estabelecimentos de ensino) quase completo desconhecimento sobre as novas concepções estruturais, os conteúdos e métodos de ensino, regras, relações humanas, novas relações entre os seus membros e serviços e ainda outros modos de organização na administração escolar.

Na verdade não se sabe muito disto e bastas vezes foi depreciado o trabalho de administração escolar como sistema nervoso de um estabelecimento de ensino, como a sua rede de comunicação, como organização cujas regras de funcionamento são definidas do exterior; conhecimento das forças instituintes que operam no próprio estabelecimento de ensino, relações sócio-educativas, forças internas de mudança e renovação, etc., esquecendo-se que as responsabilidades, tanto de ordem social, como jurídica, financeira, técnica e sobretudo pedagógica, imprimem actualmente novo estilo a cada director ou reitor devido ás diferentes estruturas e métodos pedagógicos em evolução. O Dr. Fernando Pires de Lima considerava que qualquer pessoa podia dirigir um estabelecimento de ensino. Foi com Leite Pinto e Galvão Teles que se iniciou rodear a nomeação de directores e reitores de melhores predicados profissionais de gestão escolar, cônsiderando-se que era possível a uma pessoa (Tese de Marcelo Caetano, na «missão de dirigentes») dinamizar uma organização escolar.

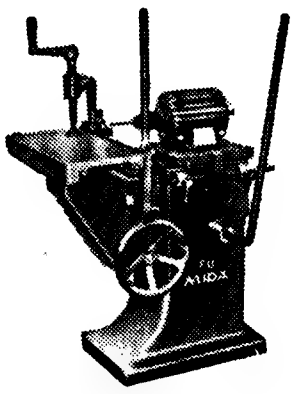
Não considero mais difícil dirigir um estabelecimento de ensino do que ser sómente professor. É tudo uma questão de preparação profissional, de formação técnica e humanística, tal e qual como um professor, no sector restrito da leciona-ção, se pode especializar em laboratórios de línguas ou em bibliotecas escolares. Essa formação exige algumas condiçoes naturais, como também exigem as de uma especialização do professor (de Francês, de Desenho, de Ciências, de Trabalhos Manuais, de Educação Física, de Educação Musical). Entre as condições naturais podem-se citar que a primeira é possuir boa saúde (capaz de resistir á carência material, á falta de instalações, aos colegas, aos encarregados de educação, às ordens ilógicas, à uniformidade de execução administrativa, etc.), a segunda qualidade pode-se situar no carácter (saber dizer não, capacidade de decisão de insistir de fazer aborrecer por vezes, etc.), possuir qualidade humana, de medida de guardar o sentido de humor, não se considerando Moisés «todo poderoso e solitário», não tomar-se demasiadamente a sério não deixar-se submergir pelos pormenores de modo que as árvores ocultem as florestas, ter bom senso, considerar que dirigir é ser delegado dos seus colegas e outros funcionários, etc.

Independentemente destas qualidades é necessário que o director ou reitor satisfaça as duas necessidades: a solidariedade de todos (aceitar as pessoas, tentar harmonizá-las, gostar das dificuldades, aceitar bater-se, gostar dos indivíduos e das suas qualidades, de cada ser humano insubstituível, saber que as pessoas gostam de ter a ideia de que são capazes de fazerem as coisas sózinhas, saber trabalhar com meios de infortúnio, etc.) e á de renovação pedagógica, poder organizador e criador: não há duas escolas iguais, todo o estabelecimento de ensino deve constituir uma equipa sócio-educatuva e trabalhar em clima aberto e progressivo, criar ideias, construir sonhos e projectos possuir elevado grau de autocrítica.

Sem aceitar o predomínio do administrativo sobre o pedagógico e considerando a escola como um tipo de instituição específica, prefiro sempre aos termos, **empresa educação** (produzir cérebros formados de certa maneira) e **administração** (escolas, casernas, armazéns de jovens) de **comunidade educativa,** isto é, de acordo com as tendências da pedagogia contemporânea.

É evidente que a missão do director ou reitor é espinhosa não porque os alunos compliquem a vida, ou porque as actividades intelectuais sejam trabalhosas, mas simplesmente porque o difícil é ter-se que fazer alguma coisa com nada. Também é de considerar que o professor que dirige um estabelecimento de ensino, não criará a unanimidade, aliás a maioria de votos é sempre mais expressiva no processo democrático pois, como disse Ionesco dos governos, estes são sempre contestados.

«MIDA»



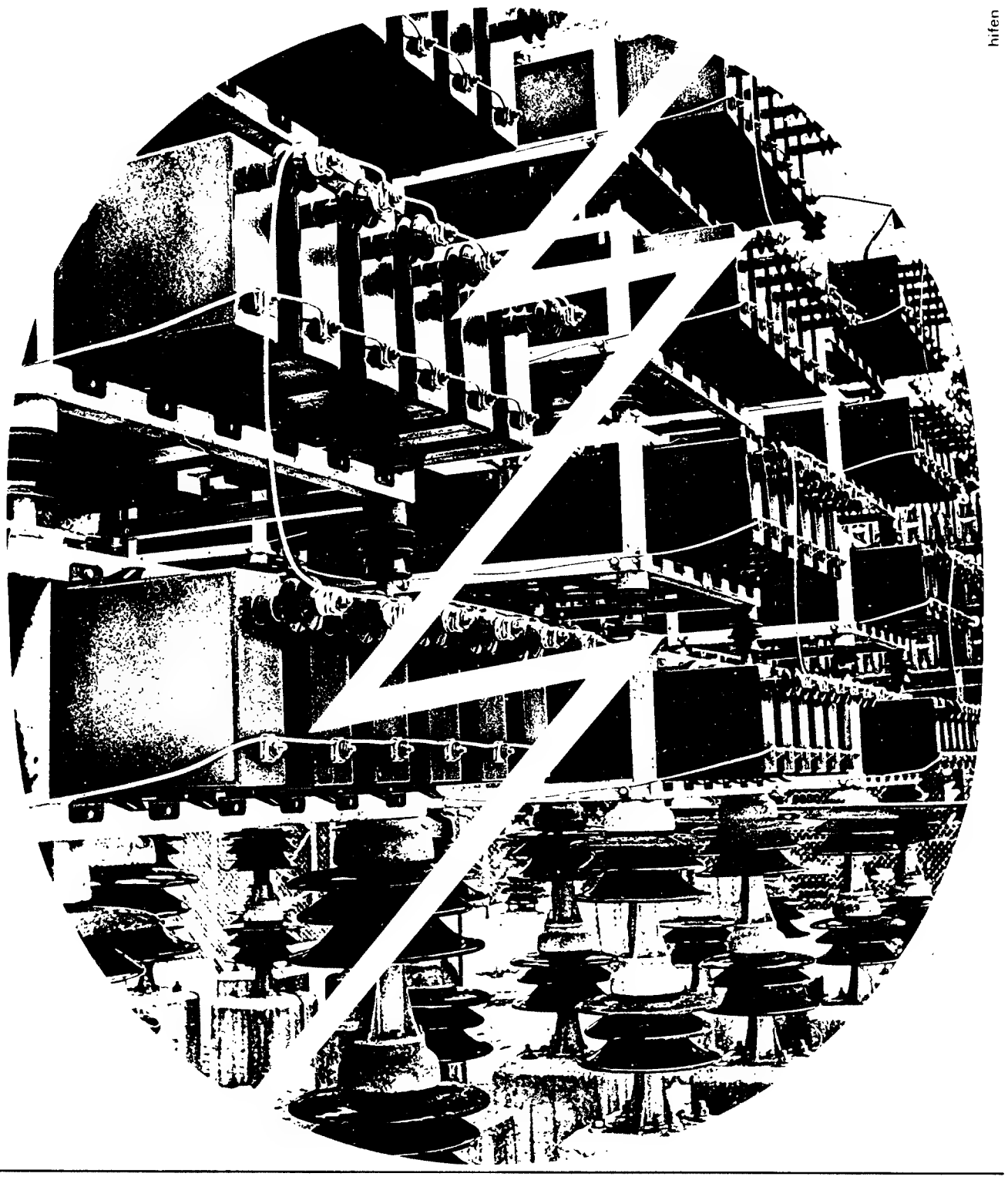
UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Furador por Broca
Modelo - FU

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

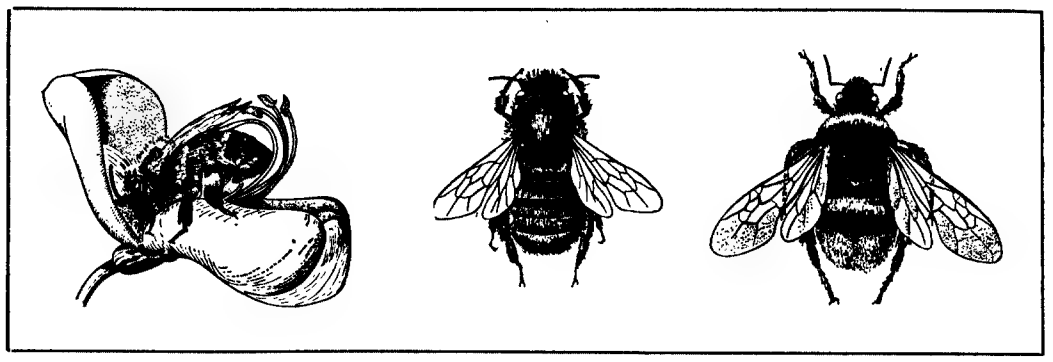


ASEA

Estrada do Prior Velho Tel. 2521101 (5 linhas). Sacavém
Rua do Campo Alegre, 144 Tel. 67239. Porto

isto é ASEA
no campo da ENERGIA

Milhões de KVAr instalados em diversos países, incluindo Portugal, atestam a alta qualidade e a competitividade da ASEA como um dos maiores fabricantes de condensadores de alta e baixa tensão. Temos realizado instalações até às potências e tensões mais elevadas em uso no Mundo.



A AGRICULTURA PRECISA DOS INSECTOS

Continuação da primeira pagina

valor alimentar de uma espécie vegetal.

O dever normal de uma flor é ser fecundada: para isso, o pólen que contém deve encontrar os óvulos que contém também. A natureza utiliza diversos métodos para levar o pólen ao óvulo. Em certo número de casos, o pólen é muito abundante, solta-se ao mínimo sopro. O vento encarrega-se da disseminação. E o que acontece, por exemplo, com a maior parte das gramíneas. Mas a maior parte das vezes esse método é insuficiente. E necessário que um ser vivo, ao ir buscar alimento na flor, se encarregue da transferência. Os insectos não são os únicos que fazem esse trabalho. Nos países tropicais, há uns pequenos pássaros, como os colibris, que dão a sua contribuição. Conhecem-se casos em que a operação é feita por morcegos (em flores que abrem de noite). Com a baunilha, nenhum animal é capaz de operar essa fecundação. Tem de ser feita à mão pelo homem. Mas na maior parte dos casos é um insecto que intervém.

A importância económica da polinização varia segundo a planta. Na maior parte dos vegetais, os orgãos sexuais, machos e fêmeas, estão contidos na mesma flor. A fecundação torna-se assim bastante fácil. Pelo menos se a parte masculina de uma flor estiver em situação de fecundar a parte fêmea.

Mas, muitas vezes, isso é impossível: o pólen dos estames não pode fecundar — por razões genéticas — os óvulos da mesma flor.

A ARMADILHA DA LUZERNA

A polinização é um fenómeno complexo que varia consideràvelmente de uma espécie vegetal para outra. Não se pode enunciar nenhuma regra. Mas as condições de uma boa polinização são sempre as mesmas: é preciso que existam, simultâneamente, flores das duas espécies que devem cruzar-se, assim como um número suficiente de insectos para o transporte do pólen de uma flor para outra. Não é qualquer insecto que fecunda qualquer flor. E preciso que o insecto seja atraído pela flor, e também que a sua anatomia lhe permita ter acesso ao néctar agarrando o pólen na passagem.

No plano agrícola, a polinização representa um papel em dois casos principais: a produção de sementes e a produção de frutos.

A cultura da luzerna é um exemplo importante da primeira categoria: 40000 hectares são consagrados em França à produção de sementes de luzerna e de trevo. Ora, estas culturas apresentam actualmente problemas de polinização. A flor da luzerna é composta de cinco pétalas duas das quais constituem a carena que contém os estames e o pistilo. O néctar é dificilmente acessível de maneira directa. Um insecto que venha colher o mel nesta flor começará por tocar as duas pétalas da carena. Esta abrir-se-á bruscamente deixando escapar os estames que, à maneira de uma matraca, quase matarão o insecto, o que não o incitará a recomeçar. As abelhas, por exemplo, só se interessam pelas flores de luzerna nos primeiros tempos da sua vida activa. Ràpidamente se afastam delas e se voltam para outras flores. Daí o interesse dos pesquisadores por outros insectos polinizadores mais rústicos e menos sensíveis ao choque. E o caso de certos zangãos. Por agora, estes insectos vivem em estado selvagem. Mas é possível «domesticá-los», tal como às abelhas, mas, pelo menos actualmente, essa criação é demasiado onerosa para ser rentável. Os zangãos domésticos só podem ser utilizados em culturas cujo preço de custo seja um factor secundário: criação de novas espécies por cruzamento, por exemplo. Nos campos, temos de nos contentar com os insectos que aí vivem naturalmente, e até favorecer a sua presença, deixando-lhes lugares onde façam ninho (nas sebes, principalmente), ou mesmo criando artificialmente locais favoráveis á sua reprodução.

O êxito da polinização é função do número de insectos presentes no momento da eclosão das flores. O ideal seria que os insectos aparecessem na altura da floração e desaparecessem em seguida, mas não é esse, em geral, o caso: a vida do insecto é mais longa do que a da flor. Antes da floração do vegetal a polinizar, os insectos têm de se alimentar. E pois essencial variar os tipos de culturas, a fim de escalonar as florações durante a totalidade da vida. Se uma área muito grande é plantada só com uma espécie vegetal, os insectos não poderão desenvolver-se em grande número: faltar-lhe-ão alimentos antes da eclosão das flores.

O inverso também é prejudicial: uma grande variedade pode ser nefasta se certas flores atraírem mais os insectos do que outras: estes visitam as flores que preferem e polinizam-nas com vigor, desprezando as outras culturas. E o que pode acontecer se se encontrar lado a lado, por exemplo, uma cultura atractiva e macieiras.

As maçãs são a consequência da fecundação das flores de uma variedade de macieiras pelas flores de uma outra variedade. Com frequência, nos pomares mais vastos, todas as macieiras são da mesma variedade. Não podem fecundar-se entre si. Evita-se ter de plantar uma segunda variedade enxertando numa macieira flores de uma macieira diferente. Este método apresenta uma vantagem: as flores da parte enxertada de uma árvore chegam à eclosão ao mesmo tempo que a parte não enxertada, o que favorece uma simultaneidade que seria muito menos assegurada com árvores distintas.

DISTRIBUIDORES DE PÓLEN

As abelhas são bons polinizadores de macieiras. As colmeias locais são, no entanto, de uma eficária limitada. Com efeito, as abelhas só visitam as macieiras se não tiverem outra árvore. Ora, as abelhas locais, para subsistir, antes da eclosão das flores de macieira, tiveram de visitar outras espécies de flores. Assim, quando florescem as macieiras, as abelhas locais desprezam-nas. Continuam a abastecer-se nos campos ondeantes tinham feito provisão. E pois necessário recorrer a um estratagema. O agricultor aluga os serviços de abelhas estranhas à região. Assim que as macieiras florescem, encomenda ao apicultor colmeias que instala no pomar. As abelhas transplantadas não vão pesquisar mais longe. A experiência prova que bastam duas colmeias por hectar. Em certos casos, para assegurar uma eficácia ainda maior empregam-se outros artifícios: colocam-se à saída das colmeias distribuidores de pólen. As abelhas, ao passarem, agarram o pólen que irão depois distribuir pelas árvores. Este método, que está ainda no estádo experimental, dá excelentes resultados. Mas tem o inconveniente de exigir a colheita prévia do pólen, operação longa e delicada, logo, dispendiosa.

O benefício que se pode esperar de uma boa polinização é bastante grande para poder encarar-se com optimismo o desenvolvimento de métodos artificiais: a criação de insectos polinizadores, além das abelhas, a expansão da apicultura para outros fins, além dos da produção do mel, ou novos métodos de cultura destinados a favorecer a multiplicação dos insectos polinizadores naturais.

POB

Na carta que acompanha o texto que a seguir reproduzimos, a sua autora, devidamente identificada, pede a publicação sob anonimato. Não temos a mínima relutância em aceder ao pedido, tanto mais que é evidente o interesse dos problemas aqui levantados à volta desse terrível quebra-cabeças que vai sendo o trânsito.

Chamo peões aos utentes normais das próprias pernas e dos transportes alheios: — singulares (táxis) ou colectivos. Estas observações não devem ser tomadas como um «resmungo» — como justo reparo, uma exposição de factos, com os atropelos de quem pretende — num desejo de concisão — «meter o Rossio na Betesta». Resumindo: um SOS sentido, vivido, exemplificado.

Não me move também o despeito frequente do peão face ao automobilista, pois possuo carta e carro (um Escort). Mas tendo deixado de conduzir em Lisboa, sou aqui uma *peã* normal.

O tema dos transportes terá já sido sobejamente versado, mas é sempre diferente «o mesmo Rigoletto cantado por outra voz».

Reveste muitos aspectos, mas só (*sól*) focarei 4:

— o espaçamento das paregens dos autocarros;

— o longo intervalo nos horários;

— a dificuldade nas correspondências dos ditos transportes;

— a *locomoção vibratória* em autocarros de um piso a que se têm vindo a reduzir os lugares sentados, atingindo a desumanidade de 18 assentos para 52 lugares de pé!!!

Sei que o trânsito é infernal, que há muitos carros particulares a engarrafá-lo, que temos de suportar sacrifícios, que «o progresso cria tantos problemas quantos resolve», etc. etc. — mas sei também que não é desta forma que eles se resolvem ou diminuem. Houvesse bons transportes colectivos e muitos automobilistas particulares teriam já renunciado ao uso diário do seu carro, tais as dificuldades de parqueamento! Nem veríamos — como vê quem, como eu, gasta semanalmente *horas* (sim, horas!) nas paragens dos autocarros — o número incontável de taxis com um passageiro único: a pessoa atrasada para o emprego, escritório, consulta médica, etc., ou simplesmente cansada de esperar para regressar a casa.

Sei ainda que Lisboa não atingiu os 2 milhões de habitantes e noutras capitais não se impõe aos peões esta dureza de sacrifício.

Paris, por exemplo, há anos, tinha já 5 milhões e além da vastíssima rede metropolitana oferecia, como transportes de superfície, umas chocolateiras velhas, desengraçadas, mas eficientes. Sem contar as simpáticas senhas de prioridade a dispensar deselegantes bichas e tumultos. Sabia-se, pois que perdido um autocarro, não se esperava muito por outro — e não havia lugar a fadigas e enervamentos, fazendo saltar as lágrimas aos olhos de uns e os impropérios aos lábios de outros.

Em Lisboa, não obstante as boas intenções da Câmara e Carris — nas quais me esforço por crer — os grandes problemas do trânsito e afins (parqueamento) estão a ser resolvidos principalmente à custa dos peões: fazendo o que enunciei no que respeita a transportes e estreitecendo passeios (excepcionalmente, um ou outro foi alargado) sacrificando árvores e relvados — isto é: alargando astérias à custa de pulmões.

Fizeram como alguém que se senta a uma mesa de trabalho muito cheia e afasta para os lados os objectos que estorvam para deixar o meio livre. Estes impecilhos são, está visto, os *pobres peões*.

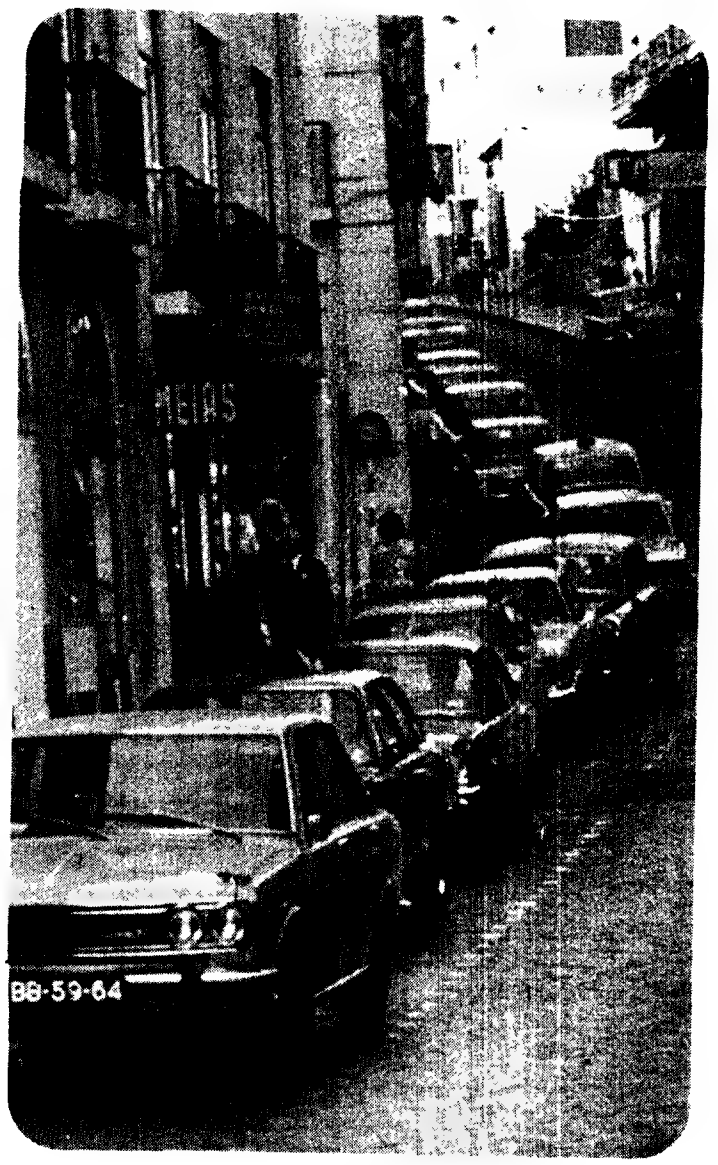
Nos prédios novos, continuamos a ver os *baixos* previstos para abrigo de carros, desviados para outros fins, ou reclamados como extras de luxo para justificar preços altos (de renda ou de venda) — quando deviam ser condição **sine qua non** como os sanitários, cozinhas e escadas.

Não se acene aos peões com premessas vãs assentes nas dificuldades presentes e soluções futuras: continuação do metropolitano, aumento de carruagens deste, aumento do número de taxis, etc. São ainda úteis e louváveis os anéis, viadutos e nós, mas também não bastam, além de execução lenta e dispendiosa. Quando tudo isso tiver aumentado, em desproporção elevada terá crescido a população de Lisboa. Dentro do parcial e *imediato*, a solução é bem mais simples e prática.

Enquanto os autocarros tiverem intervalos *mínimos* na ordem dos 10, 12, 14, 16, 20, 25 e mais minutos (em *teoria* — com os atrasos, na *prática* de certas carreiras de longo percurso) o trânsito será um inferno para todos. Repare-se que os autocarros mantém os intervalos experimentais do início, no tempo em que havia fartura de eléctricos que aos poucos foram espaçados e suprimidos!

. Poderá argumentar-se que há carreiras que se equivalem, encurtando os espaços horários, 3 e 4, 17 e 35 e 22, 27 e 32, etc, mas isso acontece apenas numa parte do percurso, tornando difíceis e morosas — como

RES PEÕES !...



tal *impraticáveis* no tempo, no espaço e no dinheiro, alternada ou simultâneamente — as correspondências pretendidas. A cada passo acontece perdermos o carro que nos convém e está do lado de lá numa artéria perpendicular, porque o trânsito nos está vedado, com semáforos ou sem eles. Exemplo: Av. da República e Duque de Ávila, com espaçamento, *grosso modo*, A. do Cego e Jardim do Conde Valbom. Perdido forçosamente esse transporte, sabemos a espera que nos aguarda.

Se Deus continua a dar o tempo de graça, as instituições humanas pagam-no e fazem-no pagar muito caro — para se perderem largas horas por semana à espera dos transportes e no percurso deles, sobretudo em certas carreiras — 27, por exemplo. O infeliz utente que pretende regressar nele a casa, tomando-o no Rato, A. Herculano, Liceu Camões ou algures, já sabe a sorte que o espera. Uma tarde frígida, batida pelo vento, saída de uma clínica dentária de extrair um dente, esperei no Rato 40 minutos e levei mais, no percurso 50-90!

A solução do problema de trânsito está, repito, em grande parte e no imediato, no comportamento dos transportes colectivos.

Os intervalos *mínimos* precisam de ser reduzidos a *metade* do tempo — como eram dantes os eléctricos de saudosa memória (agora anacrónicos) que tinham até umas grelhas solícitas a aparar os peões imprudentes — e os autocarros de 2 pisos, com a lentidão das suas dimensões e porta única (só com a vantagem, além das vistas, de proporcionar lugar sentado a todos menos 4) deveriam ser reservados para os percursos suburbanos ou de longo curso, com desdobramentos fáceis e *entremeados* com autocarros pequenos de um só piso e duas portas — do tipo de 20 e 27, desde que se não exagere o número dos lugares de pé.

Antigamente havia entre os eléctricos a intervalos curtos, os chamados carros directos, maiores, mais raros e um pouco mais caros (começavam pelo preço da 2.ª zona) e as pessoas que os tomavam já sabiam com o que contavam. À semelhança e ao invés, seria bom experimentar em cada carreira de 2 pisos intercalar uma dos tais carros pequenos dando assim ao esperante apressado e com boas pernas a oportunidade de ir mais rápido.

Quanto ao espaçamento das paragens, «o que está à vista escusa candeia»: Av. A. Reis e outras. Vejamos mais:

No Rato havia, mais ou menos em frente à Papelaria Fernandes, duas paragens que serviam as carreiras 9-20-22-27-38-55, e outras duas um pouco além do começo da A. Alvares Cabral.

Pois bem: a primeira foi afastada para a R. A. Herculano, em frente à Charcutaria Brasil (lado oposto) e a outra para o cimo, quase, da Av. Alvares Cabral!

A carreira 7 — outro exemplo — tem, na ascendência, uma paragem da Alameda D. A. Henriques e outra na P. de Londres! Mais: na Av. de Roma, ao cimo da Av. Frei Miguel Contreiras, havia a chamada paragem da Ponte que servia as carreiras 7-27-33-35 e 48, salvo erro. Pois bem: levou-se para perto da P. dos E. Unidos, que já era zona privilegiada.

Compreende-se que, devido aos semáforos ou outros motivos justos se afastem um nadinha as paragens dos cruzamentos, mas ou 8 ou 80!

Nem todos têm a possibilidade de morar numa avenida principal e há que contar com os inumeráveis utentes das transversais ou ruas secundárias que ascendem a pé às principais por falta de correspondência prática para apanhar o transporte de que necessitam. A Av. Frei-Miguel Contreiras passou a ser, como outras, uma pista para automóveis.

Claro que para quem anda de carro, uns centos de metros a mais não contam, mas para quem calcorreia diàriamente quilómetros (sim quilómetros!) é sacrifício demasiado duro e que nem sequer se justifica.

E como se isto não bastasse, contraditóriamente, nos últimos anos e em certas zonas não se tem olhado à facilidade de comunicações para os peões, cada vez em maior número. Na cidade mais antiga, na Lisboa das tipoias, os quarteirões eram mais pequenos e mesmo assim as distâncias encurtadas com travessas, becos, escadas, arcos, etc. E agora? Um exemplo:

Entre a referida F.M. Contreiras e a Av. dos E. Unidos há uma grande zona residencial e a distância a *olho* é diminuta. Tente-se, no entanto, fazer a pé esse percurso e veja-se como ela se acha duplicada ou triplicada com a urbanização existente. Só visto e experimentado! Do outro lado, a linha do caminho de ferro, isola esta parte da «cidade nova» da Av. S. João de Deus (outra nova pista), havendo apenas, entre os dois extremos — a ponte e o Ap. do Areeiro — um túnel, que tem tão pouco movimento (justamente a insuficiência torna quase inúteis certas coisas) que muitas pessoas se temem de o utilizar à noite, por escuro. Porque não abrir outra comunicação por alturas da P. Afrânio Peixoto ou Av. Madrid?

A R. Gama Barros, que já era desengraçada, pior ficou com o entaipamento em T, quando se impunha um arco ou passagens para peões a meio de um vasto quarteirão.

Mas o «show» final de crueldade para com os peões veio com o Metropolitano.

Quem tomar este comboio para Alvalade, «se é bom observador» notará uma grande tirada entre as estações do Areeiro e Roma. À saída, o mapa mostrar-lhe-à que não se enganou: é simplesmente o *dobro* da distância — só comparável, mas maior, à de Palhavã e Sete Rios.

Esburacou-se a zona da ponte e esteve entaipada meses a fio para as obras do metro e depois, sem mais aquelas, *suprimiu-se* (é o termo exacto) a estação, sem olhar aos prejuizos causados a uma vasta zona residencial e comercial no *verdadeiro centro* (pode não o ser quilomètricamente) da Av. de Roma, e que já estava mal servida de comunicações. Mais: que tem dois grandes hoteis, dois cinemas e um teatro, dois grandes núcleos de escolas e uma biblioteca e piscina municipais.

Há quem pergunte ingènuamente: — Então os técnicos não viram?.

Claro que viram, mas devem ter achado mal empregado o dispêndio de uma escada rolante que talvez fosse precisa...

Parecendo exaustivo, não esgotei, contudo, os argumentos e omiti pormenores e mais exemplos, mas não quero abusar da paciência de quem porventura me leia e por isso termino, pedindo às entidades responsáveis por esta anomalia um tratamento mais humano para os *pobres peões* que, nos colectivos, em certas carreiras e a certas horas, aviltados na sua dignidade humana parecem irracionais; nas artérias transformadas em pista de automóveis, lembram coelhos ou lebres aflitos, fugindo acossados pelos caçadores — segundo a imagem sugestiva de alguém.

Estamos em férias, Lisboa está sem movimento; aproveite-se fazer — num gesto de boa vontade — a experiência dos autocarros pequenos a circularem de 5 em 5 minutos, de 6 em 6. Motoristas? Os previstos para os 500 taxis a mais, dispensáveis na opinião de muitos. Sempre que posso converso com o motorista que me transporta e tenho ouvido algumas vezes dizer que na realidade não há falta de taxis, o que é levam o *dobro* do tempo a fazer *metade* dos giros.

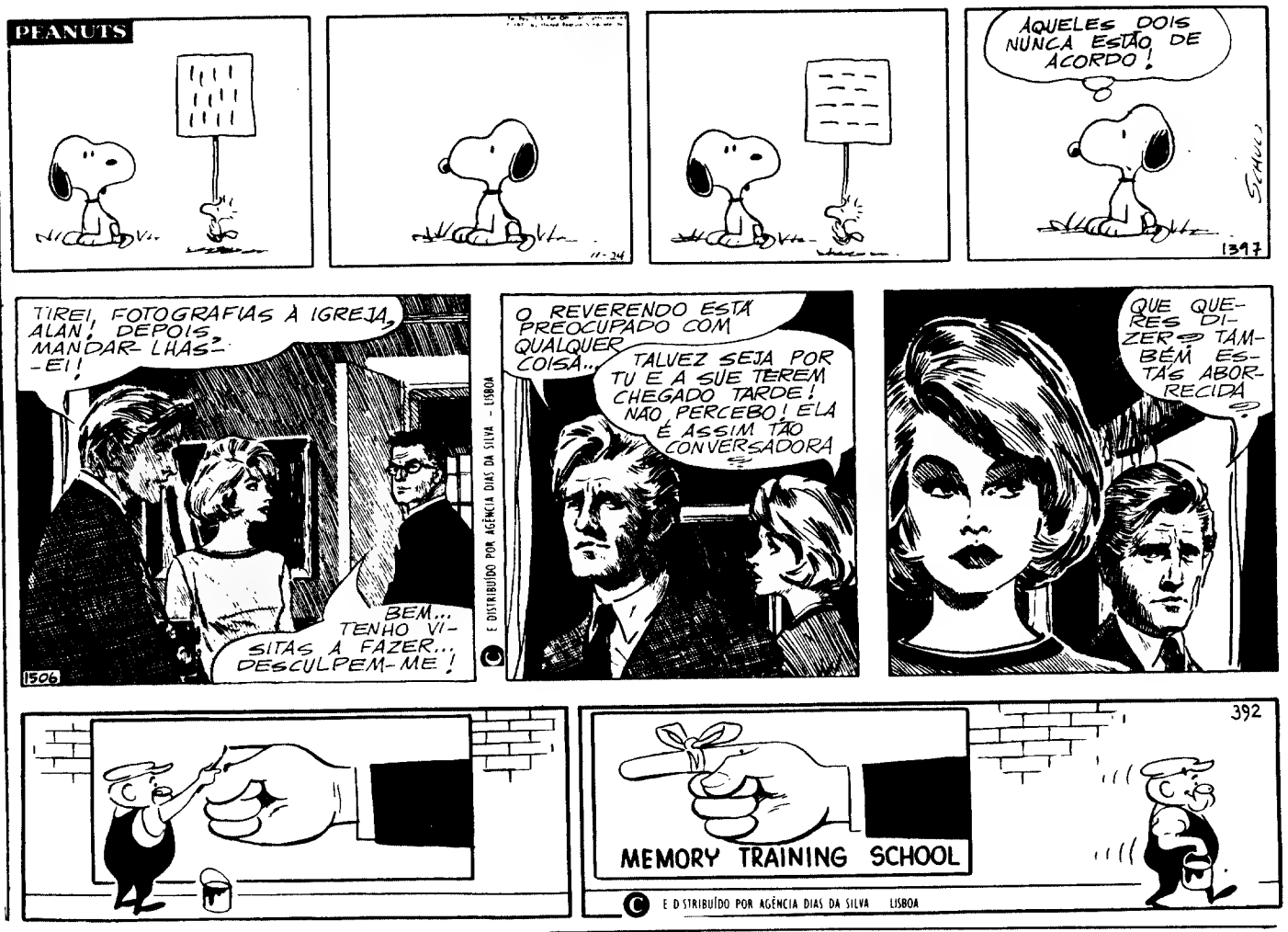
Por favor (não posso advogar casos menos meus conhecidos), reponha-se no lugar onde estava a paragem ascendente na *Ponte* do 7 e 27, embora puxada para meio do quarteirão (frente à T. Henrique Cardoso). A descendente do 27 pode ficar onde está agora, que pouco se desviou, e a descendente do 7 fique entre a R. Frei Amador Arrais e a T. Henrique Cardoso — medida que muito ajudará os peões sem prejudicar o trânsito dos carros. E por fim — como melhoraria nesta zona — abra-se a estação da Ponte!

Que o mês de Outubro, com o regresso à vida trepidante, não seja mais um pesadelo, mas sim uma agradável surpreza.

UMA POBRE PEÃ

O ESPIÃO DO CÉU

Modelo, em «corpo inteiro», do «Skyspy», fabricado por Short Brothers e exposto agora na Feira Aérea Internacional, em Farnborough. O veículo voador, em forma de salpicão, de um metro de diâmetro, está apto a pairar sobre zonas de guerra e a enviar para a origem imagens de televisão. É movido por uma hélice de baixa pressão accionada por um pequeno motor a dois tempos, e pode voar durante 3 horas à velocidade de 150 km/h.



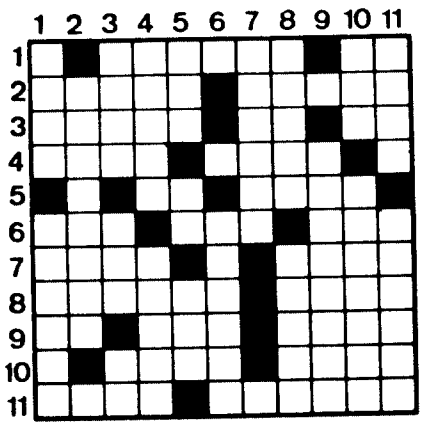
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10189

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Menos doente Pena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo
2 Sacrifica Sujeito
3 Ratais Prefixo que designa afastamento Preposição
4 Uma das partes do Mundo Lavram
5 Apelido da mãe de Luís de Camões Caminharás
6 Utensílios domésticos Saudável. Pronome pessoal
7 Terra nova e arroteada de fresco Pompa
8 Lorpa Erbio (s.q.)
9 Batráquio Tempo do verbo ir Mamífero roedor
10 Educa Descerrei
11 Movo os remos A farinha tal qual fica depois de se lhe extrair o rolão (pl)



VERTICAIS:

1 Encoleriza Adejar.
2 Estímulo (fig) Tempo do verbo ser
3 Triturar Vai para fora Novecentos em romano
4 Rio do Brasil O mesmo que loureiro (planta)
5 Pelos de certos animais Artigo definido Rio da Escócia.
6 Artigos definido. Efeminas
7 Espécie de lenço usado pelos romanos para limpar a boca e o suor do rosto
8 Encher com rebos ou pedras pequenas os vãos de uma parece (prov.). Criam
9 Irmã Aba
10 Caminhar. Lê mal
11 Sofreguidão Curais

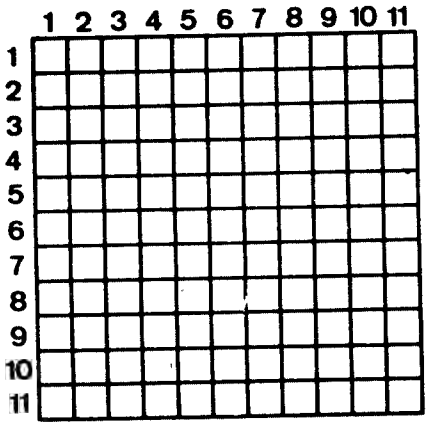
Resolveu completamente este problema?
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6345

HORIZONTAIS:

1 Expulsar. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
2 O mesmo que alime Suprimir
3 Freguesia do concelho de Ponte de Lima O mesmo que bétele Sufixo que designa estado
4 Saíra frequentemente a rua Partidos
5 Estratagemas Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas
6 Preposição Gorgulhos tropicais Antes do meio-dia
7 Nome de homem Mover os remos
8 Equipo. Catedral Em partes iguais
9 Fronteira Ofício divino
10 Sono curto Proceder
11 Sufixo que designa abundância Agarrará (fig)



VERTICAIS:

1 Chefe etíope Pessoa cruel (fig) Solitário
2 Prender com elos Socos
3 Letra grega O mesmo que uma (ant. e pop). Magnetiza
4 Ligara a estacas a videira Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro
5 Paixão Prende
6 Distar Serra de Portugal Alteza Real
7 Escaninhos Adicionem
8 Sadia O mesmo que ion
9 Além Rompe
10 Estação Empunhar
11 Atmosfera Adição Lavra

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10188

HORIZONTAIS:

1 Truta. Calça.
2 Ruma. É. Bias.
3 Amima. Vamos
4 Carreta. A.
5 Caró. Rama.
6 Fé. Sud. Am.
7 Mota. Apar.
8 Ia. Adem.
9 MORTE. Ecoar.
10 Arão. A. Alei.
11 Massa. Ásaro.

VERTICAIS:

1 Trás. Amam.
2 Rum. Cem. Ora.
3 ÚNICA. Oiras.
4 Tamar. Tatos.
5 Arosa.
6 VERDADE.
7 Abata. Pecas.
8 Limam. Amola.
9 Cão. Aar. Aer.
10 Assa. Trio.
11

Provérbio: É A MORTE A ÚNICA VERDADE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6344

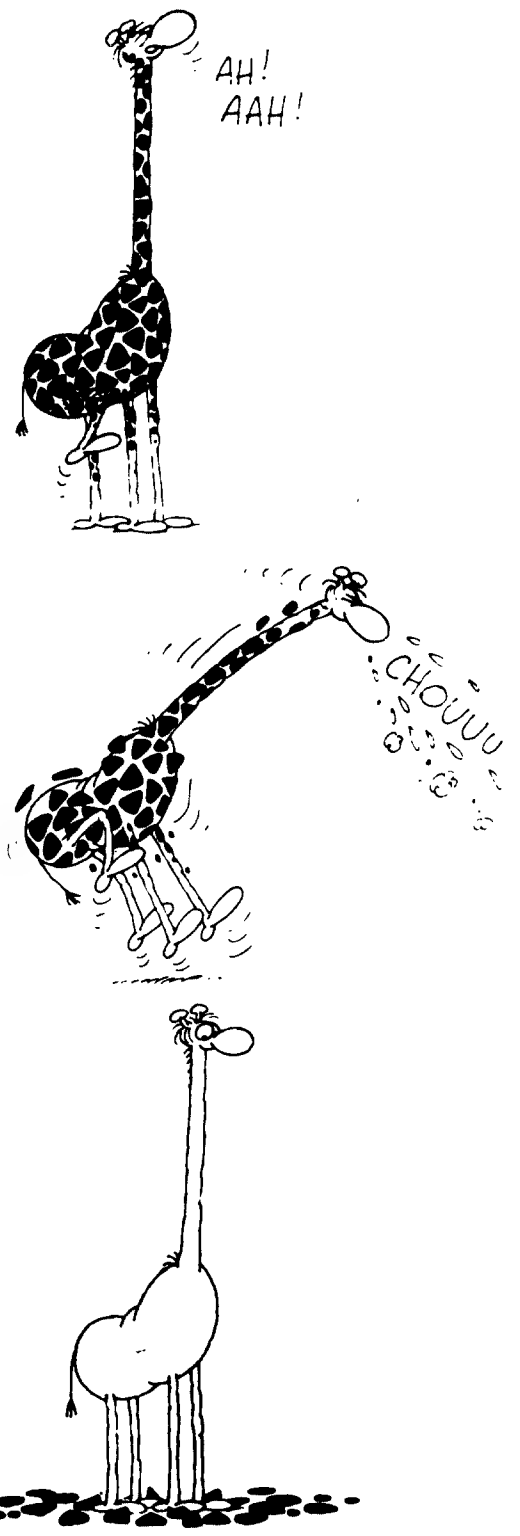
HORIZONTAIS:

1 Apregoasses.
2 Braga. Trela.
3 Roma. Acaí.
4 Avá. Aos. Avô.
5 Aden. Ápia.
6 Artigo.
7 Ás. Re. Al. DL.
8 Rume. Amei.
9 Vai. Fez. MIV.
10 Aiara. Agita.
11 Ósseo. Saial.

VERTICAIS:

1 Abrã Marvão
2 Prova. Suais.
3 Ramada. Mias.
4 Ega. Erre. Ré.
5 Ga. Ante. Fão.
6 Fó. Fé.
7 At. Saga. Zás.
8 Sra. Pola. Ag.
9 Secais. MMII.
10 Elava. Deita.
11 Saio. Olival.

MORDILLO



CINEMA E PUBLICIDADE

Que a publicidade é uma das características do nosso tempo, tempo que estamos a viver, aparece tão evidente que afirmá-lo quase envergonhada. No entanto, pode dizer-se que não é por os fenómenos estarem presentes e se imporem que os conhecemos bem, que deles estamos defendidos, que sobre eles podemos tomar posição.

Ainda há pouco tempo pensávamos nisto, quando, do Fundo de Fomento de Exportação, se insistia na tecla de mudança de orientação relativamente à publicidade do vinho do Porto. Depois de um período de publicidade genérica, que não tivera os efeitos promotores do consumo externo do vinho do Porto-qualquer-que-seja, e escorados em estudos de mercado elaborados por «barras» estrangeiros na actividade, o Fundo de Fomento, em colaboração com os exportadores, ia lançar a campanha de publicidade de marca. Queria isto dizer que a promoção não se faria ao vinho do Porto mas ao vinho do Porto X ou Y.

Na verdade, estas duas tendências defrontam-se, e relativamente a cada tipo de produto que se pretende fazer consumir o confronto apresenta características particulares e, nalguns casos, curiosas.

Publicidade do coiro, da lã, do sabão. E publicidade da cerveja Tal, mais da cerveja Aquela, dos detergentes A, B ou C. Para cada um dos casos, a descoberta dos motivos por que se utiliza esta ou aquela forma de fazer publicidade, corresponde a um verdadeiro conhecimento do ramo ou do sector, quais as relações de dominação, qual o grau de concorrência interna ou a partir de ramos ou sectores paralelos ou afins.

Vem isto a propósito de um trabalho que lemos de Alberto Cervoni, com o sugestivo título **«A «publicidade de marca» do cinematógrafo.**

«O fenómeno torna-se cada vez mais evidente. O cinema — esta coligação ou aquele organismo patronal, a Paramount, Pathé ou Fox? — difundem agora a sua publicidade de marca, a sua imagem de prestígio num certo número de jornais e pelas paredes. Este fenómeno é, pelo menos, curioso e merece que se lhe dê atenção tanto mais quanto ele é, por vezes, paradoxal, em certos aspectos, e até se opõe à evolução desse sector chave da profissão cinematográfica, tomada como um todo, que é a exploração. A exploração, quer pela multiplicação das mini-salas, quer pela criação de circuito de «arte e ensaio» (com todas as suas prudências e todos os seus equívocos), parecia seguir, parcialmente, a evolução da produção independente. Multiplicava os lugares de projecção, classificava-os, individualizava-os: melhores condições de técnica (visual e sonora) para um menor número de lugares por sala. A publicidade actual vem, a contra-senso, unificar Lelouch e Antonioni, Eisenstein e Cayate, Godard e Delannoy, Karmitz e Glauber Rocha. Dizem-nos «Vão ao cinema!», como a televisão diz querer ser mais «distractiva», ao mesmo tempo que mais publicitária. Dizem-vos «Vão ao cinema!» como vos dizem, por todos os meios, que é indispensável comer salada e ter sempre ervilhas de conserva em casa, que o açúcar é tão normal ao homem como a manteiga e o queijo lhe são úteis.»

O artigo de Cervoni parte destas considerações para alguns apontamentos sobre o cinema e a sua posição na sociedade, com interessantes observações sobre ideologia e método, a partir de exemplos sobre cinema directo, os limites do «objectivismo», e acaba por voltar ao ponto de partida, ao problema da publicidade que marca.

«No momento em que o cinema, o modo, os métodos, as opções ideológicas, as formas de produção e de distribuição, se versificam cada vez mais, uma certa publicidade de carácter capitalista pretende unificar e uniformizar. Esta publicidade não é justamente informativa (um filme de fulano, com cicrano e beltrano), mas promove («Vá ao Cinema!») não interessa qual mercadoria cinematográfica (e que o consumidor potencial seja um «quadro», Grace de Mónaco, rainha dourada da Grã-Bretanha, operário especializado ou camponês).

«Quando se ama a vida, vai-se ao cinema...»

«Seria mais útil que nos interrogássemos e reflectissemos para melhor entender como o cinema se tornou em «cinemas» diferentes e simultâneamente possíveis. Mas uma tal opção crítica terá certamente mais a ver com a ideologia e a cultura, concebida como uma necessidade fundamental que com a fabricação de falsas necessidades que a burguesia tem tantas razões económicas para fabricar.»

UM CURSO DE PLANEAMENTO REGIONAL E URBANO

O primeiro curso de planeamento regional e urbano que, com carácter, se organiza em universidades portuguesas, terá início em Outubro próximo na Universidade Técnica de Lisboa.

Seguindo a tendência de cursos congéneres estrangeiros, esta iniciativa pedagógica ocupará, em regime de meio-tempo e ao longo de quatro semestres, um número limitado de alunos que, tendo finalizado cursos de qualquer escola superior, estejam interessados numa especialização em teoria e prática de planeamento regional e urbano.

A oportunidade da formação de políticas e técnicos neste domínio não carece de justificação se se atender aos importantes problemas que põe a evolução das estruturas urbanas do país e a carência actual dos conhecimentos que podem explicar os processos que transformem o ambiente, o seu significado económico e social, assim como as alternativas possíveis.

O plano do curso que nos foi comunicado prevê que, a par de uma informação de diferentes disciplinas que será fornecida, o corpo de docentes e de alunos, na sua múltipla formação, produza um regime de trabalhos de investigação aplicada, um avanço dos conhecimentos disponíveis, ensaiando, na nossa realidade, um corpo de teorias e métodos que, noutros países, tem evidenciado grandes progressos.

O VERDADEIRO
DESODORIZANTE
PARA O SEU AUTOMÓVEL

SENTIDO PROÍBIDO
A MAUS CHEIROS

2-3 Meses de agradável e suave efeito
ÚNICO DE
EVAPORAÇÃO REGULÁVEL

FRANCE
A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS

Representante
para todo o Território Português
Sociedade Rep. S. SANTOS, LDA.
Trav. de Santana, 25 1.º Esq.º
Telef. 87 28 24 LISBOA-2

A INVESTIGAÇÃO PEDOLÓGICA NA ESTAÇÃO AGRONÓMICA NACIONAL

. A investigação realizada na Estação Agronómica Nacional no sector da Pedologia constitui um aspecto fundamental na sua actividade.

A cartografia sistemática dos solos foi por ela iniciada e adquiriu já projecção internacional.A Carta dos Solos de Portugal e a Carta de Capacidade de Uso do Solo em elaboração pelo Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário, e cobrindo já cerca de 4000000 de hectares, são orientadas por pedologistas da Estação, que têm também dirigido trabalhos desse género nas nossas províncias ultramarinas. Na sistemática e na génese dos solos da região mediterrânea Portugal ocupa lugar de destaque no concerto internacional. Vários estudos se desenvonverarn sobre física, química, mineralogia, biologia fertilidade, conservação e defesa dos solos contra a erosão, de acentuada projecção económica. Os trabalhos sobre elementos mínimos conduziram à identificação de casos de deficiências em várias culturas, cujo remedeio trouxe benefícios de muitas centenas de milhares de contos, nomeadamente do que respeita à carência de boro em vinhas e olivais. Os estudos de dessalgamento, que prosseguem, visam a recuperação de cerca de 23 milhares de hectares de solos salinos actualmente improdutivos.

Presentemente, para alem da colaboração que alguns pedologistas da estação prestam na orientação dos trabalhos cometidos ao Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário, estão em curso os seguintes projectos de investigação:

1. Melhoramento de solos

Visa fundamentalmente o estudo dos métodos que atenuem ou reduzam as limitações ou riscos no uso de unidades-solo, considerando na definição dessas limitações factores tais como capacidade produtiva, espessura efectiva, riscos e efeitos de erosão, declive, fertilidade e resposta ao uso de fertilizantes, água e capacidade de água utilizável, drenagem e riscos de inundações, estrutura, textura, pedregosidade e rochosidade, salinidade e alcalinidade.

O projecto concretiza-se nas seguintes linhas de trabalho:

a) Tecnologia de solos arenosos, em que se estudam técnicas que permitam melhorar a retenção de nutrientes, a economia de fertilizantes, orgânicos e minerais, e o combate à seca, tendo em vista o aumento da capacidade produtiva de centenas de milhares de hectares de solos do País;

b) Dessalgamento, visando o estudo de solos flúvio-marítimos argilo-linosos salinos, com o objectivo de definir as tenicas wue permitam a recuperação para a agricultura de novas terras de nível elevado de fertilidade;

c) Erosão e consesvação, tendo em vista estudar a natureza, o mecanismo e a intensidade dos processos erosivos nas principais unidades-solo, elaborar cartas de erosão, etc;

d) Drenagem, que engloba estudos destinados ao melhoramento de terras de sequeiro e de regadio com excesso de água periódicos ou permanentes que abrangem uma área total superior e meio milhão de hectares.

2. Elementos mínimos

Este projecto tem por objectivo a elaboração da Carta de Micronutrientes dos Solos de Portugal. Implica a cartografia da distribuição dos teores de micronutrientes, da sua probabilidade de ocorrência, em unidades-solo bem definidas e importantes do País. Tal objectivo, além do interesse científico óbvio visa resultados económicos imediatos, dado que o conhecimento obtido, inclusive mediante ensaios de campo, permite definir factores pedológicos limitantes de produção vegetal e animal e elaborar métodos eficazes de correcção desses factores. O projecto compreende as seguintes linhas de trabalho:

a) Métodos de micronutrientes;

b) Carta de previsão de níveis de micronutrientes;

c) Níveis de micronutrientes em solos derivados de areias de Pliocénico;

d) Níveis de micronutrientes em solos derivados de calcários;

e) Níveis de micronutrientes em solos derivados de granitos

3. Estudos pedológicos de base

Neste projecto englobam-se todos os estudos conducentes ao aumento do conhecimento pedológico, ao apoio científico dos projectos interessados na melhoria do solo. Inclui, portanto, a observação e descrição das características de solo, a investigação de mecanismos e processos, a compreensão e criação de novos métodos de análise e a afinação e concepção de nova aparelhagem, de laboratório e de campo. Engloba trabalhos nos sectores de Física do Solo, Química do Solo, Fertilidade do Solo, Génese, Classificação e Cartografia do Solo, Tecnologia do Solo, Mineralogia do Solo e Pedologia Analíctica.

TRABALHO FEMININO EM FRANÇA

França: 29 por cento das mulheres casadas activas trabalham menos de 40 horas por semana. (Usine nouvelle, 8 de Junho de 1972)

O centro de Estudos do Emprego comentou, no seu boletim, os resultados do terceiro inquérito do «Office» estatístico europeu sobre as forças do trabalho, nomeadamente no que diz respeito à duração do trabalho das mulheres. Embora reportando-se à primavera de 1970, as indicações dadas têm um certo interesse.

Nos serviços, 23 por cento das mulheres trabalham pelo menos 46 horas, essencialmente no sector comercial. Mas 24 por cento trabalham menos de 40 horas o que se explica pelo número de trabalhadoras a meio-tempo nesse sector, quando são pràticamente desconhecidas na indústria.

A comparação da duração de trabalho das mulheres casadas e das outras categorias de mulheres mostra concretamente a importância dos encargos de família acerca das condições de trabalho das mulheres. 29 por cento das mulheres casadas exercendo um emprego têm uma duração de trabalho inferior a 40 horas contra 18 por cento das outras mulheres.

Na primavera de 1970, com uma definição muito estrita do trabalho a meio-tempo, 3000.000 mulheres trabalhavam regularmente nessas condições. As hipóteses retidas são as seguintes: são consideradas trabalhando a tempo parcial ùnicamente as mulheres que declararam um horário de 15 a 34 horas. As que trabalham menos de 15 horas são consideradas como tendo uma actividade ocasional; as que trabalham 35 e 39 horas têm práticamente um estatuto de tempo inteiro.

CONSUMIRISMO

A interpretação deste vocábulo excede o dicionário. Trata-se de palavra efervescente, arrojada, no TOP da moda das gírias que toda a gente usa, sem curar da sua correspondência no mundo das coisas.

Pode ser um grito de inovação, a proclamar um CODIGO a observar por fornecedores por iniciativa dos fornecidos. Porventura um reflexo do social, e do económico na sua dimensão de desenvolvimento impar, num curto lapso de tempo de duas guerras mundiais.

CONSUMIRISMO será num mercado onde as forças tradicionais eram as da oferta e da procura, uma terceira força, a policiar certos desmandos e veleidades. Enquanto que outrora o comerciante tinha apenas em mira fazer dinheiro, hoje terá de observar regras e processos tendentes a manter, a conservar uma clientela, através da qual ganha a sua quota parte lucro.

O CONSUMIDOR exige: produtos ou serviços, de qualidade fora de toda a dúvida; ou seja com segurança total em todos os campos onde haja de inquirir-se;

O direito sagrado de escolha, sem constrangimento ou limitações de qualquer sorte; o direito de ser informado com toda a lealdade, e facilidade de controlo sem a mínima suspeição: o direito de ser ouvido, no campo nacional ou internacional, através das suas Associações de Consumidores, encimadas por uma União Internacional onde as Associações são filiadas: o direito à qualidade intrínseca a par de uma honestidade transparente como o cristal.

Como é óbvio, e se depreende, isto só faz sentido num mercado, em que a aceitação tenha sido acordada para um inteiro cumprimento das determinações votadas nas Associações dos Consumidores.

No plano do ideal, a INDUSTRIA colaborante, acorda com os representantes do CONSUMIDOR — a chave do consumo — no tocante a:

Embalagens e rotulagens profundamente honestas, com indicações claras, precisas, sem intenção de iludir, de pesos, qualidades, preços, e tempo de validade de conservação integral do produto embalado; informação total sobre o conteúdo das embalagens e, qual a sua mais racional utilização e aproveitamento, quando integral, ou conservação quando de aproveitamento por doses; literatura tendente a esclarecer e enriquecer, os conhecimentos técnicos dos utentes dos produtos em uso; propaganda a estabelecer, não para iludir o consumidor impingindo o produto que interessa ao fabricante mas, o produto que tem valor real para o consumidor.

O CONSUMIRISMO tem por missão instruir o fabricante e o comerciante de que fazem parte duma mesma sociedade em que actuam como parte integrante e, não como elementos alheios a ela, com o único fito dos ganhos de dinheiro.

Logo consumirismo será política de boa vizinhança que, procura na paz alcançar entendimento através da consciencialização do papel que respeita aqueles que velam pela nutrição dos consumidores, ou lhes prestam os serviços que tornam a vida agradável, nos intervalos das obrigações profissionais. Poderá ser perigosa arma de dois gumes quando empregada, na sua tremenda força, em acções não coincidentes, na realidade, com o bem estar do consumidor, e em sua defesa, porém servindo dúbios fins, como é próprio dos homens em todas as épocas, sem exclusão da actual.

JOSÉ ALVES

espelho da imprensa

AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS

A «Seara Nova» de Agosto último publica a seguinte nota, da autoria de António Reis, a propósito das próximas eleições para deputados:

A pouco mais de um ano das próximas eleições, o Dr. Silva Pinto, secretário de Estado do Trabalho e simultâneamente volgal da Comissão Executiva da Acção Nacional Popular, proferiu no Porto uma conferência intitulada «Breve reflexão sobre a Acção Nacional Popular» em que afirmou nomeadamente.

«Atrevo-me a pensar, que estamos na altura ideal para arrancar em força, estabelecendo um método que nos possa conduzir à existência, em Agosto de 1973, de um programa eleitoral da A. N. P., destinado a aparecer como tal durante a campanha de Outubro seguinte.

«O mês de Outubro de 1973 há-de caracterizar-se por uma acentuada vivência política já que as eleições para deputados e renovação da Câmara Corporativa e dos próprios corpos gerentes de todas as Corporações, propiciará às diversas correntes de opinião política o ensejo para tentarem conquistar postos que em larga medida contribuirão para o desenvolver da vida nacional nos quatro anos seguintes.

«Tendo como assente o reconhecimento generalizado entre os nossos de que vamos contar com a concorrência de adversários aguerridos apostados em ascender às cadeiras de S. Bento e aos postos cimeiros da organização corporativa e conscientes como estamos do dever da Acção Nacional Popular para com o País de conseguir que sejam os seus associados a ocupar uma grande maioria, senão a totalidade, desses lugares, pareceu-me oportuno reflectirmos hoje em conjunto sobre o que nos compete fazer. E em muitos pontos mais não teremos do que continuar acções em curso, acelerando eventualmente o ritmo da sua concretização. (...)»

Para conseguir tal objectivo, necessário se torna, segundo o conferencista, a elaboração prévia de um programa político.

«Em 1968, a União Nacional não apresentou um programa deste tipo, dedicando-se mais a contraditar o que o adversário dizia do que a expor ao País uma linha de pensamento enquanto organização política. Nesse aspecto, valeu-lhe ùnicamente a riqueza dos discursos do Presidente do Conselho que não era, aliás, o principal responsável pela U. N. E. tenho mesmo para mim que certos equívocos na escolha de candidatos advieram da inexistência desse programa e desse compromisso iniciais.»

Para além da apresentação um programa, a A. N. P. necessita também, segundo o Dr. Silva Pinto, de alargar a sua base de apoio social e político.

«A Acção Nacional Popular não pode ser portanto uma associação de quadros e de elementos da alta e média burguesia. Tem de contar no seu seio com diversas camadas sociais, deve usar uma linguagem que entre nos ouvidos e chegue ao coração dos trabalhadores e suas famílias, ser porta-coz dos seus legítimos anseios e forma de acesso da gente mais modesta à formulação de uma política que vive o progresso social».

Mais adiante: «A A.N.P. tem uma palavra a dizer fazendo acreditar aos trabalhadores que a política económica e laboral do Governo está carregada de sentido social e vem abrindo novos caminhos à promoção e ao bem-estar das populações.

«A A.N.P. tem igualmente de conquistar a juventude, dando ânimo a essa maioria silenciosa que na escola parece assustada e nalguns casos se mostra confusa em relação à agressividade de minorias que, contrariando as regras do jogo democrático, se apostam em servir de instrumento a tendências anarquistas que minam as estruturas da sociedade.

«Entre nós, neocapitalistas, corporativistas, socialistas moderados, não andam distantes das medidas que preconizam. De há anos têm tido acesso ao Governo ratificando providências ora de feição mais liberal, ora mais social, sem moléstia para a sua maneira de pensar. E a concepção tradicional de duas famílias políticas, uma da direita e outra da esquerda, foi perdendo razão à medida que novas concepções do jogo político implicaram maior movimentação perante o ritmo célebre do progresso e a necessidade de se corresponder aos anseios provenientes dos novos estádios do desenvolvimento. Pode bem acontecer que em Outubro de 1973 nos apareçam como adversários alguns candidatos que falem uma linguagem pouco distante da nossa».

Desta «breve reflexão» gostaríamos de extrair algumas deduções e hipóteses, já porque pela primeira vez — segundo julgamos — uma voz oficial se vem referir ao clima político das próximas eleições,já também pela sinceridade com que a mesma aborda o actual problema do enquadramento sociopolítico da A.N.P.

1. As afirmações proferidas em 1968 e 1969 pelo então principal responsável de U.N., dr. Melo e Castro, que anunciavam como «meta política» a atingir a «democracia ocidental» e com base nas quais se conseguiu a adesão de elementos liberais, estavam longe de constituir o verdadeiro programa político da U.N., antes provocaram «certos equívocos», que certamente se irão desfazer nas próximas eleições.

2. Anunciando-se para Outubro de 1973 «uma acentuada vivência política» e a «concorrência de adversários aguerridos apostados em ascender às cadeiras de S. Bento e aos postos cimeiros da organização corporativa», cabe perguntar a quem se quer referir o dr. Silva Pinto: à Oposição Democrática, à S.E.D.E.S. ou aos «nacionalistas independentes»? A primeira não será certamente, pois nunca para ela estiveram em causa as «cadeiras de S. Bento» ou os «postos cimeiros da organização corporativa»: para além de não possuir uma organização legal e de os mecanismos jurídico-políticos serem suficientemente eficazes para lhe cortar qualquer veleidade desse teor, não se compreenderia, dada a experiência acumulada de 1945 para cá, que voz tão responsável viesse exprimir receios de que tal corrente política pudesse vir a ocupar algum lugar nos orgãos em causa. Restam a S.E.D.E.S. e os «nacionalistas independentes», a primeira agrupando os «neocapitalistas» e «socialistas moderados», os segundos os mais puros «corporativistas». Dotados de organizações legais próprias e aceitando as actuais instituições jurídico-políticas, são os únicos grupos eventualmente interessados em brigar com a Acção Nacional Popular o acesso aos cargos em disputa e capazes de exercer alguma seduçao sobre o eleitorado afecto ao Regime. Só perante tal perspectiva, as palavras do dr. Silva Pinto podem revestir-se de algum sentido. O apelo para uma unificação de «famílias políticas», a minimização das distâncias que separam «neocapitalistas, corporativistas, socialistas moderados», a referência final a possíveis candidatos adversários que «falem uma linguagem pouco distante da nossa», confirmam a nossa hipótese ao mesmo tempo que indiciam uma táctica pré-eleitoral de unificação. Como, porém, tal unificação deve assentar num claro programa político para evitar os equívocos de 1969, a possibilidade do seu insucesso não é excluída, antes é tida como plausível. De qualquer das formas, só por ironia se pode admitir um êxito não total da A.N.P.

3. Paralelamente a este apelo algo contraditório a uma unificação de correntes políticas, pretende-se o alargamento da base social da A.N.P. à pequena burguesia, aos trabalhadores e à juventude. Em relação a este ponto, releve-se, antes de mais, a sinceridade do dr. Silva Pinto ao reconhecer que a A.N.P. se encontra actualmente confinada à «alta e média burguesia», e mesmo aqui, com exclusão da juventude que se encontra por conquistar no seu conjunto. Note-se subsequentemente que o secretário de Estado do Trabalho reconhece que o «sentido social» da política económica e laboral do Governo «não está imediatamente visível», tornando-se necessária a intervenção da A.N.P. para o revelar aos trabalhadores. Registemos por último a interpretação dada às «regras do jogo democrático» segundo a qual a vontade da maioria só poderá ser respeitada desde que não sirva de «instrumento a tendências anarquistas que minam as estruturas da sociedade», ou não se encontre em estado de susto ou confusão perante minorias agressivas.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

UMA OPINIÃO DA "ÉPOCA"

O chamado «Projecto de Reflexão da SEDES», documento que recentemente aqui publicámos, mereceu do jornal «Época» de 8-8-72, os seguintes comentários:

«A larga exposição da SEDES — associaçoão para o desenvolvimento económico e social — , publicada ontem na íntegra e em grande relevo pela República, tem um defeito gravissimo, uma limitação que a condena desde o início: não foi feita por portugueses. Entendamo-nos: podem ter nascido em Portugal os autores da exposição, podem ter cumprindo exemplarmente os seus deveres de cidadão, podem ser inexcedíveis no amor á comunidade nacional em que nasceram; simplesmente, o manifesto é restrito à visão europeia de Portugal, á ideia do quadrilátero antigo, á amplitude do látero antigo, à amplitude do velho Reino medieval. Seria possível, até ao século XV, confinar-se o português nesse ângulo de visão (com a dúvida legítima sobre quem já antes soubesse alguma coisa sobre ilhas ou terras firmes descobertas pelos mareantes). Mas desde então a comunidade portuguesa passou a ser uma totalidade geográfica, populacional, política e cultural, pela qual somos hoje responsáveis. Essa realidade é que é a Nação, é que é a Nação, o país que somos. Dentro dessa realidade é que há-de constituir-se o país que queremos ser.

Claro que uma associação para o estudo de problemas económicos e sociais pode limitar-se a apreciar as condições de desenvolvimento desta ou daquela parcela de uma nação. Pode estudar, por exemplo, a província do Minho, ou a de Timor, na situação presente, nas suas carências, nos seus atrasos, nos seus desvios, nos seus erros, nas suas perspectivas necessàriamente sombrias, (estas exposições são sempre sombrias...) sem falar no país que somos, no pais que queremos ser. Porque não se debruçaram sobre o País, mas apenas sobre o Minho, ou sobre Timor. Exactamente o que fizeram os autores da exposição, limitando-se ao espaço metropolitano — o que corresponde, mais do que a uma concepção circunscrita, a uma concepção amputada. Uma comunidade nacional não é apenas um somatório de territórios e povos justapostos: é um conjunto solidário de terras, de homens, de objectivos e de ideias.

Não há, em toda a longa exposição da SEDES, uma referência a assuntos do Ultramar, senão apenas a condenar-se a excessiva polarização do problema ultramarino. Como se, perante assalto desenvolvido contra uma nação, esta não tivesse, como obrigação primeira, como acto elementar da luta pela vida e pela liberdade, de centrar todos os esforços na sua defesa!

Repetimos: não foi de um ponto de vista português que se pensou e expeliu a exposição da SEDES. O País que somos e o país que queremos — não é o nosso. Não é o da Nação que se bate hoje em África, como se bateram, já neste nosso século, um Couceiro, um João de Almeida, um Azevedo Coutinho, um Pereira de Eça, um Roçadas, um Aragão. Será um pais de alguns moços com visão reaccionária da sua terra: a visão de um rico-homem de Riba-Côa do século X a manejar estatísticas do século XX. Mas não é o nosso país — o país do povo português, que se realizou e realiza para além do continente originário.

Ainda que a exposição fosse justa nas suas críticas e fundamentada nos seus propósitos, estava ferida de um mal de nascença: ser estrangeira. Mas há mais.

O primeiro aspecto significativo da exposição da SEDES é a falta de respeito com que, logo nas três linhas iniciais, se refere à recente eleição presidencial, apontando-a como correspondente a um estilo de vida que corremos o risco de prosseguir. Corremos ,o risco? Só se emprega a expressão perante uma situação que podemos e devemos evitar. Ora é preciso não ter a minima noção do sentimento da justiça para se julgar desta maneira o decénio duro, a que os expositores se referem. Não falavam certamente do respeito pela pessoa do Presidente, que tem ao longo de uma vida impecável, como cidadão, como soldado, como cultor da ciência náutica, como realizador dos primeiros grandes trabalhos na recuperação da marinha mercante, como representante supremo da dignidade nacional, um activo de serviços que o tornam credor da consideraçãc geral. Mas, para além da pessoa, é de justiça reconhecer, neste decénio de sacrifícios, que ninguém nega e a que a Nação não tem procurado fugir, uma firmeza, uma dignidade, um sentido geral de unidade na defesa do presente e do futuro, com os quais não contavam os apostadores eternos da desgraça.

Algo nos tem custado a defesa da integridade nacional. Em problemas de opção dolorosa, na ordem pessoal, o povo costuma dizer: vão-se os anéis, fiquem os dedos. A comunidade tem procedido assim: sacrifica os anéis, defende os dedos. Sofre no presente, para salvar o futuro. Não podem os povos que querem viver actuar de outra forma. Mesmo assim, e ao contrário do que a exposição pretende, o saldo do que se fez no campo económico e social é largamente positivo. Só a cegueira o negará.

No resto, a exposição não passa de um manifesto essencialmente crítico e negador e ressente-se de ter sido elaborada, não é possível negá-lo, por diferentes pessoas, de formação fundamentalmente técnica, mas imbuídas de correntes doutrinárias contraditórias, não conseguindo por isso aquela unidade essencial exigível em documentos desta natureza. Conseguir-se-ia, talvez, essa unidade no desejo de corrigir erros, de remediar males, de apressar ritmos de trabalho, de mobilizar vontades em todo o empenhamento de uma comunidade em acção, se tal estivesse realmente nos seus propósitos. Sabido como é ser esse o pensamento, o desejo, a dedicação constante do Chefe do Governo, a melhor maneira de o conseguir seria realizar em vez de gritar, cooperar em vez de agredir, procucurar caminhos em vez de arrumar caneladas.

Mas havia para isso uma condição imprescindível: falarem todos como Portugueses».

Prepare-se para todas as situações de emergência

METROPOLITANO DE LISBOA

S. A. R. L.

ADMISSÃO DE FACTORES/CONDUTORES

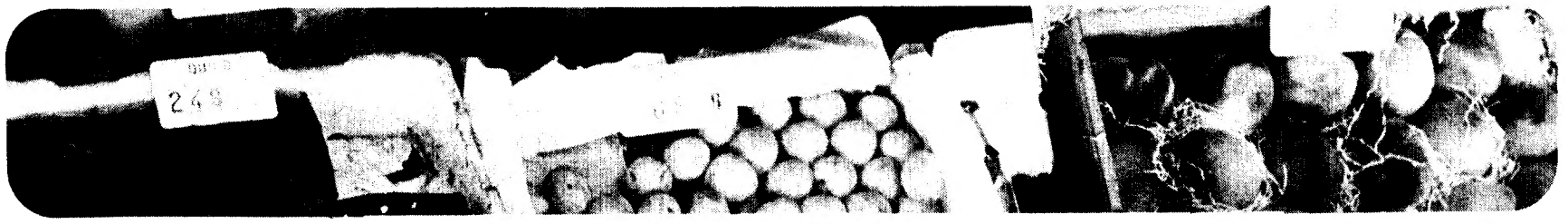
Visa-se a preparação de condutores (automotoristas), com passagem transitória por factores.

Os candidatos devem ter satisfeito as obrigações do serviço militar, ter entre 23 e 32 anos de idade e ter conhecimentos de electricidade ou mecânica ou carta de condução de transportes públicos ou pesados, constituindo condições de preferência o possuirem habilitações de escolas industriais.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses; outros benefícios.

As inscrições devem efectuar-se na Avenida Fontes Pereira de Melo, 28.

polémica



A NOSSA FRUTA É CARA?

PERGUNTA E RESPONDE A ASSOCIAÇÃO CENTRAL DE AGRICULTURA PORTUGUESA

Ainda a propósito do comentário «A fruta que (não) temos», publicado em «Mesa-Redonda» de 18 de Agosto, enviou-nos a Associação Central da Agricultura Portuguesa a carta que a seguir publicamos, bem como a resposta (a este documento e aos comentários do pomicultor de Alcobaça sr. Manuel Nogueira Silvestre) do nosso redactor Armando Pereira da Silva:

«Um comentário vosso sob o título «A Fruta que (Não) Temos» basèado em declarações do ex-secretário de Estado do Comércio, Dr. Xavier Pintado, vindo no vosso número de 18 de Agosto, deu origem a uma carta inserida em 25 de Agosto com a qual concordamos inteiramente, da autoria de um pomicultor de Alcobaça, sr. Manuel Nogueira Silvestre a quem desejamos exprimir as nossas felicitações pela maneira inteligente e rija com que defende os agricultores.

E, se o comentário do vosso jornal merece os nossos reparos não queremos deixar de agradecer a vossa isenção — aliás de longa tradição do vosso jornal — ao publicar essa carta e agora estes nossos comentários que pretendem apenas completar a carta referida com alguns elementos concretos.

Porque não encontramos elementos suficientes de preços de fruta nas publicações especializadas da FAO, das Nações Unidas e do Mercado Comum Europeu, socorremo-nos dos elementos há dias obtidos nos mercados europeus, por dois dos nossos associados e destinados a um estudo do mercado da fruta que empreenderam e que nos foram gentilmente oferecidos.

Os preços de venda ao público por kg eram os seguintes por espécies de fruta nas regiões produtoras de França (Nimes e Nice), Itália (Norte), Alemanha (Zona Sul e Munique), Austria e Suíça comparados com os nossos, do mesmo tipo de fruta e com a mesma apresentação, em venda ao público perto de zona produtora que, para o nosso caso, será Santarém.

1.º) **PÊSSEGOS:** Alemanha, 2,3 a 2,5 DM, sejam 19$70 a 21$50; França, 2 a 2,6 Franc, sejam 11$40 a 14$82; Portugal, (Santarém) sejam 6$00 a 9$00.

2.º) **PÊRAS:** (Belier, Gouioû e Rochas (Portugal): Alemanha 2,2 a 2,4 DM sejam 18$92 a 20$64; França, 1,8 a 2,2 Franc, sejam 10$26 a 12$54; Portugal (Santarém) sejam 9$00 a 10$00.

3.º, **MAÇÃS (TIPO CASANOVA E GOLDEN):** Alemanha, 1,6 a 1,8 DM sejam 13$76 a 15$48; França, 1,5 a 1,6 Franc, sejam 8$55 a 9$20; Portugal, (Santarém) sejam 6$00 a 8$00.

4.º, **UVA DE MESA:** Alemanha, 3,6 a 3,8 DM sejam 30$96 a 32$68; França, 2,7 a 2,8 Franc, sejam 15$39 a 15$96; Portugal (Santarém) sejam 6$00 a 7$00.

5.º **ALPERCE E DAMASCO:** Alemanha 2,8 a 3,2 DM sejam 24$00 a 27$52; França, 2,6 a 2,8 Franc, sejam 14$82 a 15$96; Portugal (Santarém) sejam 10$00 a 11$00.

6.º **MELÃO:** Alemanha, 1,8 a 1,9 DM sejam 15$48 a 16$34; França, 1,5 a 1,6 Franc, sejam 8$55 a 9$12; Portugal (Santarém) sejam 3$50 a 4$00.

Os preços em Itália eram sensivelmente os mesmos que em França, bem como eram na Suíça e, na Austria, sensìvelmente os mesmos que na Alemanha do Sul.

No Norte da Europa os preços são superiores.

A diferença entre os nossos preços e os europeus é tão grande que dispensa comentários.

Também lá se encontrava à venda fruta com má apresentação e aspecto mais barata que os preços que indicamos, mesmo assim, ainda com maiores diferenças para a nossa com má apresentação, ainda que melhor do que muita lá vista. A CEATA indica por exemplo para 29 de Agosto nos mercados abastecedores de Lisboa os preços mínimos obtidos para pêssegos, pêras, maçãs, uva de mesa e melão em escudos por quilo respectivamente 2, 2, 3, 2, 2 escudos onde quem quiser fruta barata se pode abastecer em grande quantidade.

Embora indiquemos os preços do mercado de Santarém, perto de uma zona produtora que equivale ao verificado nos outros países e em lojas de frutas ou mercados de venda directa ao público, o leitor pode comparar esses preços europeus com os de Lisboa e verificar como estão muito acima.

Lamentamos que uma equipa de técnicos de um ministério tenha informado tão mal o Dr. Xavier Pintado.

Essa falsa ideia de que tínhamos a fruta mais cara da Europa é possìvelmente originada pela oferta do Governo francês de excedentes de pêras e maçãs, que comprou e armazenou, vendendo-a a preços muito baixos para outros países (como já informou o pomicultor sr. Manuel Nogueira Silvestre) e da desorganização do mercado há cerca de três anos com oferta de fruta sem venda por parte de muitos agricultores antes dessa intervenção governativa.

Lamentamos que os nossos agricultores sejam criticados num sector onde precisamente trabalharam muito bem porque se conjugaram alguns elementos essenciais (boa experimentação e conhecimentos técnicos e mercado com poder de compra crescente) apesar de muitas dificuldades (necessidade de mais regas nos nossos pomares e ausência de tratos contínuos de solos com boa drenagem) e onde não têm de aprender com outros países.

De facto ganha-se hoje bom dinheiro com a fruta e ainda bem. Em algum produto isso haveria de acontecer. Todavia parece-nos que a reacção contra os nossos pomicultores se deve, para usar uma expressão popular, ao facto de muitas pessoas não poderem ver **um pobre com uma camisa lavada.**

Acrescentamos finalmente que a única fruta mais barata que a nossa na Europa era a de origem ultramarina, bananas nomeadamente, a cerca de 6 a 7 escudos o quilo. Mas isso não é culpa dos nossos produtores madeirenses e ultramarinos mas do nosso mais que deficiente e obsoleto sistema de transportes que prejudica muito a colocação dessa nossa fruta ultramarina e também da europeia nos mercados externos.»

DESFAZENDO EQUÍVOCOS OU AS RAZÕES PELAS QUAIS SANTARÉM NÃO PODE EQUIPARAR-SE A MUNIQUE

Comentário de ARMANDO PEREIRA DA SILVA

O sr. Manuel Nogueira Silvestre, pomicultor de Alcobaça, que nos enviou uma carta publicada na «Mesa Redonda» de 25 de Agosto, tem inteira razão num ponto: o autor do comentário «A fruta que (não) temos», que assinou com as iniciais **A. P.** da **S.** e acima indentificado com nome completo, não é fruticultor. E consumidor. Julga, contudo, ter o direito de o contestar quando afirma, a seguir, que o autor **«não procura estudar sempre os assuntos quando escreve»** e **«mas procura fazer sensação com coisas mais sérias do que lhe parece»**. Na verdade, o sr. Manuel Nogueira Silvestre (e não o dizemos com qualquer sentido reservado) pode descansar: procuramos sempre (o que não quer dizer que estamos isentos de errar, longe disso) ir tão longe naquilo que escrevemos quanto o nosso conhecimento dos problemas o permite (e nem sempre isso acontece); e nunca foi nosso intuito, ao longo dos anos de actividade profissional que já contamos, fazer «sensação» com a nossa ferramenta. Antes pelo contrário. E nem por isso vamos propor ao sr. Nogueira Silvestre que, pelo facto de contestar afirmações nossas, se encha de boa vontade venha solucionar muitos dos graves problemas da imprensa portuguesa. Repelimos assim, o muito usado e irrelevante estratagema de convidar os comentadores a ocupar o lugar dos antingidos. O sr. Nogueira Silvestre não foi capaz de fugir à tentação — e foi pena. Porque, no resto, nem sequer está tão longe daquilo que pensamos, como pode parecer.

UM ARTIGO ILEGÍVEL

A carta daquele pomicultor de Alcobaça responde a um comentário saído na «Mesa Redonda» em condições impróprias. Queremos dizer: o artigo deve ter fugido, não sabemos porque artes, às malhas da revisão, e foi um desastre: falta de períodos, linhas trocadas ou incompletas, frases inteiras ilegíveis, distorções de pensamento. Como, apesar de tudo, o sr. Nogueira Silvestre tece considerações e ironiza com o caso, devemos esclarecer alguns pontos: a) o autor conhece relativamente bem os trabalhos e fases diversas da produção de fruta ou de grande parte dos produtos agrícolas; b) o autor conhece, e disso tem dado conta, frequentes vezes, a situação difícil de desamparo em que se encontra, na generalidade, o agricultor português: c) o autor conhece, e disso tem dado conta, inclusive no comentário em causa, a existência de um circuito comercial inadequado, tão nocivo para a Lavoura como para o consumidor; d) o autor tem debatido, ao longo dos últimos anos, na imprensa portuguesa, os problemas que o sr. Nogueira Silvestre aponta: rendas de casa, tourada, futebol, estádios, transportes, artigos sumptuários, etc; e) o autor não acusa o lavrador de destruir pomares ou deixar apodrecer a fruta nos armazéns: mas tem conhecimento concreto de intermediários e comerciantes que o fazem. Era isso o que queria dizer: intermediários que adquirem pomares e não colhem a fruta e comerciantes que a deixam apodrecer para não «aviltar» os preços; **f)** o autor tem conhecimento directo de «cooperativas fruteiras» regidas por normas que impedem, na verdade, a entrada de grande número de produtores, alegando falta de instalações capazes de acolherem toda a produção, ou impondo razões que respeitam a um mínimo de produção ou de área disponível para a mesma. Ou ainda outras que servem, na verdade, para transformar essas (não dizemos todas) cooperativas em meras empresas de produção, as quais não respondem aos princípios cooperativos tal como os entendemos: defesa de uma melhoria e «moralização» do mercado e não um estratagema mais forte para opôr a produção ao consumo;

g) procurámos, ainda, salientar, servindo-nos das próprias palavras do secretário de Estado da Agricultura, que alguns produtores organizados em «cooperativas» estão a receber preços de custo que o mercado consumidor não pode, lógicamente, suportar, superiores duas e três vezes àqueles que os agricultores do Mercado Comum recebem. Ao fazermos esta afirmação, servimo-nos de dados e afirmações oficiais produzidos ao longo dos últimos anos.

Procurámos, portanto, reapontar aquilo que consideramos serem defeitos de todo o sistema, e fazer sentir **que o consumidor não pode, eternamente, pagar as custas desses defeitos ou erros cometidos**. Portanto, quando falamos em «economia agrícola» errada de base, não nos referimos sómente à produção. E assim julgamos ficar devidamente esclarecidos.

«A NOSSA FRUTA É CARA?»

A pergunta é da Associação Central da Agricultura Portuguesa, e serve de título à carta que hoje publicamos. A nossa resposta mantém-se: é cara, sim senhor. E cara para o consumidor, sem capacidade económica para suportar os preços respectivos. E a produção é-lhe dirigida, devendo o equilíbrio ser estabelecido, com honra para as duas partes, por quem de direito.

Pouco mais poderemos responder à Associação Central. Só lhe perguntamos, já agora, se o nível de vida do consumidor francês, alemão, italiano ou suíço é o mesmo que o do consumidor português; só lhe perguntamos se o critério seguido — o dos preços praticados em centros urbanos próximos da produção — tem algum significado nesses países, onde o mercado se encontra organizado a nível nacional, quando não, mesmo, a nível supranacional. Quer dizer: os preços praticados em Nice ou em Paris são aproximadamente os mesmos. Perguntamos, ainda, se a Associação considera legítimo ou significativo o indicador de Santarém, cidade sem indústria, de economia predominante agrícola, com um mercado consumidor insignificante, vivendo, no que a frutas diz respeito, ou a outros produtos da Lavoura, da produção sazonal.

Não pretenderá a Associação Central iludir o problema? A qualidade da fruta vendida em Santarém será a mesma daquela que é vendida em Munique ou em Nice? As possibilidades de aquisição do consumidor de Santarém serão as mesmas? As necessidades do mercado de Nice (ou de outro dos centros indicados) poderão sofrer comparações? Não lhes parece que a cidade de Lisboa, por exemplo, seria um indicador mais seguro para o grupo de trabalho de que a Associação fala? E, c'os diabos, até podemos considerar que a capital portuguesa se encontra numa zona de produção fruteira...

mesa redonda